

**ESTUDOS DO**  
**LEXICO**  
**GERAL E ESPECIALIZADO**  
**TEORIAS E APLICAÇÕES - VOLUME II**

**Organização**

**Georgiana Márcia Santos**

**Luís Henrique Serra**

**Theciana Silva Silveira**





**ESTUDOS DO LÉXICO GERAL E ESPECIALIZADO**  
**TEORIAS E APLICAÇÕES**  
**VOLUME II**

### ***Comissão Editorial***

Ma. Juliana Aparecida dos Santos Miranda

Ma. Marcelise Lima de Assis

### ***Conselho Editorial***

Dr. André Rezende Benatti (UEMS\*)

Dra. Andréa Mascarenhas (UNEB\*)

Dra. Ayanne Larissa Almeida de Souza (UEPB)

Dr. Fabiano Tadeu Grazioli (URI) (FAE\*)

Fernando Miramontes Forattini (Doutorando/PUC-SP)

Dra. Yls Rabelo Câmara (USC, Espanha)

M. Marcos dos Reis Batista (UNIFESSPA\*)

Dr. Raimundo Expedito dos Santos Sousa (UFMG)

Ma. Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA\*)

Nathália Cristina Amorim Tamaio de Souza (Doutoranda/UNICAMP)

Dr. Washington Drummond (UNEB\*)

Me. Sandro Adriano da Silva (UNESPAR\*)

\*Vínculo Institucional (docentes)

Georgiana Márcia de Oliveira Santos  
Luís Henrique Serra  
Theciana Silva Silveira  
**Organizadores**

**ESTUDOS DO LÉXICO GERAL E ESPECIALIZADO**  
**TEORIAS E APLICAÇÕES**  
**VOLUME II**



Catu, Ba  
2021



© 2021 by Editora Bordô-Grená  
Copyright do Texto © 2021 Os autores  
Copyright da Edição © 2021 Editora Bordô-Grená

TODOS OS DIREITOS GARANTIDOS. É PERMITIDO O DOWNLOAD DA OBRA, O COMPARTILHAMENTO E A REPRODUÇÃO DESDE QUE SEJAM ATRIBUÍDOS CRÉDITOS DAS AUTORAS E DOS AUTORES. NÃO É PERMITIDO ALTERÁ-LA DE NENHUMA FORMA OU UTILIZÁ-LA PARA FINS COMERCIAIS.

*Editora Bordô-Grená*  
<https://www.editorabordogrena.com>  
[bordogrena@editorabordogrena.com](mailto:bordogrena@editorabordogrena.com)

*Projeto gráfico:* Gislene Alves da Silva  
*Capa:* Keila Lima de Assis  
*Edição e revisão:* Editora Bordô-Grená

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecário responsável: Roberto Gonçalves Freitas CRB-5/1549

E82

**Estudos do léxico geral e especializado** : [Recurso eletrônico]:  
teorias e aplicações / Organizadores Georgiana Márcia de Oliveira  
Santos; Luís Henrique Serra; Theciana Silva Silveira. – Catu:  
Bordô-Grená, 2021.

1913kb, V.II (195fls.)

Livro eletrônico  
Modo de acesso: Word Wide Web  
<[www.editorabordogrena.com](http://www.editorabordogrena.com)>  
Incluem referências

ISBN V.I: 978-65-87035-56-7 (e-book)  
ISBN V.II: 978-6587035-55-0 (e-book)

1. Linguística. 2. Ensino. 3. Discurso. I. Título.

CDD 410  
CDU 41

Os conteúdos dos capítulos são de absoluta e exclusiva responsabilidade dos autores.





## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
<i>Luís Henrique Serra, Georgiana Márcia de Oliveira Santos e Theciana Silva Silveira</i>	
NEOLOGISMOS TERMINOLÓGICOS NA LITERATURA: UMA ANÁLISE DE SUAS FORMAÇÕES A PARTIR DOS ARTEFATOS MÁGICOS DE <i>HARRY POTTER</i>	18
<i>Ariane Vicente Mota</i>	
SISTEMATIZANDO O SISTEMA: UMA ANÁLISE DO ITEM LEXICAL “SISTEMA” EM CORPORA ESPECIALIZADOS DAS ÁREAS ENGENHARIA BIOMÉDICA E PRODUTOS PARA A SAÚDE	35
<i>Márcia de Souza Luz-Freitas e Pâmela Teixeira Ribeiro</i>	
O VOCABULÁRIO ACADÊMICO NA POLÍTICA NACIONAL DE QUALIFICAÇÃO NO TURISMO (PNQT)	54
<i>Joni Márcio Dorneles Fontella e Rosemary Irene Castañeda Zanette</i>	
LINGÜÍSTICA DE CORPUS NO ENSINO DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS: SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM FOCO EM VOCABULÁRIO E A PERSPECTIVA DOS ALUNOS DE TECNOLOGIA EM MANUTENÇÃO DE AERONAVES	72
<i>Daniela Terenzi</i>	
A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO LEXICAL DE ALUNOS DA ÁREA DA SAÚDE	95
<i>Lúcia Helena Ferreira Lopes</i>	
ESTUDOS DO LÉXICO NO PROJETO GEOLINTERM: DUAS DÉCADAS DE PESQUISA NO NORTE DO BRASIL	113
<i>Davi Pereira de Souza e Carlene Ferreira Nunes Salvador</i>	
ITENS LEXICAIS: PONTOS DE APROXIMAÇÃO EM CINCO LÍNGUAS	132
<i>Fábio Henrique de Carvalho Bertonha</i>	
<i>CACHAÇA, CERVEJA E CONHAQUE</i> : FOTOGRAFANDO O LÉXICO DOS SINAIS DAS BEBIDAS EM SÃO LUÍS-MA	145
<i>Oséias de Queiroz Santos e José de Ribamar Mendes Bezerra</i>	
RAIO, RELÂMPAGO E TROVÃO: VARIAÇÃO SEMÁTICO-LEXICAL ENTRE SALVADOR E CURITIBA NOS DADOS DO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL (ALiB)	165
<i>Genivaldo da Conceição Oliveira</i>	

HIDROTOPÔNIMO ITAPECURU MIRIM: O “Mito do Caminho de Pedras Miúdas” <i>Tiago de Oliveira Ferreira</i>	181
SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS	194
SOBRE OS ORGANIZADORES	198



## APRESENTAÇÃO

PROCURA DA POESIA

(...)

Penetra surdamente no reino das palavras.  
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.  
Estão paralisados, mas não há desespero,  
há calma e frescura na superfície intata.  
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.  
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.  
Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam.  
Espera que cada um se realize e consume  
com seu poder de palavra  
e seu poder de silêncio.

(...)

Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?

(ANDRADE, 2000, p. 14-15).

No aclamado livro *Rosa do Povo*, o eu-lírico de Carlos Drummond de Andrade revela um reino feito de palavras em que todas esperam ansiosas por serem conhecidas e usadas. No lugar mencionado no poema drummoniano, a palavra não está completa, vive aguardando o desespero, a quebra da calma da superfície, do seu estado de surda e muda, do seu estado de dicionário. E tudo isso só poderá ser quebrado na prática da interação, no resgate de toda a riqueza de possibilidades que todo usuário pode fazer nos complexos processos de interação cotidianamente.

Esse fragmento da poesia de Drummond destaca, assim, uma característica importante da palavra, como elemento da estrutura linguística e da prática comunicativa. A palavra está sempre pronta para servir de unidade mínima para a comunicação em diferentes contextos, sejam os da comunicação trivial e rotineira, sejam os da complexidade do universo

científico e acadêmico. Essa unidade, dada a amplitude de sua importância na comunicação humana, é um elemento indispensável para a própria organização e sobrevivência dos seres humanos, pois, como nos explica Biderman (2002), em seu clássico texto “As ciências do léxico”, a palavra simboliza o percurso inicial da cognição humana, elemento indispensável para o desenvolvimento do animal homem frente aos outros animais.

É importante lembrar, nesse sentido, que o universo léxico de uma língua natural é como uma constelação de elementos que revelam uma realidade complexa, que está alinhada à própria existência humana e, por isso, muitos são os fenômenos concernentes à palavra. Na Linguística, o conjunto de disciplinas que ficaram conhecidas como Ciências do Léxico têm apresentado inúmeras concepções e tratamentos sobre a palavra. Desse modo, diferentes unidades linguísticas têm sido estudadas e reconhecidas com as mesmas características de uma unidade léxica, o que tem enriquecido as discussões sobre a natureza da palavra e sua importância para o homem.

Com o advento de diferentes visões e discussões sobre a língua e a linguagem, também têm se avolumado a quantidade de análises e discussões sobre a palavra, o que têm mostrado a vitalidade das disciplinas que se reúnem no epíteto as ciências do léxico. Nesse sentido, a presente coletânea foi criada com o objetivo de trazer à tona a vitalidade das discussões sobre a palavra em suas diferentes dimensões e perspectivas. Nos últimos anos, muitas têm sido as coletâneas, livros e artigos publicados em anais de evento e em revistas acadêmicas tanto em âmbito nacional quanto internacional, mostrando a importância do componente linguístico palavra para as discussões no âmbito da linguística de um modo geral.

Pesquisas sobre o léxico são feitas em praticamente todas as regiões do Brasil. Disciplinas de graduação e pós-graduação são ministradas em muitos cursos de graduação e em programas de pós-graduação em Letras e em outras áreas que dialogam diretamente com a grande área da linguística, como as ciências da comunicação e o ensino. A coletânea *As Ciências do Léxico* está chegando à sua décima edição com valiosas contribuições, sem considerar os incontáveis números especiais organizados por pesquisadores

da área do léxico nos diferentes periódicos da área da Linguística, em especial.

Muito embora ainda haja esse grande volume de produções acadêmicas e de divulgação sobre o léxico, não se conhece com profundidade a diversidade de estudos sobre o léxico realizados nas diferentes regiões do país. Tendo em vista que o léxico é o reflexo direto da realidade cultural e cognitiva de uma sociedade, conhecer estudos e dados de diferentes regiões do país e fora dele é sempre muito importante e enriquecedor.

Nesse sentido, a presente coletânea foi criada com o objetivo de trazer à tona a vitalidade das discussões sobre a palavra em suas diferentes dimensões e perspectivas no país, reunindo textos de diferentes regiões brasileiras, com temas variados e com dados de pesquisadores reconhecidos e em formação dentro dos estudos do léxico, trazendo contribuições tanto para o público iniciante quanto para especialista em estudos lexicais que se interessem pelo léxico e suas diferentes questões.

Considerando a expressiva variedade dos estudos do léxico e o número de contribuições que foram recebidas para esta coletânea, esta obra busca evidenciar, primeiramente, as duas principais dimensões dos estudos do léxico: os estudos do léxico geral e os estudos do léxico especializado. Com essa divisão, buscamos organizar as pesquisas desta coletânea em dois grandes grupos que consideram dois contextos importantes de análise do léxico: (i) a palavra em contextos triviais, educativos, recolhida em contextos específicos e históricos e (ii) a palavra no contexto científico, acadêmico e profissional.

É importante mencionar que, para além de textos que analisam dados do léxico, a coletânea também apresenta textos teóricos que refletem sobre o *status* e as teorias que estudam o léxico, ampliando o escopo do conjunto de textos aqui apresentados.

Nesta coletânea, são apresentados dez textos que analisam o léxico geral e especializado de maneiras diferentes, focalizando diferentes aspectos do léxico, a partir de abordagens igualmente diversas. Os seis primeiros textos deste volume são estudos sobre o léxico especializado, que tratam de temas como a terminologia utilizada no livro do Harry Potter, a

terminologia da área da Biomedicina, do turismo e da aeronáutica. Esses universos são estudados por meio de fenômenos como a diversidade conceitual e denominativa, do ensino de terminologias técnico-científicas para fins específicos, assim como da neologia literária. Há também um texto de análise das produções de um importante projeto de pesquisa da região norte do Brasil, projeto que tem marcado os estudos terminológicos da região.

Os últimos quatro textos analisam o léxico geral a partir de temas igualmente diversos, como a variedade lexical e a evolução histórica e social de itens do léxico falada e sinalizado. Nesse sentido, temas como a tradução de itens lexicais, a diversidade de sinais para bebidas em São Luís do Maranhão, a diversidade de itens lexicais para raio, relâmpago e trovão no Atlas Linguístico do Brasil, assim como a diversidade de denominações dadas a um município do Maranhão ao longo da história da formação do estado são temas que são tratados neste último, mas não menos importante, quarteto que abrilhanta este volume.

Por fim, gostaríamos de agradecer a todos os acadêmicos e pesquisadores de instituições de ensino superior de diferentes regiões do país que atenderam ao convite feito pela equipe de organizadores para uma discussão ampla sobre o léxico geral e especializado. As reflexões suscitadas pelos trabalhos de vocês, acrescentam um valor inestimável.

Aos leitores e curiosos deste livro, cumpre fazer o convite para o deleite da leitura de trabalhos que abrem uma janela importante para os estudos linguísticos. Retomando o poema de Drummond, o convite para acessar o reino das palavras está feito, chegue mais perto e folheie as páginas deste livro e adentre na diversidade das palavras. Convidamos os leitores para um universo rico de sentidos, contextos, histórias e identidades que foi cristalizado nas palavras dos usuários da língua portuguesa. Tome sua chave, que, no caso, é a curiosidade e o interesse por discussão acerca da palavra, e deleite-se com esta obra que chega ao grande público, em especial, aos estudiosos/apaixoados pelos estudos do léxico geral e especializado.

Desejamos que os dois volumes desta coletânea se somem a muitas outras produções do universo dos estudos da palavra e tragam contribuições pertinentes e importantes para a área dos estudos do léxico de uma maneira

geral. Que, por meio dos dois volumes, o leitor possa encontrar diálogos e leituras importantes para a formação acadêmica e humana, visto que o objeto principal dos estudos aqui reunidos - a palavra - é um dos principais eixos da formação do homem como um ser de linguagem.

Luís Henrique Serra  
Georgiana Márcia de Oliveira Santos  
Theciana Silva Silveira

#### REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. *A rosa do povo*. 21ª ed. São Paulo: Record editora, 2000.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *As ciências do léxico*. In. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2ª ed. Campo Grande: MS: Ed. UFMS, 2002,13-22.



## **ESTUDOS DO LÉXICO ESPECIALIZADO**

# NEOLOGISMOS TERMINOLÓGICOS NA LITERATURA: UMA ANÁLISE DE SUAS FORMAÇÕES A PARTIR DOS ARTEFATOS MÁGICOS DE *HARRY POTTER*

Ariane Vicente Mota

## INTRODUÇÃO

A língua é, por assim dizer, um meio no qual geram-se inesgotáveis significados. Através dela criam-se mundos, faz-se a leitura do já existente, e apreendem-se realidades. Quando esta se alinha ao discurso literário, ou melhor, ajuda a formá-lo, suas combinações e sentidos aumentam exponencialmente. Isso porque, o discurso literário não busca unicamente transmitir uma informação ou ideia, mas, também, uma atemporalidade, uma universalidade, sobrepondo o ficcional ao real.

Para isso, o autor faz uso da língua comum elaborando-a, organizando-a e reestruturando-a, de modo a dar ao seu texto a expressividade desejada. Assim, o autor brinca com as posições das unidades lexicais, invertendo sintagmas, por exemplo, ou cria novas unidades. Estas colocações e formações moldam, de certa maneira, a identidade do autor, como é o caso de Guimarães Rosa e seus neologismos.

No entanto, não só do discurso literário vive a língua. Ela permite a formação de discursos mais referenciais, como o especializado, no qual faz-se essencial a comunicação entre seus usuários. Assim como o discurso literário, o especializado tem as suas particularidades, e suas unidades lexicais (os termos) também são elaboradas quando necessário, formando os neologismos terminológicos (ou neônimos).

Considerando as teorias sobre formação de palavras, processos de formação de neologismos e os estudos terminológicos, este trabalho busca analisar unidades lexicais da série de livros *Harry Potter*. Para tal, tem-se em mente que o discurso literário pode ser composto por termos, uma vez que ao se criar mundos e realidades, é preciso nomeá-los. Dada a função do

termo - a de denominar conceitos - e o caráter de novidade em que estes aparecem na obra, os termos aqui presentes serão vistos como neologismos terminológicos. Isto posto, buscar-se-á analisar os processos de formação de tais unidades na sua língua de origem, o inglês, verificando se estes neônimos cumprem com o que é esperado pela Terminologia. Depois disso discutido, passar-se-á para a tradução destes termos, não com o objetivo de propor novas traduções, mas de avaliar se os processos são (ou não) os mesmos.

## NEOLOGISMOS E NEÔNIMOS

(...) o inventário lexical é constituído por grandezas-signos, surgidas da necessidade que tem um grupo de apreender o 'real', de analisar, recortar, classificar e organizar o potencial de informações dos dados da experiência - *contínua* - com que se defronta, para elaborar, constantemente reelaborar e sustentar seus sistemas de valores, sua 'visão de mundo', um mundo linguística e semioticamente construído. (BARBOSA, 2001, p. 34)

Conforme o exposto, a língua é um meio no qual realidades e visões de mundo podem ser explicadas, apreendidas e construídas. No entanto, algumas realidades são como lacunas no nível linguístico e precisam ser nomeadas. Quando isso ocorre, tem-se o momento ideal para a elaboração de neologismos.

Segundo Rey (1976 apud Correia, 1998, p. 61) neologismo é “uma unidade de léxico cuja forma significativa ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua”. Neste sentido, a neologia, cujo objeto de estudo é o neologismo, discute a renovação do léxico a partir da criação ou incorporação de unidades novas.

Isso posto, têm-se os tipos de neologia postos por Guilbert (1975 apud Correia, 1998, p. 61-2): a denominativa, a criação neológica estilística,

a neologia da língua, e o poder gerador de elementos constituintes. A neologia denominativa é aquela que é resultado da necessidade de nomear novas realidades; a criação neológica estilística é mais presente no discurso literário, uma vez que corresponde a uma busca de maior expressividade do discurso; a neologia da língua é aquela cujas unidades lexicais não despertam sentimento de novidade, mas também não são registradas nos dicionários; e, por fim, o poder gerador de elementos constituintes é aquele no qual unidades lexicais “ficam na moda” gerando novas construções.

Além dos tipos de neologia, há ainda a classificação dos níveis dos neologismos, ou seja, os seus processos geradores: neologismo fonológico, sintagmático, semântico e aloenético. Segundo Alves (1990) o neologismo fonológico é aquele cujo significante é totalmente inédito, ou seja, é criado sem base em nenhuma unidade já existente. Já o neologismo sintático é aquele que supõe a combinação de elementos já existentes, podendo ser formado, em português, a partir da composição ou da derivação (prefixal ou sufixal). O neologismo semântico é aquele que não apresenta nenhuma mudança formal nas unidades lexicais existentes, o que ocorre é uma mudança nas características referentes a elas. Por fim, o neologismo aloenético diz respeito a uma unidade lexical nova emprestada de outro sistema linguístico.

Estas classificações dos neologismos são feitas tendo em mente a chamada língua comum ou língua corrente. Quando se trata do discurso especializado, ou seja, do sistema de comunicação oral ou escrito, usado por especialistas de uma determinada área do conhecimento (Barros, 2004, p. 42), discute-se sobre a formação de neologismos terminológicos ou neônimos. Estes possuem sua “(...) criação motivada, ditada pela necessidade de denominação inerente ao desenvolvimento das ciências e das técnicas” (Alves, 2001, p. 29). Dada a sua necessidade, os neônimos tendem, idealmente, a uma relação unívoca entre designação e conceito, determinando o caráter denotativo dos elementos<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> No entanto, esta univocidade não impede a criação de outras unidades lexicais para um mesmo conceito.

No que diz respeito à formação dos neologismos terminológicos (que são de tipo denominativo, uma vez que a sua função é nomear novas realidades), têm-se os mesmos processos postos acima, diferenciando apenas a frequência com que cada um ocorre. Neste sentido, o número de neologismos sintagmáticos é maior do que o de neologismos semânticos, por exemplo. Ainda de acordo com Alves, ao contrário dos neologismos de língua comum, os neologismos terminológicos tendem a ser criados a partir de formações sintagmáticas compostas por dois ou mais elementos que integram uma unidade complexa, de modo a corresponder a um único conceito. Não se pode, porém, esquecer que as frequências de classificações dos neônimos dependem do discurso especializado que eles pertencem. Se tratando da informática, por exemplo, a presença de neologismos alogenéticos é maior do que em outras áreas.

Além disso, conforme aponta Cabré (1993, p. 206), os neologismos terminológicos não podem deixar de ter as características esperadas de um termo, isto é, ausência de ambiguidade, univocidade, pertencimento de uma área específica, estabilidade e conformidade com os modelos de termos existentes.

Por fim, visto que os neologismos terminológicos surgem da necessidade de nomear conceitos e que estes devem ser entendidos por todos os usuários de um determinado discurso de especialidade, a autora ainda apresenta algumas condições linguísticas e sociolinguísticas para garantir a efetiva implementação dessas criações. No que tange as condições linguísticas, tem-se que as unidades devem denominar um conceito estável, delimitado previamente de maneira explícita, mantendo uma relação de univocidade; devem ser as mais breves e concisas possíveis; devem ser criadas conforme as regras do sistema linguístico, o qual os termos farão parte; devem ser transparentes; devem poder ser base para palavras derivadas; e devem ser criadas conforme os sistemas fonológico e gráfico da língua.

Já como condições sociolinguísticas tem-se que as criações neológicas devem ser resultado de uma necessidade, ou seja, nomear um novo conceito, evitar formas coocorrentes ou substituir uma forma

insatisfatória. Além disso, elas não devem ter conotações negativas ou associações inconvenientes, e devem poder ser memorizadas com facilidade.

## TERMOS NO DISCURSO LITERÁRIO

Haja vista o que foi apresentado sobre os neologismos de língua comum e os terminológicos, serão discutidos, agora, os processos de formação de criações lexicais presentes na série de livros *Harry Potter*. Foram escolhidos para isso termos referentes a artefatos mágicos, posto que são objetos que não existem fora do universo dos livros, e, portanto, denominam uma nova realidade.

Entretanto, antes de se analisar tais unidades lexicais, estejam elas em inglês ou em português, é preciso discutir sobre o estatuto do termo na literatura. Segundo Barros (2004, p. 40), o termo é “uma unidade lexical com um conteúdo específico dentro de um domínio específico”, isto é, designa um conceito específico dentro de um domínio especializado. Cabré (1999, p. 120) aponta o caráter poliédrico do termo dado o seu uso em contextos e situações adequados e diz que a unidade lexical torna-se termo “em um contexto expressivo e comunicacional específico” (p. 124). Neste sentido, é preciso considerar o discurso no qual a unidade lexical se encontra para classificá-la como termo. Isto posto, fica-se a dúvida se o discurso literário possui termos ou não, uma vez que ele está longe de ter uma função referencial como tem, idealmente, os discursos especializados.

Zavaglia (2010, p. 24) em um dos seus trabalhos discute sobre o estatuto do termo no discurso literário e aponta:

Assim como as unidades lexicais são plurifuncionais (Barbosa, 2006), podendo funcionar ora de uma maneira, ora de outra, os textos são também pluridiscursivos, ou seja, um texto especializado pode conter passagens de alta densidade poética, assim como um texto literário pode conter passagens de alta densidade terminológica (...) o texto literário não poderá ser, de fato, considerado especializado apenas por conter unidades lexicais especializadas. Porém, como essas unidades aparecem em textos literários, é necessário indagar-se a respeito, não mais do ponto de vista do texto (especializado ou não especializado?), mas do ponto de vista das unidades lexicais especializadas que conferem ao texto literário a sua verossimilhança.

Considerando o que foi dito, este trabalho não pretende ver o texto literário como um discurso especializado, mas o vê de forma não homogênea, já que sua construção permite fazer-se uso de mais de um tipo de discurso, o que possibilita a leitura de algumas unidades lexicais como termos.

É importante ressaltar aqui que este trabalho tem como base um discurso literário pautado no gênero fantasia. Este pode implicar na criação de novos mundos que independem do que é considerado real ou não fora da literatura. Sendo assim, não basta ver as obras de *Harry Potter* somente como discurso literário *per se*, mas também ver o que elas representam. Com a criação de um novo universo, a autora da obra, J.K. Rowling, elaborou também novos conceitos e discursos (o que inclui, também, o especializado). Logo, *capa de invisibilidade* seria um vocábulo como qualquer outro dentro da obra, porém, se pensarmos que dentro deste discurso, têm-se outros como os presentes nos livros da biblioteca de Hogwarts, *capa de invisibilidade* passa a ter valor de termo. Com isso, as próximas discussões considerarão as unidades a serem analisadas como termos.

## FORMAÇÃO DE NEOLOGISMOS TERMINOLÓGICOS

Uma vez considerada as unidades lexicais a serem discutidas como termos, é preciso explicitar porque eles serão tratados como neologismos terminológicos. Todos os termos selecionados para análise designam artefatos mágicos, o que implica, portanto, em criações mágicas. Além disso, parte delas foram desenvolvidas por personagens no decorrer da obra, o que dá a estes objetos um caráter de novo tanto para aquele que o lê, quanto para os personagens que vivem naquele universo. Sendo assim, estarão presentes neologismos terminológicos que designam tanto artefatos das

“Gemialidades Weasley”<sup>2</sup>, quanto de outros desenvolvedores, por assim dizer. Tem-se como neônimos:

*Quadro 1:* Neologismos terminológicos em inglês e em português

<b>Neologismo terminológico em inglês</b>	<b>Neologismo terminológico em português</b>
Pensive	Penseira
Howler	Berrador
Invisibility cloak	Capa de invisibilidade
Ton-tongue toffes	Caramelo incha-língua
Shield hat	Chapéu escudo
Fever fudge	Febricolate
Reusable hangman	Forca reciclável
Skiving snackbox	Kit mata-aula
Extendable ears	Orelhas extensíveis
Spell-checking quill	Pena auto-revisora
Self-inking quill	Pena caneta-tinteiro
Smart-answer quill	Pena resposta-esperta
Punching telescope	Telescópio esmurrador
Puking pastilles	Vomitilha
Quick-quotes quill	Pena de repetição rápida

*Fonte:* da autora

<sup>2</sup> As “Gemialidades Weasley” ou “Weasley’s Wizard Wheezes” é uma loja criada por dois personagens da obra, Fred e Jorge Weasley, que vende produtos variados desenvolvidos por eles.



Os neologismos terminológicos serão discutidos, primeiramente, em inglês, pois foram elaborados nesta língua. Como já dito, os neônimos devem ser criados seguindo as regras de composição do sistema linguístico, o qual ele fará parte. Logo, faz-se necessário uma breve revisão dos processos de formação de palavras em inglês, para saber se os mesmos ocorrem para a criação dos neologismos terminológicos.

Segundo Lieber (2005, p. 347), as unidades lexicais em inglês podem ser formadas por composição, derivação, conversão, blending, clipping, e derivação regressiva, sendo os três primeiros os mais produtivos. Szymanek (2005, p. 430), por sua vez, apresenta os processos mais comuns utilizados para a formação de neologismos e indica a derivação como o mais produtivo, seguido da composição (principalmente a endocêntrica).

Os compostos em inglês podem ser de dois tipos: *root compound* ou *synthetic compound*, ambos com alta produtividade. Os *root compounds* são aqueles cuja segunda base não é um deverbais, assim tem-se como possibilidade de formação<sup>3</sup>: S+S; S+A; A+A; A+S; A+V; S+V; V+S; V+V, sendo os quatro primeiros os mais comuns. Além disso, esse composto é classificado como endocêntrico, e é visto como hipônimo da sua segunda base, por exemplo *sky blue* é um tipo de azul. Logo, tem-se na primeira base o determinante, e na segunda, o determinado.

Dentre os neologismos terminológicos listados anteriormente, alguns são *root compounds*. São eles: reusable hangman, extendable ears, shield hat, fever fudge, invisibility cloak, skiving snackbox, punching telescope, puking pastilles.

Dado o que foi posto em relação às características dos *root compounds*, pode-se dizer que estes neologismos terminológicos seguem o esperado para tal formação. Nenhum deles tem na segunda base um deverbais, tanto o *reusable hangman* quanto o *extendable ears* são A+S, ao passo que os demais são S+S, fazendo presente a relação hiponímica entre o que o termo designa e a sua segunda base.

---

<sup>3</sup> A saber, “S” – substantivo; “A” – adjetivo; “V” – verbo.

É interessante notar que a maior parte destes compostos tem na primeira base um deverbal:

- a) reusable hangman  
extendable ears
  
- b) skiving snackbox  
punching telescope  
puking pastilles

No primeiro grupo, têm-se adjetivos formados a partir do sufixo -able. De acordo com Spencer (2005, p. 88), esta construção é altamente produtiva em verbos transitivos, no caso *use* e *extend*. Já no segundo, têm-se nominalizações a partir do -ing. Estas, ainda com base no mesmo autor, ocorrem nos verbos que não são nominalizados a partir de outros sufixos como -(t)ion ou -ment (tem-se *destruction*, mas não *destrucing*). Nem *skive*, nem *punch* e *puke* possuem tais nominalizadores.

Voltando para a lista dos neologismos terminológicos presentes em *Harry Potter*, têm-se aqueles compostos cuja primeira base é formada por um composto e a segunda por um substantivo:

- ton-tongue toffes
- smart-answer quill
- quick-quotes quill
- self-inking quill
- spell-checking quill

Estes podem ainda ser divididos em dois grupos:

- a) ton-tongue toffes  
smart-answer quill  
quick-quotes quill
  
- b) self-inking quill  
spell-checking quill

Tanto *ton-tongue toffes*, quanto *smart-answer quill* e *quick-answer quill* tem na primeira base um *root compound* ou do tipo A+S ou S+S. E este composto da primeira base funciona como determinante do substantivo que o segue, então *smart-answer quill* é uma *quill* do tipo *smart-answer*.

Logo, para *smart-answer quill* e *quick-quotes quill*, tem-se (A+S)+S e para *ton-tongue toffes* a formulação é (S+S)+S.

Já os outros compostos têm na sua primeira base um *synthetic compound*. De acordo com Lieber (2005, p. 375) um *synthetic compound* é aquele cuja segunda base é composta por um verbal. Além disso, o primeiro elemento do composto será tido como argumento interno do verbo que foi nominalizado. Neste sentido, assim como os *root compounds*, os *synthetic compounds* têm como núcleo a segunda base, a qual é determinada pela primeira. Portanto, em *self-inking*, *self* está determinando o tipo de *inking*.

No entanto, *spell-checking quill* tem um ponto curioso. Considerando que o primeiro elemento é o argumento do verbo, *spell* deve ser visto como um substantivo, que significaria “encantamento”. Logo, *spell-checking* seria um tipo de *checking*, mantendo, assim, a relação hiponímica entre o que o termo designa e a sua segunda base. Da mesma maneira, *spell-checking quill*, seria uma *quill* de tipo *spell-checking*.

Como já comentado, os neologismos terminológicos têm de denominar novos conceitos de maneira unívoca. A princípio, a formação *spell-checking quill* não designa de maneira clara o conceito que ela deveria fazer referência. De acordo com as obras da série (*Harry Potter and the Half-blood Prince*, 2005, p. 117), uma *spell-checking quill* é uma pena que corrige erros de ortografia. Sendo assim, o *spell* do composto não é um substantivo, mas um verbo (já que é o verbo em inglês que vai designar “soletrar”). Este trabalho não tem como objetivo dizer que a construção está equivocada, uma vez que não foram encontradas informações que diziam que não é possível a criação de *synthetic compounds* tendo a primeira base um verbo. Todavia, pode-se dizer que, dado o que o neologismo terminológico designa, possíveis construções seriam *spelling-check quill*, em que se teria, na primeira base do composto, *spelling* (*spell* nominalizado, trazendo em suas características o “soletrar”) e seria determinante de *check*; ou, menos provável, mas possível, *spell-check quill*, em que *spell* e *check* seriam verbos, formando um *root compound*.

Para finalizar este grupo de compostos, vale ressaltar a padronização de sua escrita, tendo a primeira base hifenizada<sup>4</sup>.

A formação de palavras a partir da derivação sufixal é muito produtiva em inglês, principalmente com o sufixo *-er*. De acordo com Lieber (2005, p. 403), este forma substantivos e pode indicar: agente, instrumento, estímulo, medida, dentre outros. Dos neologismos terminológicos selecionados para este trabalho, apenas um é formado por sufixação: *howler*. Este neônimo é formado a partir do verbo *to howl*, e ao ser acrescentado o sufixo, ele se torna um substantivo que indica um instrumento/objeto que tem características referentes à base verbal que lhe deu origem<sup>5</sup>.

Por fim, tem-se o *blending*. Segundo Szymanek (2005, p. 434): “*blending* constitui uma outra área de formação de palavras em inglês na qual os neologismos são muito comuns (...) não é incomum que novos termos sejam criados a partir de *blending*”. Dentre os termos selecionados, apenas um é formado por tal processo: *pensieve*. É importante dizer que no site dedicado à obra (*Wizarding World*), J.K. Rowling, explica o que é tal objeto e a formação desta unidade lexical:

Uma *Penseira* é uma bacia larga e rasa feita de metal ou pedra, geralmente decorada ou incrustada com pedras preciosas, que carrega poderosos e complexos encantamentos. As *Penseiras* são raras, porque somente os bruxos mais poderosos a utilizam, uma vez que a maior parte da comunidade bruxa tem receio em fazê-lo (...)

O nome ‘*Penseira*’ é um homônimo de ‘*pensive*’, significando profunda e seriamente pensativo; mas é também um trocadilho, a parte ‘*sieve*’ [*peneira*] da palavra faz alusão a função do objeto de classificar significados a partir de uma massa de pensamentos e memórias [tradução nossa]<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> A hifenização deixa mais evidente a construção do composto, o que não ocorre, por exemplo em *snackbox* e *hangman* apresentados acima. Estes não foram discutidos, mas pode-se pensá-los também como possíveis compostos (*hang + man*; *snack + box*).

<sup>5</sup> *Howl*, de acordo com o Oxford English Dictionary, é um longo barulho de animal, um uivo. *Howler* é, por sua vez, uma carta que, ao ser aberta, passa a falar de maneira muito alta o seu conteúdo.

<sup>6</sup> A *Pensieve* is a wide and shallow dish made of metal or stone, often elaborately decorated or inlaid with precious stones, and carrying powerful and complex enchantments. *Pensieves* are

Dado o que foi apresentado em relação à formação dos neônimos na obra *Harry Potter*, pode-se dizer que as criações seguiram as regras do sistema linguístico ao qual elas fazem parte, além de denominar um conceito específico.

## NEÔNIMOS E TRADUÇÃO

De caráter multidisciplinar, a terminologia estabelece, com a tradução, relações extremamente íntimas, pois, no exercício de suas atividades, tradutores de textos técnico-científicos necessitam consultar trabalhos resultantes da prática terminológica, sejam eles mono, bi- ou mesmo plurilíngues: glossários, dicionários terminológicos, bases de dados terminológicos, entre outros produtos (AUBERT, 2001, p. 8)

Uma vez apresentados os processos de formação dos neologismos terminológicos em inglês, faz-se necessário comentar sobre a tradução destes termos para o português. Desta maneira, ver-se-á se os processos são os mesmos e se a tradução segue as normas terminológicas de elaboração de neônimos. É preciso dizer, porém, que este trabalho não pretende propor traduções, mas apenas descrevê-las.

Por questões metodológicas, os comentários serão feitos seguindo a ordem da seção anterior. Logo, têm-se os neologismos terminológicos formados por composição, mais especificamente, por *root compounds*.

---

rare, because only the most advanced wizards ever use them, and because the majority of wizardkind is afraid of doing so (...).

The name 'Pensieve' is a homonym of 'pensive', meaning deeply, seriously thoughtful; but it also a pun, the 'sieve' part of the word alluding to the object's function of sorting meanings from a mass of thoughts or memories.

Quadro 2: Neologismos terminológicos em inglês e em português formados por composição

<i>Neologismo terminológico em inglês</i>	<i>Neologismo terminológico em português</i>
Invisibility cloak	Capa de invisibilidade
Shield hat	Chapéu escudo
Fever fudge	Febricolate
Reusable hangman	Força reciclável
Extendable ears	Orelhas extensíveis
Punching telescope	Telescópio esmurrador
Puking pastilles	Vomitilha

Fonte: da autora

Assim como no inglês, os compostos também são formações possíveis em português e possuem características semelhantes como: “têm-se sempre um elemento que é o principal, o núcleo, e um elemento que é o especificador” (Sandmann, 1992, p. 40), ou seja, o determinado e o determinante. Porém, enquanto no inglês a ordem das construções sintáticas é determinante + determinado, em português tem-se, geralmente, o inverso (determinado + determinante). Sendo assim, as traduções dos neologismos terminológicos, para se adequarem às regras do português, precisam estar na ordem inversa do inglês, resultando em: *chapéu escudo*, *força reciclável*, *orelhas extensíveis*, e *telescópio esmurrador*.

Dois tipos de construções foram vistos neste grupo de tradução de *root compounds*, a composição sintagmática e o *blending*. A composição sintagmática é caracterizada pela ordem constante de suas unidades formadoras, segundo Alves (1990, p. 59) “à base determinada segue-se a determinante, que pode ser introduzida por uma preposição”. Tem-se tal formação em *capa de invisibilidade*, na qual o determinante *invisibilidade* (*invisibility*) é precedido pela preposição *de*.

O *blending* - que não deixa de ser uma composição, só que as bases se juntam de modo a dificultar a delimitação do início e fim de cada uma

(Sandmann, 1992, p. 58) - não aparece neste grupo de neologismos terminológicos em inglês, mas funciona como meio de formação para dois termos em português: *febricolate* e *vomitilha*. Pode-se inferir, porém, que a escolha por tal processo se deu devido às opções de tradução para cada uma das unidades. Em *fever fudge* (chocolate que deixa com febre àquele que o come) ter-se-iam como possibilidades *febre de chocolate* (o que é estranho, pois não se tem uma febre feita de chocolate), *chocolate de febre* (a mesma questão da construção anterior), ou *chocolate que dá febre*, este último já seria um sintagma verbal longo que atua mais como definição do conceito do que como denominação. Logo, a escolha pelo *blending* é a mais adequada e, de certa maneira, mais criativa.

O mesmo vale para *puking pastilles*. Poder-se-ia ter *pastilha de vômito*, o que além de não ser nada agradável, não representa o objeto, pois é uma pastilha que causa vômito e não uma feita dele. Sendo assim, *vomitilha* possui traços das duas bases do composto, denomina o conceito e ainda se assemelha a nome de remédio.

Se tratando de *blending*, vale comentar a tradução de *pensieve*. Como posto, a autora juntou o adjetivo *pensive* (pensativo) ao substantivo *sieve* (peneira), formando *pensieve*. Em português, é possível juntar as unidades lexicais da mesma maneira que em inglês, formando *penseira*. Porém, é difícil perceber que o -eira do termo se refere à base *peneira* e não a um sufixo. Sendo assim, é mais fácil fazer a leitura de *penseira* como “algo que pensa” dada a terminação em -eira, do que vê-la como uma “peneira de pensamentos”, por assim dizer.

Outro grupo de neônimos é o daqueles cuja primeira base também é um composto:

Quadro 3: Neologismos terminológicos em inglês e em português com compostos na primeira

base

<i>Neologismo terminológico em inglês</i>	<i>Neologismo terminológico em português</i>
Ton-tongue toffes	Caramelo incha-língua

Quick-quotes quill	Pena de repetição rápida
Smart-answer quill	Pena resposta-esperta
Spell-checking quill	Pena auto-revisora
Self-inking quill	Pena caneta-tinteiro

Fonte: da autora

Embora em inglês tenha feito diferença a separação dos compostos em *root compound* e *synthetic compound*, em português isto não é importante. Como já dito em relação aos outros compostos apresentados, a ordem esperada em português é determinado + determinante, o que ocorre na tradução de todos os neologismos terminológicos do quadro acima.

O que se percebe com a tradução destes termos é que, com exceção de *pena de repetição rápida*, todos os demais marcam o composto da segunda base por hífen. Uma justificativa para isso não acontecer em *pena de repetição rápida*, é que ele é uma composição sintagmática.

É interessante notar que, da mesma maneira que a ordem determinante + determinado é invertida em relação às duas bases do composto, ela também é invertida dentro do composto da primeira base. Para exemplificar tem-se *smart-answer quill*, não só *quill/pena* (determinado) passa a ser a primeira base do composto, como em *smart-answer* há a inversão, formando-se *resposta-esperta* e não *esperta-resposta*.

É válido comentar a perda que se tem na tradução de *ton-tongue toffes*. Ao tornar-se *caramelo incha-língua*, o neologismo terminológico perdeu toda a sua aliteração, assim como se perde em *quick-quotes quill*. Este recurso consideravelmente poético, ajuda a delimitar mais ainda o conceito, uma vez que estes caramelos fazem a língua ficar enorme e impossibilita aquele que os come de falar. Assim, a repetição do /t/ marca sonoramente este impedimento.

Para finalizar, a tradução do neologismo terminado em -er. Este sufixo que, em inglês, pode indicar a existência de um agente, é muitas vezes visto como o -or em português. Assim, do mesmo modo que em inglês o sufixo se uniu à base verbal e formou um substantivo com traços relacionados ao verbo, em português ocorre o mesmo. *Howl* + -er forma



*howler*, que em português, *berro* + -or, *berrador* (com acréscimo da consoante).

## CONCLUSÃO

Este trabalho objetivou apresentar os tipos e os processos de formação de neologismos, comparando-os com os processos de formação dos neônimos. Para tal, foram selecionadas unidades lexicais presentes na série de livros *Harry Potter*, o que gerou uma nova discussão: se tais unidades poderiam ou não serem vistas como termos.

Percebeu-se no discurso literário escolhido um contexto adequado para a realização de termos, uma vez que se trata da criação de um mundo novo, com novas realidades e discursos (inclusive o especializado). Isto posto, foram feitas considerações acerca da formação de palavras na língua inglesa para depois se comparar com a língua portuguesa.

Viu-se que, ao serem traduzidos, a maior parte dos termos seguiu o mesmo processo, mudando-se apenas nas particularidades de cada língua (como a ordem determinante/determinado). E aquelas traduções que não seguiram os mesmos processos fez uso de outros, indicando a criatividade da língua de chegada, mas com a manutenção da monorreferencialidade.

Por fim, é preciso ressaltar mais uma vez que este trabalho não buscou criticar as criações da escritora inglesa, e as traduções feitas para o português, mas discutir seus processos de elaboração, de modo a deixar evidente, mesmo que de forma singela, a relação entre tradução e terminologia.

## REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

ALVES, I. M. Neologia e tecnoletos. In: OLIVEIRA, A. M. P. P de; ISQUERDO, A. N (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

AULBERT, F. H. *Introdução à pesquisa terminológica bilingue*. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.

- BARBOSA, M. A. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, A. M. P. P de; ISQUERDO, A. N (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.
- BARROS, L. A. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.
- CABRÉ, M. T. *La Terminología, Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Empúries, 1993.
- CABRÉ, M. T. *La Terminología. Representación y comunicación*. Barcelona: IULA-Pompeu Fabra, 1999.
- CARETTA, E. A. C. O léxico no discurso literário: a criatividade lexical na poesia moderna e contemporânea. São Paulo: FFLCH/USP, 2016. Tese de livre-docência.
- CORREIA, Margarita. Neologia e Terminologia. In: *Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*. Lisboa: Publicações Europa-América, p. 59-74.
- LIEBER, R. English Word-Formation Processes. In: ŠTEKAUER, P.; LIEBER, R; (Orgs.). In: *Handbook of Word-Formations: Studies in Natural Language and Linguistic Theory*. Springer: Dordrecht, 2005.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter and the Half-Blood Prince*. Nova Iorque: Scholastic, 2005.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter and the Deathly Hallows*. Nova Iorque: Scholastic, 2009.
- ROWLING, J. K. <https://www.wizardingworld.com/writing-by-jk-rowling/pensieve>. Acesso em 30 de março de 2021.
- SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SPENCER, A. Word-Formation and syntax. In: ŠTEKAUER, P.; LIEBER, R; (Orgs.). In: *Handbook of Word-Formations: Studies in Natural Language and Linguistic Theory*. Springer: Dordrecht, 2005.
- SZYMANECK, B. The latest trends in English word-formation. In: ŠTEKAUER, P.; LIEBER, R; (Orgs.). In: *Handbook of Word-Formations: Studies in Natural Language and Linguistic Theory*. Springer: Dordrecht, 2005.
- ZAVAGLIA, A.; POPPI, C.; MADRUGA, C. F.; CRUZ, A. C. Terminologia e tradução: o caso do texto literário. In: ALVES, I. M (Org.). *Estudos lexicais em diferentes perspectivas*. São Paulo: FFLCH/USP, 2010.

# SISTEMATIZANDO O SISTEMA: UMA ANÁLISE DO ITEM LEXICAL “SISTEMA” EM CORPORA ESPECIALIZADOS DAS ÁREAS ENGENHARIA BIOMÉDICA E PRODUTOS PARA A SAÚDE

Márcia de Souza Luz-Freitas

Pâmela Teixeira Ribeiro

## INTRODUÇÃO

A compreensão e a produção de textos especializados demandam, além das competências necessárias ao fazer científico, habilidades linguísticas específicas. Entre elas, destacamos como imprescindível um sólido conhecimento do léxico pertinente ao domínio utilizado. O conjunto vocabular específico de uma língua de especialidade é comumente descrito como a terminologia da área, ou seja, o conjunto de unidades terminológicas que são utilizadas pelos especialistas, em diversos tipos de produções textuais orais ou escritas, para se referirem aos conceitos que sustentam determinado domínio.

Entretanto, ressaltamos que a habilidade linguística supracitada extrapola a ideia de se conhecer o significado da palavra e abarca também saber utilizá-la nas várias situações comunicativas, especializadas ou não. Isso significa que o especialista precisa saber como manejar adequadamente o seu emprego na construção dos textos e conhecer o seu papel tanto na construção de sentidos quanto na interação sociodiscursiva. Assim, a necessidade de reconhecer a influência dos aspectos comunicativos e pragmáticos na proficiência dos usuários de uma língua de especialidade direcionou as investigações terminológicas para estudos de base linguístico-comunicacional.

Neste artigo, relatamos uma pesquisa acerca das ocorrências da palavra *sistema*, considerada normalmente pela literatura da lexicologia

como unidade lexical de referência genérica, em *corpora* compilado das áreas de Produtos para Saúde e Engenharia Biomédica. Nosso objetivo é investigar essas ocorrências e categorizar suas funções nas várias situações de uso encontradas.

Por conseguinte, o referencial teórico que sustenta a análise desenvolvida são os estudos lexicológicos, sobretudo aqueles fundamentados na Linguística Textual e na Lexicologia Construcionista, e os estudos terminológicos, com ênfase nos princípios da Teoria Comunicativa da Terminologia. A metodologia segue fundamentos da pesquisa terminológica e da Linguística de *corpus*.

Organizamos o artigo em cinco seções. Além desta primeira, denominada Introdução, há uma seção específica para a apresentação da fundamentação teórica, outra para a apresentação da metodologia e ainda uma seção para discussão dos resultados obtidos. Finalizamos com a apresentação das considerações finais.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A ênfase no ideal de univocidade entre conceito e termo expresso na concepção wüsteriana que deu origem aos princípios da Teoria Geral da Terminologia (TGT) elimina da análise terminológica os fenômenos característicos da linguagem. Nessa visão, muito do que é próprio da língua, tais como os aspectos comunicativos e pragmáticos, deveria ser desconsiderado. Ao consolidar orientações metodológicas de fundamento prescritivo na tentativa de uma linguagem controlada, a TGT, de modo geral, não se estabeleceu sob o viés da linguística, apesar de ter deixado algumas reflexões não desenvolvidas nesse sentido. Essa visão de que termos são diferentes de palavras e, conseqüentemente, de que a língua especializada opera sob regras diferentes se comparada à língua comum, é o ponto principal que fomentou, nos anos 90 do século XX, o desenvolvimento de teorias terminológicas posteriores como a Socioterminologia (GAUDIN, 1993) e a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) (CABRÉ, 1999). Sobre essas teorias formuladas a partir de um ponto de vista linguístico, Araújo ressalta que esse olhar daqueles que

veem a língua como um produto social e dinâmico pôde oferecer à disciplina terminológica uma contribuição muito expressiva, de modo a propiciar a criação de novas teorias que pudessem dar conta de toda a complexidade linguística envolvida na comunicação especializada” (ARAÚJO, 2010, p.14).

Krieger e Finatto (2004) mostram que, ao se compreender a dimensão linguístico-comunicativa na descrição dos termos, a problemática do conceito é colocada em um segundo plano. Para as autoras, o componente conceitual tem sua importância na identificação dos termos dada “sua íntima relação com a definição terminológica e a fraseologia especializada, objetos que se integram ao quadro de estudos da Terminologia linguístico-textual<sup>1</sup>” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 36-37). De acordo com Sager:

A Terminologia trata de conceitos e, portanto, de estruturas de conhecimento apenas na medida em que estão representados no léxico da língua. Os conceitos são elementos da estrutura do conhecimento e, como tais, ocupam um lugar importante dentro da filosofia das ciências e das teorias cognitivas. A Terminologia não tem esses propósitos. (SAGER, 1993, p. 36, apud KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 36)

Uma Terminologia assim fundamentada exige maior conhecimento do discurso especializado e dos graus de especialização dos textos, que abrangem diferentes gêneros discursivos. Lethuillier (1991, p. 97) define o texto como “uma sequência, de acordo com uma lógica relacionada a um objetivo de comunicação, de enunciações elementares que são predicados representando coisas que se dizem a propósito de outras coisas<sup>2</sup>”. Textos especializados são aqueles que veiculam na esfera da comunicação especializada e representam sua materialização. Hoffmann (1998, p. 77)

---

<sup>1</sup> Não se trata de uma teoria estabelecida, mas de um conjunto de proposições teórico-críticas ante os princípios da TGT.

<sup>2</sup> “*Le texte est un enchaînement, selon une logique en rapport avec un objectif de communication, d'énoncés élémentaires qui sont des prédicats représentant des choses que l'on dit à propos d'autres choses.*”

define o texto especializado como “o instrumento ou o resultado de uma atividade comunicativa socioproductiva especializada”.

De modo geral, segundo Barros (2004, p. 44), os textos especializados caracterizam-se pelo predomínio da função referencial e, principalmente, por um léxico peculiar, “com conteúdos específicos do domínio em questão”. Barros (2004) ainda destaca que a Terminologia linguístico-textual tem dado ênfase às construções frásticas, transfrásticas e estilísticas desses textos. Hoffmann (1998) afirma que há um conjunto de recursos linguísticos que dão aos textos de especialidade esse caráter.

Fazem parte desses recursos todos os elementos de todos os níveis linguísticos – desde os sons, (as letras) até a frase – como as manifestações suprasegmentais, os princípios estilísticos, os mecanismos de organização do texto etc. (HOFFMANN, 1998, p. 52)

Nas palavras de Finatto (2002, p. 2) na trajetória desse novo enfoque:

diversos elementos e propriedades, tais como condições e recursos de coesão e de coerência, macro e microestruturas, fraseologias, construções recorrentes, definições, paráfrases, e as mais variadas “peculiaridades” de texto, além de um léxico mais ou menos marcado, entram em consideração de um modo diferente de um enfoque oracional. Passa-se, enfim, da frase ao texto. Na seqüência, numa posterior extensão do enfoque sobre a sintaxe do texto, ensaia-se ir além do dito e das unidades concretamente realizadas. Englobam-se os modos de dizer peculiares de cada área de conhecimento. Assim, o *modus dicendi* técnico-científico passa a ser admitido como fator constitutivo do texto e da linguagem especializados. Isto é, entram em questão também a semântica e a pragmática do texto.

Desse modo, não podemos pensar em um único tipo de texto especializado, mas em um número bem mais amplo de textos especializados. Não podemos pensar também em um conjunto terminológico formado apenas por unidades lexicais especializadas, os termos propriamente ditos, mas sim em um modo de dizer específico de cada área do conhecimento e para cada intencionalidade do gênero técnico-científico produzido.

O conceito é uma noção virtual que pode ser definida como uma representação mental das características dos objetos, abstratos ou concretos. Ao serem materializados como significado, passam a ser entendidos como uma “unidade de pensamento maior que congrega também elementos

pragmáticos” (BARROS, 2006, p. 2). Barbosa (2001) nos lembra que os conceitos mantêm relações distintas com as denominações. A autora nos explica:

a grandeza *conceito* situa-se num nível pré-linguístico, ou, mais exatamente, pré-semiótico de *designação*, podendo mesmo existir sem a respectiva *denominação*<sup>3</sup>, já que se pode ter a percepção e o conhecimento de um fato, sem se possuir, ainda, a sua respectiva denominação. (BARBOSA, 2001, p. 75)

Assim, é possível haver “conceitos sem denominações”, “conceitos com apenas uma denominação”, “conceitos com duas ou mais denominações” e até mesmo uma denominação que “comporte dois ou mais conceitos (BARBOSA, 2001, p. 75). Além disso, Biderman (2001) alerta para a dinamicidade dos conceitos, que podem ser continuamente reformulados, ao que Barbosa (2001, p. 77) acrescenta, sustentada por Cabré (1993): “a maioria dos conceitos não tem fronteiras rigidamente estabelecidas, mas limites aproximados e difusos”. Na verdade, há um caráter instável e dinâmico, tanto no nível cognitivo quanto no nível linguístico.

Lima (2007), na caracterização da Lexicologia Construcionista, descreve a relevância da função construtiva da linguagem e a dimensão funcional construtiva das unidades lexicais. O autor adota o termo “expressão” para referir-se tanto aos itens lexicais quanto a unidades maiores que formam o encadeamento discursivo de expressões. Nessa perspectiva, ele defende que as opções linguísticas do usuário visam não só a significação do referente, mas também o destaque para aspectos que reforçam o contexto de uso, construindo e reconstruindo um determinado objeto-de-discurso. Segundo Lima (2007, p. 127), a função textual de referenciação “é possível porque, ao ‘ativarem’ e ‘reativarem’ um tópico na memória discursiva, tais expressões elaboram as ‘implicações conceptuais’ que formam o significado do referente”.

No que se refere à Terminologia, a noção veiculada pela TGT era a de que o conceito deveria preceder o termo e, sobre esse ponto específico,

---

<sup>3</sup> Destaques em itálico presentes no texto original.

Rey afirma categoricamente que “seria ingênuo exigir o conhecimento prévio de conceitos, porque os conceitos podem ser acessados apenas por meio de seus nomes, exceto quando da sua concepção inicial, que é uma prerrogativa exclusiva do descobridor, inventor e teórico que cria as hipóteses”<sup>4</sup> (REY, 1995, p. 97, tradução nossa).

Pearson (1998), ao sintetizar a discussão acerca de palavra e termo, aponta que Rondeau, diferentemente de Wüster, descreve *termo* como a combinação de denominação e conceito. Para Rondeau (1984), o termo é basicamente um signo linguístico composto por um significado e um significante, no sentido saussuriano. Entretanto, Pearson (1998) destaca que, ainda que Rondeau afirme que existe uma distinção entre palavras e termos, ele não oferece nenhuma distinção verificável que possa ser feita entre eles, além de especificar que os termos são usados em domínios de assuntos especiais.

Sager (1990) adentra essa discussão ao afirmar que o léxico de uma língua de especialidade inclui duas classes de itens: aqueles com referência especial, os termos, e aqueles com referência geral, as palavras. Para o autor, esses últimos consistem em itens lexicais cujas propriedades referenciais são uniformemente vagas ou generalizadas. Para Pearson (1998, p. 13), Sager está se referindo ao que Yang (1986) descreve como “termos subtécnicos, palavras que têm referência especial, mas que são usadas em mais de um domínio”<sup>5</sup>. Pearson (1998, p. 13), em sua avaliação, assim argumenta:

afirmar que tais palavras são impedidas de serem classificadas como termos é distorcer a composição do léxico de um domínio específico. Argumentaríamos que todas as palavras ou sintagmas que têm referência especial, independentemente do domínio ao qual pertencem, e que também

---

<sup>4</sup> It would be naive to demand the previous knowledge of concepts, because concepts can be accessed only via their names, except for their initial formation which is the exclusive prerogative of the discoverer, inventor, and the theorist who forms hypotheses.

<sup>5</sup> “[...] subtechnical terms, words which have special reference but which are used in more than one subject domain”.



podem fazer parte do léxico de outro domínio, devem ser consideradas parte da terminologia desse domínio.<sup>6</sup>

Coxhead (2000), em pesquisa sobre as palavras mais frequentes em um *corpus* de 3,5 milhões de palavras de textos acadêmicos escritos em língua inglesa, trata o conjunto dessas unidades de referência geral como vocabulário acadêmico. Freixa (2002) salienta que, mesmo em seu contexto natural - os textos especializados - a análise dessas unidades revela a dificuldade de se distinguir entre termos e palavras. Já Hyland e Tse (2007) afirmam que esse conjunto de termos é conhecido como léxico especializado não técnico ou ainda como vocabulário subtécnico ou semitécnico. Barbosa (2007) denomina-os vocábulos-termos.

Em um estudo sobre ensino e aprendizagem da linguagem acadêmica, Nagy e Townsend (2012, p. 96) endossam a divisão do vocabulário das línguas de especialidade em duas categorias e explicam as unidades de referência geral por meio da metáfora “palavras como ferramentas”<sup>7</sup>. Para os autores, a natureza polissêmica de grande parte do que eles designam como “palavras acadêmicas gerais”<sup>8</sup> é mais um testemunho da importância de construir o sentido discursivo a partir de contextos de uso autênticos. Confirmando a flexibilidade linguística, Pontes (2004) atesta, com exemplos extraídos de textos didáticos, que os termos podem se formar por processos autóctones de deslocamento da língua comum para a língua especializada ou de deslocamento de uma língua especializada para outra, ou, ainda, gerados na própria área, bem como por adoção, caracterizada pelos estrangeirismos. De fato, a norma internacional ISO 1087-1 (2000, p. 7) reconhece e nomeia “o processo pelo qual uma

---

<sup>6</sup> “To claim that such words are precluded from being classified as terms is to distort the composition of the lexicon of a special subject field. We would argue that all words or phrases which have special reference, regard-less of the subject field to which they belong, and which may also form part of the lexicon of another subject field must be considered to be part of the terminology of that subject field.”

<sup>7</sup> “words as tools”

<sup>8</sup> “general academic words”

palavra ou expressão da língua geral é transformada em um **termo**<sup>9</sup>” como terminologização. Barbosa (2007, p. 436) amplia essa definição fazendo notar que a terminologização deve ser entendida também

como processo que converte um conceito em termo, *la mise en terme*, expressão esta comparável à *la mise en lexème*, do processo de lexemização [...]. Terminologização é equivalente à lexemização e tem como ponto de partida, no percurso gerativo da enunciação a própria realidade fenomênica, em que se tem uma informação virtual, amorfa, que, em outro nível, o do recorte observacional e cultural, se transforma no *conceptus* [...]; este, por sua vez, será terminologizado. Logo, os fatos naturais são *conceptus* virtuais e estes, termos virtuais, que, no nível metalinguístico da ciência, se tornam termos efetivos. Nesse segundo sentido, terminologização *lato sensu* refere-se à relação entre o nível conceptual e o metalinguístico, diferente, pois da primeira acepção exposta.

Com base nessa concepção estendida, Barbosa (2007) explica que esse processo de passagem do conceptual para o terminológico se estabelece por uma relação vertical. Segundo a autora (BARBOSA, 2007, p. 438), com subsídios de Pais (1998), esse processo subjaz a todos os outros, “visto que a estrutura profunda, o ponto de partida é sempre o nível conceptual”. Por “todos os outros”, Barbosa refere-se, além da transformação de um vocábulo (língua geral) em termo (línguas de especialidade), tal qual a definição da ISO 1087-1 (2000), aos empréstimos linguísticos e aos processos denominados metaterminologização, em que há transposição de termos de uma língua de especialidade para outra, com a manutenção ou não de traços semânticos nessa interseção. Para a autora, estabelece-se, nesses casos, uma relação horizontal, “ou seja, de um universo de discurso para outro” (BARBOSA, 2007, p. 438).

O essencial dessas reflexões é que elas têm por base situações concretas e se fundamentam no exame das unidades terminológicas a partir de suas ocorrências em contextos reais de comunicação, nos textos especializados. Em uma perspectiva linguística léxico-textual, a

---

<sup>9</sup> “process by which a general language word or expression is transformed into a term” (grifo do original).

Terminologia tem se beneficiado de construtos teóricos que envolvem a construção de sentidos e a temática das práticas sociais materializadas nos gêneros discursivos. Sob esse enfoque, escolhemos, para investigação, a unidade lexical de referência genérica *sistema* extensivamente presente em textos especializados.

## METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados dois *corpora* compilados para duas teses de doutorado que trataram dos temas da Engenharia Biomédica e dos Produtos para saúde, respectivamente, e em que ocorreram os mesmos termos em zona intermediária.

As duas áreas são complementares e pode-se considerar, no âmbito deste trabalho, que a primeira produz a segunda. A área dos Produtos para saúde é mais ampla e incorpora outros materiais além dos equipamentos médicos desenvolvidos pela Engenharia Biomédica. Em contrapartida, tudo o que é produzido pela Engenharia Biomédica é hoje, no Brasil, enquadrado pela Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA) como Produto para Saúde. Para partimos de uma definição da área da Engenharia Biomédica, pode-se dizer que

A história da Engenharia Biomédica é recente e resultante de uma interseção de conhecimentos de vários campos do saber (engenharia, matemática, computação, física e química), que são ativados para a resolução de problemas em ciências da saúde, mais especificamente ligados aos campos da biologia e da medicina. É um domínio que tem, com seu caráter de aplicabilidade, prestado substancial contribuição às ciências médicas e à tecnologia aplicada a problemas médicos. Assim, a Engenharia Biomédica apresenta pontos de tangência com várias áreas do conhecimento. (LUZ-FREITAS, 2019, p. 258)

Já a área de Produtos para saúde é definida por lei e regimentos internos da ANVISA, e a definição mais atualizada é

- Produtos para saúde (equivalente: *Medical Devices*): equipamentos, aparelhos, materiais, artigos ou sistemas de uso ou aplicação médica, odontológica ou laboratorial, destinados à prevenção, diagnóstico, tratamento, reabilitação de pacientes. Nota: Os Produtos para saúde não

utilizam meio farmacológico, imunológico ou metabólico para realizar sua principal função em seres humanos, podendo, entretanto, serem auxiliado em suas funções por tais meios. (ANVISA, 2001)

O primeiro *corpus* foi obtido a partir do processamento textual de 825 produções acadêmicas com temáticas direcionadas à Engenharia Biomédica em programas de pós-graduação brasileiros. As produções englobam dissertações e teses publicadas entre 2012 e 2016. Esse material gerou um total de 9.701 termos, que constituem o *corpus* intitulado *corpus EB*.

O *corpus* dos Produtos para saúde foi recortado de um Banco de dados internacional intitulado *Global Medical Devices Nomenclature* (Nomenclatura Global de Dispositivos Médicos). O GMDN, que possui contratos com várias agências reguladoras no mundo, incluindo a ANVISA e a *Food and Drug Administration* (FDA), tem seu Banco de dados original em inglês traduzido para mais de 25 línguas. A autorização para acesso ao Banco de dados GMDN ocorreu em março de 2019 e, até aquele momento, havia mais de 27.000 Produtos para saúde catalogados organizados em uma hierarquia que contava com 2.437 categorias. Portanto, o primeiro *corpus* deste trabalho é formado pelos 2.437 nomes de categorias de agrupamento dos Produtos para saúde do GMDN acompanhados de suas definições. Esse segundo *corpus* foi intitulado *corpus PS*.

Os dois *corpora* foram processados separadamente utilizando-se o software AntConc. A partir da geração de listas e de concordâncias, foram registradas situações como as das palavras *análise, sistema, processo, teste, aparelhos, unidades, dispositivos, conjuntos, instrumentos, máquinas, equipamentos, materiais, produtos, kits*, entre outras, que se situam, em uma zona intermediária entre a língua comum e as línguas de especialidade. Selecionamos para este estudo as ocorrências da palavra *sistema*, cuja análise das situações de uso permitiu a categorização exposta na seção seguinte.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em análise no AntConc, sem *stoplist* (lista que corresponde a um conjunto de palavras que devem ser filtradas no momento do processamento dos termos e que geralmente incluem preposições, conjunções, entre outros itens lexicais não nominais), considerando os 5.781 *types* do *corpus PS*, a unidade lexical *sistema* ocorre 135 vezes (posição 62º do *ranking*) e a unidade lexical *sistemas* ocorre 364 vezes (posição 34º do *ranking*). Somadas, as duas ocorrências equivalem a 8,6% de todo o *corpus* (499 vezes). Essa mesma unidade lexical ocorre 21.751 vezes no *corpus EB*. A forma singular ocupa a 57ª posição em frequência, com 17.703 ocorrências, e a forma plural, a 278ª posição, com 4.048 ocorrências. Esses números equivalem a 4,1% do total desse *corpus*.

A partir das definições do *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, em sua versão on-line (HOUAISS, 2009), consideramos a palavra *sistema*, com todas as extensões de sentido apresentadas na segunda acepção dada, como correspondente a uma

estrutura que se organiza com base em conjuntos de unidades inter-relacionáveis por dois eixos básicos: o eixo das que podem ser agrupadas e classificadas pelas características semelhantes que possuem, e o eixo das que se distribuem em dependência hierárquica ou arranjo funcional «no sistema escolar a classe dos alunos subordina-se à dos professores, e ambas as classes subordinam-se à direção» «uma construção arquitetônica representa um sistema cujo alicerce coordena-se a outro[s] (com função de tetos ou pisos) e, entre si, subordinam-se aos pilares ou colunas que os sustentam».

A análise dos contextos de uso evidenciou que essa unidade pode ser utilizada isoladamente, como termo de oração constituído apenas por um elemento, e em agrupamentos, como formações sintagmáticas, em que ela pode assumir tanto uma função nuclear quanto uma função periférica. No primeiro caso, ela constitui uma lexia simples. Já, no segundo, em qualquer uma das formas de organização sintagmática, constitui lexias complexas.

Como lexias simples, constatamos que as ocorrências podem ora funcionar como elementos da língua comum na qualidade de vocabulário subtécnico sem função muito específica, o que Nagy e Townsend (2012) denominam como uso metafórico, e ora como elementos com papel

específico de construção da textualidade, ou seja, funcionam como termo genérico de caráter fórico.

Em explicação acerca do funcionamento da metáfora “palavras como ferramentas”, Nagy e Townsend (2012) afirmam que as unidades lexicais de referência genérica são interdisciplinares e podem adquirir significados específicos em diferentes disciplinas. Já, para o funcionamento fórico, Koch (2004) relata que essas unidades lexicais podem ser classificadas em anáforas correferenciais recategorizadas. Esse tipo de anáfora tem relevante papel na construção da coesão textual.

Marchuschi (2005, p. 219) explica que o termo *anáfora* é utilizado atualmente “para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não) contribuindo para a continuidade tópica e referencial”. Koch (2004) complementa afirmando que a anáfora é um grupo nominal com função de remissão a elementos que estejam presentes na superfície textual ou que sejam detectáveis a partir de elementos nela presentes. A identificação do elemento anafórico e a recuperação do referente podem ser realizadas, no ato da compreensão textual, por meio de estratégias cognitivas. Os excertos [1] e [2] exemplificam, respectivamente, o uso metafórico e o uso anafórico.

[1] Estações de trabalho: Dispositivos/conjuntos de dispositivos concebidos para serem utilizados durante um procedimento que requer um <sistema> a funcionar como interface de dados do doente e/ou de controlo do sistema entre o doente e o profissional que opera o dispositivo. (CORPUS PS, 2019)

[2] O coração é o órgão central do sistema circulatório. De forma resumida, esse <sistema> tem como função levar oxigênio e nutrientes às células do corpo e também conduzir os resíduos produzidos pelas mesmas células aos órgãos responsáveis pela sua eliminação. (CORPUS EB, 2017)

Em lexias complexas, a palavra *sistema* é muito utilizada como elemento nuclear na formação de termos com função denominativa. As formações seguem o esquema sintagmático {núcleo + modificadores}, em que os modificadores são expressos por meio de adjetivo ou locução adjetiva. Os excertos [3], [4] e [5] exemplificam a função denominativa da formação sintagmática, em que se veem, respectivamente, a designação de

um conjunto de ações e serviços em saúde, a designação de um produto para saúde e a nomeação de determinado constituinte anatômico.

[3] Outra ação do governo federal foi a inclusão de equipamentos para testes e avaliação da segurança e desempenho de equipamentos eletromédicos, na lista de produtos estratégicos, no âmbito do <Sistema Único de Saúde>, com a finalidade de colaborar com o desenvolvimento do Complexo Industrial da Saúde, por meio das Portarias MS nº 978/2008 (BRASIL, 2008a) e nº 1.284/2010 (BRASIL, 2010b). (CORPUS EB, 2017)

[4] <Sistema eletrocirúrgico>: Conjunto de dispositivos destinados a gerar e aplicar corrente alternada de radiofrequência (RF) a tecidos moles para corte e coagulação durante um procedimento cirúrgico endoscópico ou aberto [...]. A montagem inclui um gerador de RF alimentado por eletricidade (com alimentação CA) com funções / controles de monitoramento, cabos de conexão, uma peça de mão e eletrodos para aplicar a energia ao local da cirurgia. A resistência do tecido à corrente elétrica cria o calor à medida que a corrente viaja através do corpo entre os eletrodos; não se destina a eletrocirurgia com realimentação de argônio. (CORPUS PS, 2019)

[5] Sistemas de estimulação/estimuladores elétricos do nervo central: Dispositivos/conjuntos de dispositivos concebidos para aplicar estímulos elétricos directos e/ou intensos ao <sistema nervoso central> (cérebro, nervos cranianos, espinal medula) para aplicações terapêuticas ou de diagnóstico. (CORPUS PS, 2019)

O excerto [6] apresenta um termo construído a partir do núcleo *sensor* seguido de um elemento periférico especificativo que designa sua finalidade. A palavra *sistema* compõe o elemento periférico e é ao mesmo tempo base da especificação. Esse tipo de formação é muito comum nas terminologias, uma vez que a extensão das formações sintagmáticas nas áreas estudadas muitas vezes é resultante de denominações advindas da descrição de componentes ou do acréscimo de técnicas de produção.

[6] Sensor para sistema implantável de monitoramento da glicose: Dispositivo estéril destinado a ser implantado subcutaneamente para monitoramento contínuo dos níveis de glicose no fluido intersticial, tipicamente para detectar tendências e monitorar padrões em pacientes com diabetes mellitus. É um sensor pequeno, em forma de bastão, constituído por um detector de glicose eletroquímico ou óptico que emite sinais que são enviados para um transmissor externo (não incluído) por meio de uma conexão sem fio. É passivamente alimentado pelo transmissor. Podem ser

incluídos dispositivos de implantação delicados (por exemplo, dissector rombo, cânula). (CORPUS PS, 2019)

Também foram observadas outras formações, de caráter generalista, em que a palavra analisada ocorre como elemento periférico. Nesta situação, entretanto, as ocorrências encontradas, embora sejam parte da fraseologia desses discursos especializados, não podem ser consideradas termos. Nos sintagmas encontrados – como *gestão do sistema* e *validação do sistema* –, *sistema* desempenha o papel da metáfora “palavras como ferramentas”. O esquema sintagmático observado nesses registros é {núcleo deverbais + complemento nominal}. Em ocorrências similares a *módulo de hardware do sistema* e *potência do sistema*, claramente não há uma relação de transitividade. Entretanto, para que elas sejam consideradas termos das áreas em estudo seria preciso confrontá-las com *corpus* de outras áreas, aparentemente Inteligência Artificial e Física, e verificar se são situações de empréstimo entre áreas.

Citamos ainda o caso de ocorrências de formações derivativas a partir da palavra *sistema*, geralmente acrescida de nuances semânticas de expressão da espacialidade (ALVES, 2015). São o caso das ocorrências de *subsistema* (denotação de posição hierárquica inferior ou importância secundária), *intersistema* (posição intermediária ou relação entre partes) e *microsistema* (intensidade diminutiva). Chamou-nos a atenção o deslocamento funcional da classe substantivo para a classe adjetivo, tradicionalmente denominado derivação imprópria, nas ocorrências com *intersistema*. O excerto [7], ao trazer a sigla logo após a formação sintagmática, reforça sua condição terminológica.

[7] As propriedades fluorescentes dos agentes fotossensíveis têm sido úteis para a visualização, localização e delimitação da lesão maligna. Contudo, a ação fotodinâmica é dependente do processo de <cruzamento intersistemas> (ISC), caracterizado pela inversão do spin eletrônico. Através deste processo, a molécula do agente fotossensível passa a ocupar os estados excitados tripletes. (CORPUS EB, 2017)

Além das variações, foram percebidas muitas outras questões terminológicas que carecem de detalhamento nessas áreas. Com relação ao item lexical *sistema*, escolhido para este estudo, destacamos que, no âmbito



eletromédico, é um termo regulado pela norma brasileira 60601-1- 2010 ABNT que tem como título Equipamento eletromédico Parte 1-11: Requisitos gerais para a segurança básica e o desempenho essencial — Norma Colateral: Requisitos para equipamentos eletromédicos e sistemas eletromédicos utilizados em ambientes domésticos de cuidado à saúde. De acordo com a referida norma, um *sistema eletromédico* é uma combinação de equipamentos, onde pelo menos um é classificado como equipamento eletromédico (ABNT, 2010). No Banco de dados GMDN, o termo *sistema* é utilizado indiscriminadamente, diferente do que a norma brasileira preconiza.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou o uso extensivo, em textos especializados, de substantivos genéricos cuja inespecificidade de sentido permite sua utilização em várias terminologias na condição de vocabulário sub- ou semitécnico. Preferimos denominá-las de unidades lexicais de referência genérica. Esses itens lexicais são pouco transparentes e podem dificultam a análise terminológica.

Os *corpora* definidos para o estudo são originários da compilação de textos técnicos e acadêmicos. Dentre as muitas unidades lexicais de referência genérica coletadas – *aparelho, conjunto, dispositivo, equipamentos, instrumento, kit, máquina, material, unidade, sistema, produto*, entre outras – escolhemos, para análise, a palavra *sistema*. Ressaltamos que, pelas características do *corpus PS*, essa palavra, seja no singular ou no plural, aparece 335 vezes na denominação direta de categorias de Produtos para Saúde.

Para atingir o objetivo proposto, tecemos observações quanto aos aspectos linguísticos, estabelecendo relações entre as situações de uso das unidades lexicais de referência genérica e a produção de textos altamente especializados. Desse modo, categorizamos o uso do vocabulário acadêmico como recurso linguístico metafórico e anafórico, bem como as possibilidades de construção sintagmática, seja como elemento nuclear ou periférico.

Acreditamos que os produtores dos textos compilados para este estudo, mesmo sabendo-os portadores de um grau maior de especialização, ao adotarem a estratégia de uso de vocabulário semitécnico, tentam aproximar-se da língua geral deixando-se levar por certa naturalidade linguística, em oposição a uma artificialidade comum à expressão em textos altamente especializados. A densidade terminológica aparentemente suavizada por essa estratégia parece incentivar a interação entre autor e leitor, conforme expõem as bases teóricas e epistemológicas da LC e da TCT. Entretanto, não é possível afirmar que ela torne mais fácil a construção de sentidos.

## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA). *Resolução RDC nº 185, de 22 de outubro de 2001*. Aprovar o Regulamento Técnico que consta no anexo desta Resolução, que trata do registro, alteração, revalidação e cancelamento do registro de produtos médicos na Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Disponível em: <[http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/2718376/RDC\\_185\\_2001\\_COMP.pdf/137bc575-8352-4f9a-9afb-e9a5dd1b8eb3](http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/2718376/RDC_185_2001_COMP.pdf/137bc575-8352-4f9a-9afb-e9a5dd1b8eb3)>. Acesso em 13 de fevereiro de 2020.
- ALVES, I. M. Derivação prefixal. In: RODRIGUES, Â.; ALVES, I. M. (Orgs.). *A construção morfológica da palavra*: gramática do português culto falado no Brasil. São Paulo: Contexto; 2015, p. 17-56.
- ARAÚJO, M. Que interesse tem a Terminologia para os estudiosos da linguagem? In: SEMANA DE FILOLOGIA NA USP, III., 2010, São Paulo. *Atas da III Semana de Filologia na USP*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010, p. 9-20.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR ISO 80601-2-12: Equipamento eletromédico Parte 2-12: Requisitos particulares para a segurança básica e o desempenho essencial de ventiladores para cuidados críticos*. Rio de Janeiro. 2014.
- BARBOSA, M. A. Sistema conceptual e sistema terminológico. *Tradterm*, São Paulo, v. 7, p. 71-94, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49143/53225>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

- BARBOSA, M. A. Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de aplicação. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, v. 3. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 433-445.
- BARROS, L. A. *Curso básico de terminología*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BARROS, L. A. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da Terminologia. *Ciência e Cultura*, v. 58. n. 2. São Paulo. Abril/Junho 2006.
- BIDERMAN, M. T. C. Terminologia e lexicografia. *Tradterm*, São Paulo, v. 7, p. 153-181, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49147/53230>>. Acesso em: 16 jan. 2017.
- CABRÉ, M. T. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/ Empúries, 1993.
- CABRÉ, M. T. *Hacia una teoría comunicativa de la terminología: aspectos metodológicos*. La terminología: representación y comunicación. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999, p. 129-150.
- COXHEAD, A. A new academic word list. *TESOL Quarterly*, v. 34, n. 2, p. 213-238, 2000.
- NAGY, W.; TOWNSEND, D. Words as Tools: Learning Academic Vocabulary as Language Acquisition. *Reading Research Quarterly*, v. 47, n. 1, p. 91-108, 2012.
- FINATTO, M. J. B. Do termo ao texto: novas tendências dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 32, n.1, jan./abr., 2002. Disponível em: <<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/mesaredo/mr007.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2018.
- FREIXA, J. *La Variació terminològica: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient*. 397 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Pompeu Fabra, Instituto de Linguística Aplicada, 2002. Disponível em: <<https://www.tdx.cat/handle/10803/1677#page=1>>. Acesso em: 17 ago. 2018.
- GAUDIN, F. *Socioterminologie*. Une approche sociolinguistique de la terminologie. Rouen: Université de Rouen, 1993. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=LS14ydgWeKIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

- HOFFMANN, L. Característiques dels llenguatges d'especialitat. *In: HOFFMANN, L. Llenguatges d'especialitat*. Selecció de textos. (Sèrie Monografies, 1). Edició de J. Brumme. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1998. p. 21-69.
- HOUAISS. [on-line]. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2009. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#2>>.
- HYLAND, K.; TSE, P. Is there an “academic vocabulary”? *TESOL Quarterly*, v. 41, n. 2, p. 235–253, 2007.
- ISO 1087-1. (E/F). *Terminology work – Vocabulary - Part 1: theory and application / Travaux terminologiques – Vocabulaire - Partie1: théorie et application*. Genève: International Organization for Standardization, 2000.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LETHUILLIER, J. Combinatoire, terminologies et textes. *Meta*, v.36, n.1, p.92–100, 1991.
- LIMA, W. F. A “Lexicologia Construcionista”: uma proposta alternativa de estudo do léxico na linguagem em uso. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, v. 3. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 125-145.
- LUZ-FREITAS, M. S. A neologia no entrecruzar das ciências médicas e biológicas e da engenharia: estudo terminológico do léxico pertinente à engenharia biomédica. 2019. 360 f. Tese. (Doutorado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- PEARSON, J. *Terms in Context*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamin Publishing. 1998. Preview disponível em: <<https://books.google.com.br/books>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

PONTES, A. L. Aspectos lexicais em texto especializado. *In*: ISQUERDO, A. N.; BARROS, L. A. (Orgs.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

REY, A. *Essays on Terminology*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1955.

RONDEAU, G. *Introduction à la terminologie*. Québec: Gaëtan Morin, 1984.

SAGER, J. C. *A Practical Course in Terminology Processing*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1990.

YANG, H. F. A new technique for identifying scientific/technical terms and describing science texts. *Literary and Linguistic Computing*, v. 1, n. 2, p. 93-103, 1986.

# O VOCABULÁRIO ACADÊMICO NA POLÍTICA NACIONAL DE QUALIFICAÇÃO NO TURISMO (PNQT)

Joni Márcio Dorneles Fontella

Rosemary Irene Castañeda Zanette

## INTRODUÇÃO

A leitura de documentos institucionais é parte importante na formação acadêmica de estudantes das mais diversas áreas do conhecimento. Nessa perspectiva, é preciso observar as características vocabulares de tais documentos. Estudos estatístico-lexicais já realizados dizem que cerca de 80% das palavras dos textos são do vocabulário fundamental, constituído de palavras de alta frequência, assim como por palavras que desempenham papel gramatical. Os outros 20% são divididos em subconjuntos vocabulares utilizados em contextos mais específicos. No âmbito universitário, por exemplo, as palavras acadêmicas representam cerca de 10% do léxico presente nos textos. Em contextos de áreas específicas de especialidades existem os vocabulários técnicos, dos quais 5% do léxico é representado pela área a que o texto pertence, e 5% são termos oriundos de outras áreas do conhecimento (NATION, 2013).

Assim sendo, este trabalho tem como objetivo observar o uso de palavras acadêmicas no âmbito dos textos institucionais do Turismo, uma vez que a apropriação de tais itens lexicais torna-se vital para a leitura desses documentos. Para tal intento, selecionamos o texto *Política Nacional de Qualificação no Turismo – PNQT* (2018), e utilizamos como referência o *Academic Word List – AWL* (COXHEAD, 2000), que tem sido amplamente usado como material de referência em estudos desta natureza. Metodologicamente, utilizamos o programa de análise léxica *WordSmith Tools 7.0* para fazermos a seleção das palavras acadêmicas do texto e compará-las com o *corpus* de referência.

Assim, desenvolvemos uma pesquisa de cunho quantitativo, uma vez que não objetivamos fazer discussões acerca dos méritos ou deméritos do AWL, mesmo reconhecendo a necessidade de futuros estudos que abordem questões qualitativas. Neste momento, buscamos quantificar a presença de palavras acadêmicas, tal qual descritas por Coxhead (2000), no PNQT (2018).

Dessa forma, trata-se de uma pesquisa ancorada nos estudos do léxico (BIDERMAN, 1996, 2001; HYLAND; TSE, 2004; NATION, 2013), que busca verificar o grau de ocorrência de palavras acadêmicas em um texto institucional da área do Turismo.

## POLÍTICA NACIONAL DE QUALIFICAÇÃO NO TURISMO (PNQT)

A *Política Nacional de Qualificação no Turismo* (PNQT) foi desenvolvida por meio de uma parceria entre o Ministério do Turismo (MTUR), a Universidade de Brasília (UNB), empresários, gestores, Organizações não Governamentais (ONGs) e trabalhadores da área (UNB, 2018). O objetivo central almejado com essa iniciativa era alcançar a “excelência dos serviços turísticos brasileiros e contribuir para consolidar o setor do Turismo como uma das vertentes da economia brasileira” (MTUR, 2018a, p. 10).

Por ser um documento pensado e elaborado por um grupo de pessoas de diferentes instâncias do Turismo, o PNQT é tido como o ponto basilar que dá as diretrizes para que o Brasil alcance um nível de alta qualidade no atendimento aos turistas, sejam eles domésticos ou estrangeiros, nos mais variados destinos turísticos nacionais.

A concepção desse documento está diretamente ligada ao *Plano Nacional de Turismo* (PNT) (2018), outra importante publicação institucional desse setor, que previa, em uma de suas principais metas, a criação de cerca de dois milhões de vagas de emprego no Turismo no quadriênio compreendido entre os anos de 2018 e 2022. O MTUR justificou essa meta argumentando que:

O turismo impacta mais de cinquenta segmentos da economia, gerando emprego e renda para cerca de sete milhões de brasileiros. Com o aumento

das viagens domésticas e do número de turistas internacionais no país, o mercado de trabalho do setor deverá se aquecer. (MTUR, 2018b, p. 50)

Nessa perspectiva, fazia-se necessário a formalização e a qualificação de profissionais do ramo e, com isso, o Estado deveria “estimular a qualificação do turismo nos setores público e privado; e estimular a modernização da grade curricular dos cursos relacionados com o setor do turismo” (BRASIL, 2019, n.p.), seja no Ensino Profissional, seja no Ensino Superior. Assim, o documento em foco neste artigo foi elaborado, com o intuito de guiar os atores do setor à almejada excelência profissional.

De acordo com o MTUR (2018a), ainda no ano de 2015 foram elaboradas também as *Diretrizes Nacionais para Qualificação em Turismo* (DNQT), “com a finalidade de estabelecer orientações para o planejamento, execução, monitoramento e avaliação das ações direcionadas ao desenvolvimento de competências de trabalhadores, gestores, empresários e empreendedores que atuam no setor do turismo” (MTUR, 2018a, p. 15).

Por meio das DNQT, foi possível diagnosticar as necessidades e dificuldades dos profissionais do setor em relação a melhoria de sua qualificação, e essa visão da realidade é essencial para o cumprimento das metas de qualidade estabelecidas no PNT 2018-2022. E, mais que isso, os resultados obtidos por meio das pesquisas do DNQT foram, juntamente com as metas do PNT 2018-2022, orientadores da PNQT (2018).

As DNQT foram fundamentadas em cinco estudos: 1) entrevistas com expoentes da área (empresários, gestores públicos, representantes do terceiro setor e acadêmicos), com o objetivo de conhecer a percepção desses atores sobre a atual situação do Turismo e da qualificação no setor, e sobre o que se espera no futuro; 2) análise de 67 documentos previamente selecionados, com o objetivo de avaliar o processo de qualificação entre os anos de 2003 e 2013; 3) *benchmarking*, com o intuito de comparar como ocorre a qualificação em Turismo em oito países (Canadá, Estados Unidos, México, Reino Unido, Portugal, Suíça, Singapura e Nova Zelândia); 4) estudo prospectivo, com a intenção de prever tendências no setor de Turismo e as exigências de qualificação nos próximos 12 anos; 5) estudo sobre certificação, com o objetivo de examinar a certificação como



instrumento de qualificação no Brasil e no mundo (MTUR, 2018a, p. 19-21).

Por meio desses estudos, então, as diretrizes das DNQT foram estabelecidas, e entre elas destacam-se: o estímulo à oferta de cursos de diversos formatos, desde presenciais a cursos à distância; e a ênfase a programas e ações que visem a elevar a escolaridade dos trabalhadores do setor.

Além das DNQT, a PNQT buscou fundamentação na *Pesquisa Avaliativa dos Arranjos Territoriais Possibilitadores da Qualificação em Turismo* (2015-2016) que possibilitou “conhecer aspectos da realidade, descrever, caracterizar e explicar fenômenos relacionados à educação, formação profissional e mercado de trabalho na base territorial, a partir da investigação e análise da correlação existente entre variáveis identificadas” (MTUR, 2018a, p. 23). Por meio dessa pesquisa, foi possível diagnosticar a demanda e a oferta por qualificação em Turismo, investigando-se, em pesquisas de campo, 11 regiões brasileiras através do mapeamento de 78 municípios (MTUR, 2018a). Como resultado dessas investigações, percebeu-se que os cursos de qualificação profissional existentes no país se mostravam insuficientes para que se pudesse atingir o nível de competitividade almejado nos serviços turísticos nacionais e, conseqüentemente, “não conseguiam sustentar um ciclo virtuoso que promovesse a criação de mais empregos nos municípios participantes dos programas federais de qualificação” (MTUR, 2018a, p. 23).

Os resultados obtidos pelas duas pesquisas mencionadas se caracterizaram como subsídios impulsionadores para a elaboração da PNQT (2018), que contou com uma rede de cooperação entre instituições públicas federais, coordenadas pelo Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (CET/UnB) e do Núcleo de Políticas Públicas em Turismo (NPPTUR) – do Programa de Mestrado Profissional em Turismo (MTUR, 2018a).

Dessa maneira, a PNQT tem a premissa central de que a educação profissional é uma construção social e, assim sendo, visa à inclusão e ao desenvolvimento econômico dos indivíduos por meio da geração de trabalho e distribuição de renda. Nessa perspectiva, o documento afirma

que é papel do Estado “desenvolver uma política pública de qualificação que também seja uma política de trabalho e renda e uma política educacional” (MTUR, 2018a, p. 31). Assim,

A Política Nacional de Qualificação no Turismo tem como finalidade a qualificação social e profissional de jovens e adultos do setor de turismo, com mais de 16 anos, com a premissa de que a articulação entre educação, trabalho e desenvolvimento territorial considere a formação profissional como um direito do cidadão/cidadã, instrumento indispensável à sua inclusão e aumento de sua permanência no mundo do trabalho, visto que garante sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. (MTUR, 2018a, p. 32)

Assim, as estratégias de implementação de PNQT foram traçadas por meio de: 1) *Planos Territoriais* que, entre outros objetivos, buscavam apontar demandas territoriais por qualificação no Turismo; articular e alinhar Políticas Públicas; e realizar diagnósticos participativos; 2) *Programas de Qualificação*, buscando articular o Ministério da Educação (MEC) e as instituições ofertantes de cursos de qualificação em Turismo; definir critérios para avaliação pedagógica; monitorar e avaliar processos de gestão dos cursos, entre outros; 3) *Projetos e Ações de Qualificação*, buscando desenvolver estudos e pesquisas, metodologias e tecnologias de qualificação; atender demandas de qualificação; valorizar a cultura do território, entre outros (MTUR, 2018a, p. 40).

Vale ressaltar que os objetivos e estratégias estabelecidas pelo PNQT, assim como os do PNT 2018-2022, foram diretamente afetados pela pandemia que assolou não somente o Brasil, mas o mundo a partir do final do ano de 2019.

Em suma, é importante destacar que, mesmo não objetivando descrever de forma minuciosa esse documento, é essencial apresentar o contexto em que ele foi elaborado, para poder situar o leitor em relação ao conteúdo nele presente.

## VOCABULÁRIO FUNDAMENTAL, TÉCNICO E ACADÊMICO

O léxico de qualquer língua natural “abrange todo o universo conceptual dessa língua [e] qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades” (BIDERMAN, 2001, p. 178). Quando a autora faz essa afirmação, ela deixa claro que se trata de um conjunto muito vasto de unidades lexicais. Mas, devemos estar cientes que esse grande todo chamado léxico, é composto por inúmeros subconjuntos de palavras que são utilizados e compartilhados por comunidades ou grupos específicos de falantes, denominados *vocabulários* (ABBADE, 2011).

Nessa perspectiva, no âmbito deste trabalho, vamos focar nossa atenção na definição de três tipos de vocabulários que são importantes para o desenvolvimento da pesquisa, o *fundamental*, o *técnico* e o *acadêmico*.

O *vocabulário fundamental* é considerado como um “núcleo lexical no interior do léxico de um idioma, que ocorre em qualquer tipo de discurso formulado na língua em questão” (BIDERMAN, 1996, p. 28). De acordo com a autora, foi a partir do início da década de 1960 que uma série de pesquisas baseadas em métodos estatísticos evidenciou a existência desse núcleo comum das línguas naturais. Por meio do dicionário de frequência das línguas românicas (JULLAND et al, 1964, 1965, 1971, 1973), por exemplo, percebeu-se que “cerca de 80% de qualquer texto são constituídos pelas 500 palavras mais frequentes da língua, incluindo-se aí um conjunto de palavras de valor semântico muito geral e a totalidade das palavras gramaticais dessas línguas” (BIDERMAN, 1996, p. 28). A autora destaca que estudos como este tinham por objetivo principal descrever vocabulários básicos para serem utilizados no ensino de línguas para estrangeiros, pois estes poderiam servir como base no momento de seleção de conteúdo para o ensino do léxico.

Nessa mesma perspectiva, alguns anos antes, em 1953, Michael West havia publicado os resultados de uma pesquisa que durou cerca de duas décadas, que tinha por objetivo apresentar o vocabulário básico, ou fundamental, da língua inglesa. A denominada *General Service List* (GSL –

Lista de Uso Geral) era composta por um total de 2.000 famílias de palavras que cobriam cerca de 84% dos textos.

Os estudos de West foram realizados em uma época pré-computador e se basearam em um *corpus* de 2,5 a 5 milhões de palavras (BROWNE; CULLIGAN; PHILLIPS, 2018). Por décadas, a GSL tornou-se referência quanto ao vocabulário fundamental da língua inglesa. No entanto, passou a receber muitas críticas devido ao tamanho reduzido do *corpus* utilizado como referência na sua execução e, também, por se tratar de uma variedade da língua usada há muito tempo que, naturalmente, não condiz com a língua em uso atualmente. Assim,

No 60º aniversário da publicação do GSL de West, houve a criação de uma Nova Lista de Uso Geral, (NGSL) que é baseada em uma subseção criteriosamente selecionada de 273 milhões de palavras de 1.6 bilhões de palavras do Corpus do Inglês de Cambridge (CEC) anteriormente conhecido como Corpus Internacional de Cambridge. (BROWNE; CULLIGAN; PHILLIPS, 2018, n.p.)<sup>1</sup>

Dessa forma, o NGSL representa uma atualização considerável em relação ao GSL, pois é baseado em um *corpus* extenso e contemporâneo, que pode ser considerado representativo da língua inglesa atual e, mais que isso, um exemplo do vocabulário fundamental atualizado do inglês.

De um lado, percebemos que conhecer o vocabulário fundamental é de grande valia para o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Mas, por outro lado, por se tratar de palavras de alta frequência, falantes nativos adultos tendem a ter conhecimento de grande parte, ou até mesmo da totalidade das palavras que o compõem.

Já no *vocabulário técnico*, vamos encontrar itens lexicais de baixa frequência que são diretamente relacionados à área de especialidade ou à disciplina a que o texto pertence, pois “essas palavras são razoavelmente

---

<sup>1</sup> On the 60th anniversary of West's publication on the GSL, there was a creation of a New General Service List (NGSL) that is based on a carefully selected 273-million-word subsection of the 1.6-billion-word Cambridge English Corpus (CEC) formerly known as the Cambridge International Corpus.

comuns nesta área, mas não tão comuns em outro lugar” (NATION, 2001, p. 12)<sup>2</sup>.

Entramos, portanto, no âmbito do léxico especializado, cujo foco é o *termo*, unidade básica dos estudos da Terminologia. O estabelecimento da Terminologia, como ciência, dá-se por meados do século XX. Os avanços técnicos e a proliferação de novas áreas de especialidades, no período pós Segunda Guerra Mundial, trouxe consigo um crescimento significativo de vocabulários especializados para a comunicação intraespecialidade, interespecialidade e, também, extraespecialidade (FINATTO; ZILIO, 2015). Assim, os vocabulários especializados tornaram-se imprescindíveis para o desenvolvimento e ampliação do léxico geral de uma língua.

De acordo com Nation (2001), um dicionário de termos técnicos de uma área específica do conhecimento, como Economia ou Geografia, por exemplo, geralmente apresenta cerca de 1.000 entradas. Isso demonstra que se trata de um conjunto pequeno de palavras se comparado com a totalidade do léxico ou com o vocabulário fundamental de uma língua. O autor afirma que “palavras como essas normalmente cobrem cerca de 5% das palavras correntes de um texto [e] elas se diferem de uma área de estudo para outra” (NATION, 2001, p. 12).

Deve-se salientar, no entanto, que, apesar de as diversas áreas do conhecimento possuírem termos que descrevem um âmbito específico, é possível que um mesmo termo seja utilizado em duas ou mais áreas. Trata-se do que foi chamado por Barbosa (1998) de *metaterminologização*, que pode ocorrer de duas formas:

O processo de transposição de um termo, de uma para outra área, sem a modificação total do significado, ou seja, com a manutenção de alguns traços semânticos na intersecção dos dois sememas [...] por outro lado, a transposição da terminologia para a terminologia, sem que se conserve núcleo sêmico comum aos termos resultantes nas diferentes áreas envolvidas. (BARBOSA, 1998, p. 33-34)

---

<sup>2</sup> These words are reasonably common in this topic area but not so common elsewhere.

Como exemplo da primeira forma, podemos observar a palavra *conexão* que, em Informática, é a “comunicação ou troca de informações entre dispositivos computacionais” (AURÉLIO, 2010, n.p.) e, no Turismo, assim como na Aviação, trata-se do “ponto de um itinerário onde se faz baldeação” (AURÉLIO, 2010, n.p.). Embora tendo significados distintos, em ambas as áreas citadas, o termo mantém os traços de significação que remetem a *contato* e *ligação*, por exemplo. Já na segunda forma de *metaterminologização*, podemos observar o termo *escala*. Em Música, trata-se de “grupo predeterminado de sons que se sucedem por graus conjuntos ou intervalos maiores, e que podem ser ascendentes ou descendentes” (AURÉLIO, 2010, n.p.). Já em Turismo e Transportes, o termo se refere a um “lugar de parada de qualquer meio de transporte de viajantes” (AURÉLIO, 2010, n.p.). Percebemos, então, que entre o significado de *escala* em Música e o mesmo termo homônimo em Turismo e Aviação, não há nenhum traço de significação em comum.

Também, é importante destacar a frequente passagem de vocábulos da língua geral para a categoria de termo. Este processo é denominado por Barbosa (1998) como *terminologização*. Um exemplo pode ser observado com a palavra *perna* que, entre outros significados possíveis na língua geral, é “a parte de cada um dos membros inferiores do corpo humano compreendido entre joelho e tornozelo” (AURÉLIO, 2010, n.p.). Na área do Turismo, no entanto, existe o termo *uma perna*, que, de acordo com o dicionário de *Termos Técnicos do meio Turístico*, significa “apenas um trecho de uma viagem e não uma ida e volta” (FALCÃO, 2016, p. 710).

Como visto, os termos técnicos são unidades lexicais que também compõem o sistema léxico da língua. Dessa forma, eles estão presentes na comunicação, seja oral ou escrita, nos mais diversos contextos e em diferentes graus.

Finalmente, chegamos ao *vocabulário acadêmico*, termo que é “usado para se referir a itens que são razoavelmente frequentes em uma

grande gama de gêneros acadêmicos, mas são relativamente incomuns em outros tipos de textos”<sup>3</sup> (HYLAND; TSE, 2007, p. 235).

Apesar de apresentarem certa familiaridade com o vocabulário técnico da área de interesse, os estudantes universitários tendem a apresentar algum tipo de dificuldade com o vocabulário acadêmico, uma vez que se trata de itens lexicais que ocorrem com menor frequência do que o vocabulário fundamental (COXHEAD, 2000).

No ensino de qualquer disciplina, no âmbito do Ensino Superior, “o vocabulário acadêmico desempenha um papel muito amplo de apoio e as palavras provavelmente não serão explicadas pelo professor do conteúdo” (HYLAND; TSE, 2007, p. 236). Em outras palavras, trata-se de unidades lexicais consideradas fundamentais para a leitura e produção escrita de resumos, resenhas, artigos, e outros tipos de textos, assim como em apresentações orais do âmbito acadêmico, mas que não são ensinadas no âmbito acadêmico. A sua importância pode ser percebida por meio dos resultados de estudos que apontam que essa categoria de vocabulário cobre de 8% a 10% das palavras correntes de textos de diferentes áreas acadêmicas (NATION, 2001; HYLAND; TSE, 2007). Além disso, vale destacar que o domínio do vocabulário acadêmico pode enriquecer as apresentações orais de estudantes universitários em seminários, palestras e congressos.

Considerando a relevância do tema, nas últimas décadas várias pesquisas têm sido realizadas tendo como foco a delimitação e a descrição de vocabulários acadêmicos. Entre esses trabalhos, destaca-se a *Academic Word List – AWL* (COXHEAD, 2000).

Para a realização de sua pesquisa, a autora compilou um *corpus* de 3,5 milhões de palavras de textos acadêmicos de “28 disciplinas, organizadas em 7 grandes áreas em quatro campos do conhecimento: artes, comércio, direito e ciências”<sup>4</sup> (COXHEAD, 2000, p. 216). Então, a autora adotou como critério considerar apenas as palavras que não estivessem entre as primeiras

---

<sup>3</sup> [...] used to refer to items which are reasonably frequent in a wide range of academic genres but are relatively uncommon in other kinds of texts.

<sup>4</sup> 28 subject areas organised into 7 general areas within each of four disciplines: arts, commerce, law, and science.

2.000 palavras mais recorrentes em língua inglesa descritas por West (1953) no GSL, uma vez que essas são palavras de alta frequência e, sendo assim, é esperado que um estudante em nível universitário já as domine.

Outro critério importante adotado pela autora foi a organização das unidades lexicais em “famílias de palavras”, que consiste no agrupamento de “uma palavra-chave, suas formas flexionadas e suas formas derivadas intimamente relacionadas”<sup>5</sup> (NATION, 2001, p. 8). Assim, além de flexões como as de plural e gerúndio, por exemplo, são agrupadas na mesma família, todas as palavras resultantes do uso de afixos. Nessa perspectiva, a família da palavra *embarcar* poderia ser composta por: *embarcou*, *desembarcar*, *embarcando*, *embarcação*, entre outros. Mas, como condição necessária para que a palavra fosse incluída em uma família de palavra, ela deveria “ocorrer pelo menos 10 vezes em cada uma das quatro seções principais do corpus e em 15 ou mais das 28 disciplinas”<sup>6</sup> (COXHEAD, 2000, p. 221). A partir desse procedimento, foi possível avaliar a abrangência de cada palavra nas áreas e disciplinas que compuseram o *corpus*. Além disso, a autora considerou a frequência de ocorrência, selecionando apenas as palavras que apareceram pelo menos 100 vezes no *corpus* acadêmico (COXHEAD, 2000). Seguindo essa metodologia, Coxhead chegou a 573 famílias de palavras que, de forma geral, dão conta de 10% das palavras em um texto acadêmico.

Além disso, a autora organizou e apresentou as famílias de palavras divididas em dez sublistas, cujas palavras-chave mais frequentes de cada família de palavras são suas representantes. A sublista número um contém as palavras acadêmicas mais frequentes, enquanto a sublista dez apresenta as palavras que ocorreram com menor frequência no *corpus*.

---

<sup>5</sup> [...] a headword, its inflected forms, and its closely related derived forms.

<sup>6</sup> [...] to occur at least 10 times in each of the four main sections of the corpus and in 15 or more of the 28 subject areas.



## O VOCABULÁRIO ACADÊMICO NA PNQT: METODOLOGIA E ANÁLISE

Antes de apresentarmos os resultados de nossas análises, vamos descrever, brevemente, os critérios e os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa.

O primeiro critério consistiu em utilizar como referência de vocabulário acadêmico o AWL (COXHEAD, 2000), que desde a sua elaboração tem sido amplamente utilizado em pesquisas desta natureza. O segundo, diz respeito à questão da *tradução* das palavras, uma vez que o AWL apresenta palavras em língua inglesa e o nosso *corpus* é em língua portuguesa. Assim, utilizamos o *Cambridge Dictionary* (2021), versão *on-line*, para verificar o significado das palavras do AWL, e considerar as acepções que apresentam. Dessa forma, foi possível avaliar se uma determinada palavra do AWL estava presente no PNQT ou não. O terceiro critério, por sua vez, está relacionado à frequência das ocorrências. Por se tratar de um *corpus* pequeno, não desconsideramos nenhuma palavra, isto é, mesmo que uma unidade lexical tenha ocorrência um (1), ela foi considerada na pesquisa, pois ela pode ser representativa. O quarto e último critério foi a desconsideração de palavras derivadas que não estivessem na família de uma palavra, tal qual descrito por Coxhead (2000). Um exemplo disso é *interseção*. No AWL, a família da palavra *section* é composta por *sectioned*, *sectioning* e *sections*. É notável que *interseção* é derivada de *seção*, mas, por motivos metodológicos, e mantendo a coerência em relação ao objetivo do trabalho, consideramos apenas as palavras presentes no AWL.

Para observar a presença das palavras acadêmicas no PNQT, utilizamos o programa de análise léxica *WordSmith Tools* 7.0. Primeiramente, fizemos a conversão do arquivo *pdf* para *txt*, pois este é o formato adequado para o trabalho com esse programa. Então, utilizando a ferramenta *WordList*, fizemos uma lista com todas as palavras do texto, obtendo um total de 17.036 palavras corridas. Como não iríamos considerar a frequência de uso, geramos a lista em ordem alfabética para facilitar a localização de uma palavra específica no *corpus*. Além disso, utilizamos a

ferramenta *Concord*, do *WordSmith Tools 7.0*, para observar o contexto em que as palavras são utilizadas, para que, juntamente com as informações trazidas pelo *Cambridge Dictionary*, pudéssemos considerar ou não determinadas unidades lexicais.

Seguindo os critérios e procedimentos metodológicos descritos, partimos agora para a apresentação dos resultados da pesquisa. Vamos apresentar uma análise comparativa e quantitativa do nosso *corpus*, com as três primeiras e as três últimas sublistas elaboradas por Coxhead (2000). Decidimos analisar apenas algumas sublistas devido ao caráter breve de um artigo. E, também, por considerar que a observação das três sublistas mais frequentes e das três menos frequentes já seria suficiente para atingir o objetivo proposto.

Então, vejamos na tabela a seguir os dados quantitativos observados na pesquisa:

*Tabela 1 – Comparativo quantitativo das palavras acadêmicas no AWL e na PNQT*

Sublistas do awl	Awl - total de palavras	Pnqt - palavr presentes	Porcentagem do total	Total de palavras	Porcentagem total
<i>Sublista 1</i>	60	56	93,33%	Sublistas 1, 2 e 3 = 180	Sublistas 1, 2 e 3 = 81,67%
<i>Sublista 2</i>	60	51	85%		
<i>Sublista 3</i>	60	40	66,67%		
<i>Sublista 8</i>	60	16	26,67%	Sublistas 8, 9 e 10 = 158	Sublistas 8, 9 e 10 = 27,85%
<i>Sublista 9</i>	63	20	31,75%		
<i>Sublista 10</i>	30	08	26,67%		

*Fonte:* elaborada pelos autores.

A sublista um é composta por 60 palavras-chave e, no PNQT, identificamos 56, representando 93,33% do total. Não é surpresa a alta porcentagem identificada, pois, a primeira sublista traz os itens mais recorrentes no *corpus* acadêmico selecionado por Coxhead (2000). Entre as palavras dessa lista está *abordagem*, como pode ser visto em: “uma problemática contextualizada ao território e requer uma abordagem

sistêmica” (MTUR, 2018, p. 13). Outros exemplos de palavras encontradas nesta sublista, e que também foram identificadas no PNQT, são: *conceito, fatores, renda e variável*.

A sublista número dois também é composta por 60 palavras-chave. Como gradativamente as sublistas contêm palavras que se mostraram menos frequentes no *corpus* analisado por Coxhead (2000), seria natural que elas tivessem menor ocorrência no texto analisado por nós. Observamos a presença de 51 palavras, o que representa 85% do total de 60 da sublista dois. Entre os itens lexicais desse nível estão *abrangência*, como em: “descrição da abrangência territorial do curso” (MTUR, 2018a, p. 57); e recursos, como visto em: “a personalidade do território é o conjunto de recursos materiais e imateriais de que dispõe” (MTUR, 2018a, p. 26). Outros exemplos de ocorrências da segunda sublista são: *aquisição, assistência, conduzir e restrição*.

Assim como as primeiras duas, a sublista número três é composta por 60 palavras-chave e, seguindo a lógica anterior, apresenta itens lexicais que ocorreram com uma frequência menor do que os anteriores. No *corpus* do PNQT, observamos a presença de 40 palavras, totalizando 66,67% do total apresentado na sublista três de Coxhead (2000).

Entre as palavras presentes em ambos os *corpora* está *instância*, como em: “aprovar, em primeira instância, projetos e ações dos Planos Territoriais de Qualificação no Turismo” (MTUR, 2018a, p. 41). Outros itens lexicais vistos neste nível são: *critério, ênfase, fundos e implicar*.

Observamos que as palavras das três primeiras sublistas ocorreram 93,33%, 85% e 66,67%, respectivamente, no PNQT, uma porcentagem alta decorrente do fato de que, nestas sublistas, Coxhead agrupou as palavras mais frequentes em seu *corpus* de análise. Agora, no entanto, vamos observar como se manifestam as palavras das últimas três listas.

A sublista número oito é composta por 60 palavras-chave. No entanto, ao buscarmos essas palavras no PNQT, encontramos apenas 16, o que corresponde a apenas 26,67% do total. De acordo com o que foi exposto, estamos em um âmbito onde os itens lexicais foram menos frequentes e que apresentam um nível de complexidade cada vez maior. Um exemplo é a palavra *conformidade*, como visto em: “adotar e estimular a

oferta de cursos em diversos formatos [...] em conformidade com a demanda e as características de cada destino” (MTUR, 2018a, p. 20). Outros exemplos de palavras são: *crucial, diretrizes, eventualmente e inspeção*.

Na sublista nove há 63 palavras-chave, das quais identificamos 20 no PNQT. Isso representa 31,75% do total, porcentagem levemente maior da observada na sublista anterior. Neste contexto está a palavra *restringir*, como pode ser visto em: “é de grande valia não se restringir à aquisição de saberes no sentido acadêmico e incluir a aquisição do saber-fazer” (MTUR, 2018a, p. 42). Outros exemplos de palavras encontradas nesta sublista, e que apareceram no texto do PNQT, foram: *ética, inerente, qualitativo e esfera*.

Na sublista número dez, Coxhead organizou as 30 palavras menos frequentes em seu *corpus* acadêmico. Ao analisarmos o texto selecionado para nossa pesquisa, observamos a presença de oito palavras, o que representa 26,67% do total. De acordo com a autora, um dos motivos de essas palavras serem menos frequentes no *corpus*, o qual, vale a pena ressaltar, foi composto por várias áreas do conhecimento e inúmeras disciplinas, é o grau de complexidade que elas apresentam. Um exemplo pode ser visto com a palavra *intrínseco*, como em: “o trabalho é entendido como processo humano, intrínseco ao sujeito e seu percurso histórico” (MTUR, 2018a, p. 32). Outras palavras vistas neste nível são: *adjacente, conceber, colapso e compilar*.

Assim, do total de 180 famílias de palavras identificadas por Coxhead (2000) nas três primeiras sublistas do seu AWL, 147 delas tiveram pelo menos um de seus membros presentes no PNQT. Este número representa 81,67% do total de palavras.

Por outro lado, do total de 158 famílias de palavras apresentadas pela autora nas três últimas sublistas do AWL, 44 delas tiveram ao menos um membro representado no texto por nós estudado, apenas 27,85% do total.

Dessa forma, por meio dos dados aqui observados, é possível afirmar que a AWL pode ser um instrumento importante para a apropriação da variante acadêmica do léxico, e que o estudo dos itens apresentados, principalmente nas primeiras sublistas do material, podem otimizar a capacidade tanto de leitura quanto de produção escrita no âmbito do Ensino Superior.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo verificar a presença do vocabulário acadêmico em textos institucionais da área de Turismo, pois a leitura de materiais desse gênero é fundamental para a formação de estudantes em nível superior. Assim, selecionamos o PNQT (2018) e utilizamos como referência a AWL, de Coxhead (2000), que é uma fonte de grande importância para estudantes, professores e pesquisadores interessados na variedade acadêmica do léxico.

A grande incidência das palavras da AWL no PNQT não apenas comprova a relevância do trabalho de Coxhead (2000), mas, também, ressaltam que o vocabulário acadêmico desempenha um papel fundamental na recepção e produção linguística de estudantes universitários, pois representa cerca de 10% dos itens lexicais dos textos.

Como pode ser visto por meio dos dados apresentados nesta pesquisa, mais de 80% das famílias de palavras, representadas por um de seus membros nas sublistas de unidades mais frequentes do *corpus* acadêmico de Coxhead (2000), tiveram ao menos um representante no PNQT (2018).

Deve-se considerar, no entanto, que esta pesquisa foi realizada tendo como *corpus* de análise apenas um texto institucional da área do Turismo. Assim, os resultados aqui descritos podem ser considerados apenas como uma amostra da manifestação do vocabulário acadêmico em textos deste gênero, não sendo possível afirmar que outros textos tenham as mesmas características.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa se configura como uma inquietação inicial e possível motivadora para a realização de outros estudos sobre este tema que tem ainda muito a ser explorado.

## REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *Cadernos do CNLF*, v. XV, nº5, t.2. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2011. pp. 1332-1343.

AURÉLIO. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5ª ed. – Editora Positivo, 2010. Disponível em: <https://apps.apple.com/br/app/aur%C3%A9lio-digital/id1444777162>. Acesso em: 30 mar. 2021.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização*: relações. Acta semiótica et linguística, São Paulo, v. 7, p. 25-44, 1998.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Léxico e vocabulário fundamental. Alfã*, São Paulo, v. 40, pp. 27-46, 1996.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. *Decreto n° 9.791*. Aprova o Plano Nacional de Turismo 2018-2022. Presidência da República – Secretária-geral, Brasília, 2019.

BROWNE, Charles; CULLIGAN, Brent; PHILLIPS, Joseph. *The New General Service List*. A core vocabulary for EFL students and teachers. Linguistics. Cambridge University Press, 2018. Disponível em: <https://www.cambridge.org/elt/blog/2018/05/29/general-service-list/>. Acesso em: 08 mar. 2021.

CAMBRIDGE DICTIONARY. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/>. Acesso em: 26 mar. 2021.

FALCÃO, Luis Altair Coffi. *Termos técnicos do meio turístico*: conceito, definições, siglas e tipologias. IFFar, São Borja, 2016.

FINATTO, Maria José Bocorny; ZILIO, Leonardo. *Textos e termos por Lothar Hoffmann*. Porto Alegre: Palotti, 2015.

MTUR. *Política Nacional de Qualificação no Turismo*: a qualificação profissional como diferencial estratégico para a qualidade dos serviços turísticos no Brasil. Ministério de Estado do Turismo, Brasília, 2018a.

MTUR. *Plano Nacional de Turismo 2018-2022*: mais emprego e renda para o Brasil. Ministério de Estado do Turismo, Brasília, 2018b.

MTUR. *Diretrizes Nacionais para Qualificação em Turismo*. Ministério de Estado do Turismo, Brasília, 2015.

NATION, I. S. P. *Learning vocabulary in another language*. Cambridge University Press, 2001.

UNB. *Governo lança Política Nacional de Qualificação no Turismo*. Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://abre.ai/cgyK>. Acesso em: 02 mar. 2021.

# LINGUÍSTICA DE CORPUS NO ENSINO DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS: SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM FOCO EM VOCABULÁRIO E A PERSPECTIVA DOS ALUNOS DE TECNOLOGIA EM MANUTENÇÃO DE AERONAVES

Daniela Terenzi

## INTRODUÇÃO

O ensino de inglês para fins específicos, principalmente aquele voltado para propósitos ocupacionais, está em expansão no contexto educacional brasileiro devido ao crescimento da oferta de cursos técnicos e tecnológicos por instituições como os Institutos Federais e as Faculdades de Tecnologia (TERENZI, 2019).

Considerando usos tão específicos da língua, os professores de inglês – profissionais formados em cursos de licenciatura – encontram vários desafios quando precisam ministrar aulas em tais cursos, a saber, investigar interesses e necessidades dos aprendizes, definir ementas e conteúdos para as disciplinas, elaboração de atividades didáticas, visto que há uma escassez de materiais voltados para a maioria das ocupações enfocadas nos cursos profissionalizantes e lidar com textos e termos com os quais não estão acostumados (MONZÓN; FADANELLI, 2016; TERENZI, 2019).

O vocabulário específico pode ser uma dificuldade para o professor, tanto para selecionar quais termos serão estudados durante as aulas quanto em relação ao significado de certas palavras em uma determinada área de conhecimento. Além disso, é muito relevante para os aprendizes, uma vez que o léxico é essencial para o aprendizado da língua estrangeira e comumente termos relacionados a uma profissão em particular não são abordados em cursos de idiomas tradicionais.



Os estudos baseados em corpora têm contribuído de forma significativa para o ensino de línguas estrangeiras, principalmente para fins específicos no que tange gêneros, estruturas gramaticais e/ou o léxico de determinada área. Esse tipo de pesquisa pode ser feita pelo próprio professor, para determinar os conteúdos da disciplina e, também, para melhor compreender aspectos linguísticos da língua usada em uma área que não é de sua especialidade.

Ademais, o professor pode orientar os aprendizes em atividades de exploração de corpora, isto é, fazer uso da abordagem de aprendizagem baseada em dados (em inglês: *Data-Driven Learning* - DDL). No entanto, não é uma regra que na formação de professores sejam abordadas noções mínimas sobre linguagem especializada e os procedimentos e conceitos de áreas como Lexicografia Especializada, Terminologia e Linguística de Corpus (FADANELLI, 2020).

Dessa maneira, considerando que o estudo de vocabulário específico é essencial em aulas de inglês para fins ocupacionais, que os estudos baseados em corpus têm se provado relevantes para o ensino e a aprendizagem de aspectos linguísticos recorrentes em textos de uma determinada área e que professor e alunos podem se beneficiar quando tais análises são feitas em conjunto, justifica-se as investigações que abordem o uso de atividades que promovam a pesquisa em corpus feita por aprendizes em cursos de línguas para propósitos específicos.

Com o objetivo de instigar práticas similares e fomentar discussões no âmbito da linguística de corpus e da linguística aplicada, este artigo descreve uma atividade baseada em corpus feita por alunos de um curso tecnológico cujas disciplinas de inglês são voltadas para a ocupação de mecânico em manutenção de aeronaves. Além disso, apresenta os resultados obtidos em uma pesquisa exploratória, cuja coleta de dados foi realizada por meio de dois questionários, com esses mesmos alunos com o objetivo de investigar a perspectiva de tais aprendizes considerando a atividade.

## INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS, LEITURA E ENSINO/APRENDIZAGEM DE VOCABULÁRIO

A premissa do ensino de línguas para fins específicos, segundo Hutchinson e Waters (1987), é que a abordagem para o ensino do idioma seja baseada nas necessidades do aprendiz. Para isso, os autores propõem a seguinte pergunta para orientar esse tipo de ensino: “Por que esse aprendiz precisa aprender uma língua estrangeira?” (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 19).

A fim de se responder essa pergunta, é preciso investigar os interesses e as necessidades dos aprendizes e essa análise tem sido feita por vários pesquisadores considerando os diferentes contextos de ensino de línguas, como em cursos técnicos e tecnológicos, apesar de “ainda existem poucas pesquisas acerca do ensino de inglês no contexto do ensino técnico e/ou tecnológico” (MONZÓN; FADANELLI, 2016, p. 5).

Motivados pela escassez de materiais didáticos e falta de orientações explícitas dos conteúdos a serem abordados no ensino, Terenzi (2014) e Embryany e Ratmanida (2020) conduziram seus estudos a fim de investigar quais são as necessidades e os interesses, bem como as demandas do mercado de trabalho dos profissionais envolvidos com a manutenção de aeronaves. Ambas as pesquisas constataram que “para realizar tarefas, os trabalhadores devem seguir determinados cartões de tarefa, cartões de trabalho que estão em inglês” bem como manuais de manutenção das aeronaves, “então, a habilidade de ler é muito importante para os trabalhadores” (EMBRYANY; RATMANIDA, 2020, p. 36).

O curso de tecnologia em manutenção de aeronaves é ofertado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo no *campus* São Carlos e, assim como em outros cursos da rede, “o professor é o responsável pelas aulas e, também, pela elaboração do material didático a ser utilizado pelos alunos” (TERENZI, 2019, p. 59). Além disso, é preciso considerar que o mesmo professor pode lecionar em cursos diferentes, de áreas distintas e, portanto, “para atender a tantas peculiaridades, [...] se depara com muitos desafios. A dificuldade inicial é lidar com termos e

conceitos de áreas que não são de sua especialidade [...]” (MONZÓN; FADANELLI, 2016, p. 5).

Para alguns autores, o ensino e a aprendizagem de vocabulário tem sido negligenciados pelas pesquisas em Linguística Aplicada e, para Rodrigues (2011, p. 56), em sala de aula o vocabulário também fica em segundo plano e “tem sido tratado apenas como um “coadjuvante” na sala de aula, não recebendo nenhuma atenção especial, mesmo sendo, segundo os próprios alunos, um dos principais fatores responsáveis por suas dificuldades durante as interações verbais”.

Apesar disso, muitos autores afirmam que a aquisição de vocabulário é essencial para a aprendizagem de línguas estrangeira. Yamamoto e Ota (2016), apresentando um levantamento e uma análise do tratamento dado ao vocabulário nos métodos de ensino, explicam que

A contextualização e o foco no significado são princípios básicos da AC [Abordagem Comunicativa] que beneficiam a aquisição do léxico da língua-alvo, mas essa pode ser potencializada se os professores dispuserem mais atenção ao vocabulário, organizando e sistematizando seu ensino. (YAMAMOTO; OTA, 2016, p. 66)

Para aprendizes de línguas para fins específicos, cuja habilidade a ser focalizada é a leitura, como é o caso dos estudantes de manutenção de aeronaves, a aprendizagem de vocabulário também é imprescindível, principalmente considerando, por exemplo, algumas palavras que possuem sentido e/ou tradução específicos em textos especializados. Rabello e Muller (2012) apresentam o caso das palavras “*nut*” e “*spring*”, cujas traduções são “noz” e “primavera”, “porca” e “mola” em contexto diverso e em documentos técnicos da aviação, respectivamente.

Outros estudos considerando vocabulário específico usado na aviação fizeram constatações em relação à tradução e ao uso de termos, como Costa e Camargo (2016) ao analisar o uso de “*safety*” e “*security*” e Terenzi e Pinto (2019) que propuseram traduções diferentes, conforme os contextos de uso, para termos como “*airplane*”, “*aircraft*” e “*airliner*”, entre outros vocábulos. Aliás, tendo em conta essas especificidades, Terenzi e Pizzi (2020) argumentaram que conhecimentos linguístico e profissional

são relevantes para a tradução técnica na área de (manutenção de) aeronaves.

Laufer (1997 *apud* YAMAMOTO; OTA, 2016) afirma que um conhecimento mínimo de vocabulário é indispensável para a compreensão em leitura em língua estrangeira e que “uma competência lexical defasada dificulta o uso de técnicas de leitura que dependem de um domínio vocabular básico para sua aplicação” (YAMAMOTO; OTA, 2016, p. 58). Corroborando a ponderação de Laufer (1997), os resultados da pesquisa de Scaramucci (1995, p. 255) evidenciaram “a importância de uma competência lexical bem desenvolvida como um fator determinante na leitura”. Lapkoski e Procailo (2012) relatam que pesquisas têm mostrado que para não ter grandes dificuldades na leitura, leitores menos fluentes devem aumentar seu repertório lexical. Além disso, as autoras explicam que

Se o leitor não consegue trazer o significado das palavras para sua memória de trabalho durante o processo de leitura, a coerência global pode ser afetada visto que ele / ela não pode ativar conhecimento prévio para interagir com as informações do texto. Em contextos de ensino de língua estrangeira, uma prática intensiva de construção de vocabulário pode ajudar leitores menos fluentes no processo de interpretação de textos. (LAPKOSKIL; PROCAILO, 2012, p. 146)

As pesquisas mencionadas oferecem evidências da importância de se abordar o estudo de vocabulário a fim de colaborar com o desenvolvimento da habilidade de leitura de aprendizes de línguas para fins específicos, conforme interesses e necessidades em cada contexto. Considerando as peculiaridades da língua usada em diferentes áreas, a linguística de corpus tem desempenhado um papel significativo no levantamento e compreensão do léxico, e também de aspectos gramaticais, contribuindo diretamente para o ensino já que os resultados das análises podem orientar a escolha de conteúdos, auxiliar na elaboração de atividades didáticas e fornecer exemplos (linhas de concordância) para que o professor e/ou os aprendizes possam chegar as suas próprias conclusões.

## LINGUÍSTICA DE CORPUS, ANÁLISE LEXICAL E O ENSINO DE LÍNGUAS

A linguística de corpus é a área que possibilita investigações por meio da construção de bancos de textos os quais são consultados com ferramentas computacionais apropriadas para detectar recorrências e co-ocorrências (TAGNIN, 2013). Em suma, o pesquisador usa uma coletânea de textos, já pronta ou por ele compilada, necessariamente em formato eletrônico para fazer análises e identificar unidades convencionais da língua usando um concordanciador.

Os concordanciadores possuem várias funções dentre as quais estão o gerador de lista de palavras, que “lista todas as palavras de um corpus em ordem de frequência ou alfabética” (TAGNIN, 2013, p. 34), e a concordância, por meio da qual são apresentadas linhas com o cotexto de uma palavra, sendo que o termo ‘cotexto’ é usado “para se referir ao ambiente linguístico, ou seja, aos itens que são utilizados à esquerda e à direita de uma dada palavra de busca” (VIANA, 2010, p. 71).

As análises de corpus para a elaboração de glossários, nas quais o uso do gerador de lista de palavras e das linhas de concordância é essencial, têm se tornado cada vez mais populares no Brasil. Carvalho (2007) focou o domínio técnico e Rocha (2011) a área do comércio, Navarro (2012) investigou colocações de hotelaria e Marian (2014) empregou a linguística de corpus para elaborar um glossário da área da informática, mais especificamente a manutenção de computadores. Esses são apenas alguns exemplos considerando tantos estudos existentes nessa perspectiva.

Na área da aviação, bem como em outras, as pesquisas baseadas em corpora contribuem significativamente para auxiliar professores e aprendizes, como as de Prado e Tosqui-Lucks (2019), Prado (2010, 2015, 2019) e Santos (2019), que focalizam a comunicação de pilotos e controladores. Outras investigações analisaram documentos dessa área, como as de Bocorny (2008, 2014, 2015), Sarmiento e Gabrielatos (2006) e Sarmiento (2008). Todos esses estudos, entre outros, colaboram para melhor compreendermos aspectos léxico-gramaticais da língua em contexto

específico, mas essa área de pesquisa é ainda incipiente considerando tantos gêneros, interesses e necessidades.

Segundo Flowerdew (2009) e Romer (2011), há duas categorias para o emprego de corpora no ensino. Na primeira, aplicações diretas, os resultados das análises são usados para pensar e estabelecer os conteúdos dos cursos, para elaboração de testes e materiais didáticos. Na segunda categoria, aplicações indiretas, corpora são usados para atividades em que os aprendizes poderão realizar análises, como na DDL. Maddalena (2001) defende que o uso de exemplos autênticos e da vida real é mais benéfico para o aprendiz comparado aos exemplos criados pelo professor e que podem não simular o uso real da língua.

Embora haja uma literatura expressiva sobre o uso de corpora no ensino, a maioria está relacionada a aplicações diretas e, considerando aplicações indiretas, ao contexto de aprendizagem de inglês para propósitos acadêmicos, sendo escassas as investigações acerca do uso de corpora no ensino de línguas para fins específicos, de seus resultados e da perspectiva dos aprendizes diante desse tipo de atividade. Szudarski (2018) afirma que listas de palavras mais recorrentes podem ajudar aprendizes a lidar com a fraseologia, mas lembra que a frequência é apenas um dos critérios para identificar o vocabulário mais importante em um contexto. Portanto, é necessária uma análise por parte dos professores e dos aprendizes para que se possa atender às necessidades de aprendizagem.

Dessa maneira, é pertinente pensarmos o uso de corpora em aulas de inglês para fins específicos em atividades orientadas, durante as quais os aprendizes possam analisar listas de palavras e linhas de concordância em prol da aprendizagem de vocabulário e aspectos gramaticais. Além disso, a investigação da perspectiva dos aprendizes sobre esse tipo de atividade pode contribuir para direcionamentos na utilização da DDL.

## APRENDIZAGEM BASEADA EM DADOS (DDL) E O APRENDIZ COMO PESQUISADOR

A aprendizagem baseada em dados pode ser definida como o emprego direto de conceitos e ferramentas da Linguística de corpus em sala

de aula, isto é, dados de um corpus são usados no processo de ensino de língua por meio de, por exemplo, lista de palavras e linhas de concordância para que os aprendizes possam pesquisar e analisar os contextos das ocorrências, a fim de fazer inferências. Assim, há o potencial de a aula se tornar indutiva e centrada no aprendiz.

Analisando o contexto, os aprendizes podem melhor entender não só o significado de uma palavra, mas também inferir regras de concordância ou regência, por exemplo, visto que não é suficiente saber a tradução de um termo para compreendê-lo, é preciso saber como usá-lo considerando o contexto e as regras gramaticais (SCARAMUCCI, 1995).

Diante disso e levando em conta que “alguns estudantes podem achar difícil processar grande quantidade de dados, especialmente quando têm níveis mais baixos de proficiência” (SZUDARSKI, 2018, p. 105), é importante considerar o uso de um corpus menor e especializado, ao invés daqueles com grande quantidade de palavras e de língua em contextos não específicos, como o Corpus de Inglês Americano Contemporâneo (*Corpus of Contemporary American English – COCA*). Szudarski (2018) define uma coleção de textos escritos ou falados que os aprendizes de língua estrangeira encontram no percurso de seus estudos como um corpus pedagógico e explica que com o uso de tal corpus os aprendizes podem ter contato com diferentes exemplos da língua em uso, o que aumenta a exposição ao idioma.

Como mencionado, a análise de corpus pode ser benéfica para o professor uma vez que auxilia na melhor compreensão de aspectos léxico-gramaticais e fornece exemplos contextualizados, entre outras contribuições. No entanto, quando a análise é realizada pelo aprendiz, ele “pode desenvolver a habilidade de ‘aprender a aprender’” e “auxilia o estudante a explorar a língua em detalhes e, assim, a desenvolver percepções sobre gramática e vocabulário” (ST. JOHN, 2001, p. 185).

Ademais, a análise de corpus pode estimular a curiosidade do aluno, levando-o a fazer explorações não solicitadas e contribuindo para novas descobertas em relação à língua (SARDINHA, 2011) incentivando, assim, a autonomia na aprendizagem. Em outras palavras, a realização de pesquisas orientadas em corpus torna o aprendiz um pesquisador, visto que é uma

experiência ‘mão na massa’ de investigação e assim que se acostuma com a análise de concordâncias como uma ferramenta de aprendizagem, a atividade pode ser agradável e prazerosa.

Diante de tais benefícios apontados por diversos autores, seria interessante aprofundar os estudos sobre a DDL e o uso de atividades de pesquisa em corpus em diferentes contextos. Contudo, como pontuado por Leńko-Szymańska e Boulton (2015), técnicas de exploração explícita de dados raramente são incorporadas nos processos de ensino e, por isso, “há a necessidade de incorporar a utilização de corpora e de ferramentas de Linguística de Corpus na rotina de preparação de aulas do professor e até mesmo nas atividades de sala de aula” (MONZÓN; FADANELLI, 2016, p. 22).

Nesse cenário, apresenta-se a seguir a descrição de uma sequência didática que tem o potencial de inspirar o desenvolvimento de práticas similares em outros contextos e orientar professores que buscam ideias de como a análise baseada em corpus pode ser inserida no processo de ensino, principalmente considerando contextos em que os aprendizes precisam do idioma para fins específicos.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA ENSINO-APRENDIZAGEM BASEADOS EM ANÁLISE DE CORPUS

No glossário Ceale<sup>1</sup> (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sequência didática é definida como “um conjunto de atividades articuladas que são planejadas com a intenção de atingir determinado objetivo didático” e “está relacionada aos objetivos que o docente pretende alcançar diante das necessidades dos alunos”. Considerando, então, que os objetivos do

---

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Faculdade de Educação (FaE). Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale). Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/sequencia-didatica>. Acesso em 28/03/2021.



professor perante as necessidades dos aprendizes definem o planejamento da sequência didática, é importante descrever algumas características do contexto de aplicação das atividades aqui descritas.

Com o objetivo de proporcionar aos aprendizes oportunidades de desenvolver a competência lexical, a sequência didática foi elaborada e aplicada para alunos do curso de Tecnologia em manutenção de aeronaves, cujos interesses e necessidades estão voltados prioritariamente para a habilidade de leitura e conhecimento de vocabulário específico (TERENZI, 2014; EMBRYANY; RATMANIDA, 2020). Além disso, o conteúdo abordado nas disciplinas de língua inglesa deve estar em consonância com as diretrizes da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), conforme explicado por Terenzi (2019).

Primeiramente, a professora selecionou um manual de manutenção da aeronave (*Aircraft Maintenance Manual* – AMM) como corpus para as atividades, uma vez que é um documento importante para que o mecânico desempenhe suas atividades diárias, tem uma quantidade de palavras significativa e possui diversidade lexical considerando termos técnicos. Terenzi e Pizzi (2020, p. 4) afirmam que “técnicos e outros profissionais têm que lidar com quase 100 capítulos e cerca de 34.000 páginas de um manual de manutenção de aeronaves todos os dias para trabalhar com um plano de corpo largo, sem contar seus componentes e seus respectivos manuais”.

Com o objetivo de delimitar o escopo em relação à temática das palavras e para que os aprendizes não tivessem que lidar com uma quantidade de dados que poderia tornar o trabalho mais difícil e possivelmente tedioso e desmotivador, cada grupo de alunos (duplas e/ou trios) foi orientado a trabalhar com um capítulo do manual de acordo com instruções prévias, já que cada capítulo – também chamado de ata – refere-se a um componente/sistema/fragmento da aeronave, como trem de pouso, luzes, sistema de ar condicionado, motores, entre outros.

Os alunos receberam algumas informações básicas sobre pesquisas em corpus, concordanciador, lista de palavras e linhas de concordância em sala de aula. Depois, foram instruídos a seguir um passo a passo para fazer o trabalho de pesquisa. Nas instruções disponibilizadas aos alunos havia algumas ilustrações (*prints* de tela) com destaques e exemplos para facilitar

o uso do concordanciador as quais não estão neste relato devido ao espaço que ocupariam.

*Quadro 1: orientações disponibilizadas aos estudantes*

**Trabalho em grupos** (orientações disponibilizadas aos estudantes)

Neste trabalho, você deverá fazer uma análise linguística baseada em corpus. Para isso, faça as atividades seguindo o passo-a-passo abaixo.

QUESTIONÁRIOS

Cada um do grupo deve, individualmente, responder o “1º questionário” antes de fazer este trabalho e responder o “2º questionário” após a apresentação do trabalho em aula.

1. Faça download do arquivo correspondente ao seu tema (tema definido em sala).

2. O arquivo está em pdf mas, para ser usado no programa de análise, será preciso ter um arquivo do tipo txt, ou seja, arquivo do bloco de notas. Para isso, copie e cole apenas o texto do arquivo em pdf. Observe o exemplo.

DICA: Você pode usar um programa para fazer a conversão (de pdf para txt):

ANTHONY, L. *AntFileConverter* (Version 1.2.1) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University. 2017. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/antfileconverter/>

3. Salve o arquivo do bloco de notas (com todo o conteúdo do arquivo em pdf) em seu computador.

4. Faça download do concordanciador AntConc de acordo com as configurações do seu computador :

ANTHONY, L. *AntConc* (Version 3.5.9) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University. 2020. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>

5. Abra (executar) o programa AntConc. Você verá a seguinte tela:

6. Agora vamos usar o programa! Clique em “File”, depois em “Open File” e selecione o arquivo do bloco de notas (txt) com o texto que você obteve no arquivo pdf.

7. Do lado esquerdo, clique no nome do arquivo e depois clique em “*Word List*” e em “*start*”. *Word List*: gera uma lista com todas as palavras do(s) arquivo(s) selecionado(s) em ordem de frequência = quantas vezes a palavra aparece, da mais frequente para a menos frequente.

Observe o exemplo: a 1ª palavra mais frequente é “the” com 26 ocorrências no arquivo selecionado.

8. Usando a lista obtida com a função “*word list*”, selecione as 20 palavras mais frequentes e relacionadas com o tema do seu capítulo – ata. Para fazer essa escolha, exclua ‘palavras gramaticais’ como artigos (*a, an, the*), o verbo *to be* (*is, are*), pronomes (*you, this, these*) e números; priorize ‘palavras de conteúdo’, ou seja, termos técnicos relacionados ao assunto principal do capítulo.

9. Faça uma tabela contendo: as 20 ‘palavras de conteúdo’ selecionadas, suas respectivas traduções (de acordo com o contexto) e um exemplo de frase com a palavra. IMPORTANTE: para selecionar exemplos, basta clicar na palavra (da “*word list*”) que o programa seleciona frases em que a palavra é utilizada, isto é, apresenta ‘linhas de concordância’ nas quais vocês podem avaliar os ‘cotextos’ mais recorrentes.

Observe o exemplo com a palavra “cabin”.

## ATENÇÃO

Para fazer as traduções, vocês podem usar dicionários, tradutores online e recomendo que utilizem esses dois materiais disponíveis em nossa biblioteca:

FURTENAU, E. *Novo Dicionário de Termos Técnicos* - inglês-português, 24ª edição. Volume I e II. Editora Globo S.A. São Paulo, SP, 2005.

GUNSTON, B. *The Cambridge aerospace dictionary*. [S.l.]: Cambridge Aerospace Series, 2004.

## IMPORTANTE

Como exemplo, é preciso selecionar uma frase completa, desde seu início até o ponto final.

Alguns termos podem ser traduzidos juntos (como por exemplo: *air conditioning*) pois, ao analisar os exemplos, você verá que a maioria das vezes que a palavra *air* aparece no manual do exemplo (que é sobre ar condicionado), ela aparece acompanhada da palavra *conditioning*.

A ‘classificação’ e ‘tradução’ devem ser feitas de acordo com a maioria das ocorrências do termo e o ‘exemplo’ deve ser adequado à classificação e tradução apresentadas.

Abaixo está o exemplo da tabela a ser feita, que será o trabalho final.

Exemplo de tabela (não se esqueça de fazer as alterações necessárias)

### Vocabulário Técnico: *Ata 21 Air Conditioning*

<b>Termo</b>	<b>Classificação</b>	<b>Tradução</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Tradução do Exemplo</b>
1. <i>air</i>	substantivo	ar	“ <i>Indications are on the air conditioning panel</i> ” <i>Fonte: autor.</i>	Indicações estão no painel do ar condicionado.

As atividades propostas foram elaboradas considerando que a aquisição de vocabulário pode ajudar aprendizes menos fluentes na compreensão de texto, como ponderado por Lapkoskil e Procailo (2012), bem como a premissa que as primeiras palavras da ‘*word list*’ são palavras-chave no entendimento das informações relativas ao assunto abordado no corpus e, portanto, o conhecimento e o entendimento dos termos mais recorrentes pode beneficiar o leitor em seu processo de compreensão de texto.

Durante o período disponibilizado para que os estudantes fizessem as atividades do trabalho, atendimentos presenciais extraclasse e interações por meio digital (e-mail e *chat* do ambiente virtual de aprendizagem) foram

realizados conforme solicitações dos alunos a fim de dirimir dúvidas e auxiliá-los no uso dos programas ou na compreensão dos dados obtidos.

Como última atividade dessa sequência didática, os alunos apresentaram os resultados do trabalho em sala de aula aos colegas, destacando termos, traduções ou contextos de uso que lhes chamaram a atenção por serem, por exemplo, novos, interessantes ou difíceis. O compartilhamento dos resultados com a turma foi uma etapa muito relevante visto que, assim, todos os estudantes puderam fazer anotações e tiveram a oportunidade de aprender novos termos relacionados a temas diferentes daquele por cada grupo pesquisado.

Considerando essa sequência didática como uma prática incomum e experimental nas aulas de inglês para fins específicos, o contexto pareceu propício para a aplicação de questionários com o objetivo de melhor compreender a perspectiva dos aprendizes sobre essa experiência. Conseqüentemente, os dados obtidos nos questionários foram usados para a pesquisa exploratória apresentada a seguir.

## PARTICIPANTES DA PESQUISA, COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A sequência didática e os questionários foram aplicados para alunos de duas turmas da disciplina de ‘Inglês para Manutenção de Aeronaves’ inserida no 4º semestre do curso. O curso tem duração de 6 semestres e possui 4 disciplinas de língua inglesa, uma em casa semestre dos dois primeiros anos.

A opção por realizar esta pesquisa na última disciplina de inglês do curso deve-se ao julgamento de que nesse momento os aprendizes possuem mais conhecimentos técnicos e estão mais conscientes das questões léxico-gramaticais considerando os documentos aeronáuticos, mas, como pontuado por autores citados, esse contexto não é determinante para o uso dessa estratégia de ensino.

Os questionários não foram respondidos por todos os alunos e, por isso, são consideradas as respostas de 25 participantes da turma A (2019 – 2º semestre letivo) para o primeiro questionário e 19 da turma B (2020 – 1º semestre letivo), totalizando 44 respostas ao questionário 1; e 15

participantes da turma A para o segundo questionário mais a mesma quantidade de participantes da turma B, sendo o total de 30 respostas para o questionário 2 (QUADRO 2).

*Quadro 2* participantes da pesquisa

<b>Turmas / Questionários</b>	<b>Questionário 1</b>	<b>Questionário 2</b>
Turma A (2019.2)	25 participantes	15 participantes
Turma B (2020.1)	19 participantes	15 participantes
Total	44	30

*Fonte:* autor.

O questionário 1 era composto por três perguntas: 1. “Como você estuda vocabulário (quando está estudando inglês)?”, 2. “Quais são suas fontes de consulta quando não sabe uma palavra (que está em inglês)?” e 3. “Quais são suas dificuldades quando encontra uma palavra cujo significado você não sabe?”. No questionário 2, os participantes foram solicitados a responder três outras perguntas: 1. “Quais foram as dificuldades para fazer o trabalho utilizando os manuais e o programa AntConc?”, 2. “Você gostou de fazer esse trabalho? Explique sua resposta.” e 3. “Você acha que esse tipo de trabalho ajuda a aprender vocabulário? Explique sua resposta”.

As respostas foram analisadas considerando cada turma, mas como não houve nenhuma diferença significativa entre ambas, os dados serão apresentados juntos. Verificando as respostas dos alunos para a primeira pergunta do questionário 1, foi possível constatar que a maioria busca pelo significado das palavras quando estudando visto que 20 participantes mencionaram que procuram no dicionário, 2 no tradutor, 9 na internet e 4 deles relataram que consultam o material das aulas.

No entanto, 7 respostas se destacaram, pois de alguma maneira, explicam um processo para o estudo de vocabulário que não se resume à busca por significado ou tradução, como três exemplos: “Vou anotando a palavra em inglês e suas possíveis traduções dependendo do uso da palavra. Anoto também suas particularidades e palavras sinônimas”; “Anotando a palavra em inglês e sua tradução, às vezes formando alguma frase.” e “Leio as palavras em inglês e tento associar a coisas que me ajudem a lembrar do que trata (alguma música, desenho, atividade) [...]. Depois pratico a

aplicação das palavras novas com uma certa regularidade para não esquecer”.

Durante as primeiras instruções sobre o trabalho, os estudantes declararam que não sabiam nada a respeito de pesquisa em corpus, assim era esperado que ninguém mencionaria esse tipo de processo para o estudo de vocabulário.

Para a segunda pergunta, sobre fontes de consulta, as respostas foram bastante similares à maioria dada para a primeira pergunta, isto é, os alunos mencionaram dicionários, tradutores e materiais das aulas. Respostas de 6 participantes se destacaram, pois continham alguma consideração sobre o uso do contexto para tentar compreender o significado desconhecido de um termo, como em: “Muitas vezes quando não acho a tradução correta, tento entender de acordo com o contexto da frase em que ele está, mas muitas vezes eu não consigo entender quando a palavra é específica”; “Geralmente nos dicionários online, em último caso olho no tradutor e tento ver o contexto, como a tradução se encaixa na situação toda” e “Dicionário eletrônico, verifico o contexto da frase o qual contém a palavra que não conheço”.

Constatou-se, assim, que alguns alunos estão conscientes da importância do contexto para se determinar o significado e/ou a tradução de um vocábulo, tanto que fizeram essa consideração ao pensarem sobre onde buscam por explicações quando não conhecem a palavra em inglês. Dessa maneira, associadas à conscientização sobre o papel do contexto na compreensão de vocabulário, a pesquisa em corpus e análise de linhas de concordância parecem ser atividades benéficas no processo de ensino-aprendizagem da língua nesse contexto.

Quando indagados sobre as dificuldades ao encontrar uma palavra cujo significado não seja conhecido, na última pergunta do primeiro questionário, os estudantes pontuaram que a falta desse conhecimento prejudica a compreensão da informação toda, seja da frase ou, em algumas vezes, do texto.

O entendimento completo da mensagem que estou lendo fica um pouco comprometido.

A minha maior dificuldade é entender o sentido que uma determinada frase quer passar.

Fico com dificuldade em compreender a frase na qual ela se encontra.

Quando encontro palavras que não sei o significado, é ruim pois não vou entender o restante da frase ou seja dificulta um pouco na compreensão do texto.

Dificuldade de compreender ao certo o que a frase ou texto tem a dizer.

Os depoimentos dos alunos vão ao encontro das ponderações de Laufer (1997), Yamamoto e Ota (2016), Scaramucci (1995) e Lapkoski e Procailo (2012), apresentadas anteriormente, a cerca da importância do conhecimento do vocabulário para compreensão de textos no momento da leitura.

Após o término do trabalho e a apresentação dos resultados para os colegas, os participantes responderam mais três perguntas no questionário 2 e, na primeira pergunta, 14 deles afirmaram que não tiveram dificuldades para fazer as atividades. No entanto, 8 apontaram a conversão do arquivo (de pdf para txt), 4 o uso do concordanciador e apenas 1 a tradução dos exemplos como adversidades durante os afazeres. Apontamentos como esses eram esperados já que foi a primeira vez que os estudantes realizaram tais exercícios mas, embora tenha havido dificuldades, os resultados foram satisfatórios.

“Você gostou de fazer esse trabalho?” foi a segunda pergunta e apenas um aluno respondeu negativamente. Algumas das explicações se destacaram, pois estão mais objetivas e explícitas, bem como estão em consonância com discussões apresentadas neste relato, tais como: “Gostei. Acho que poderia me ajudar na leitura de documentos extensos. Sabendo a tradução das palavras mais comuns ajuda na leitura”; “Sim gostei, pois aprendi algumas palavras novas e em qual contexto ela pode ser utilizada, além de aprender como usar um programa novo que nem sabia que existia” e “Gostei! Achei bem bacana a ideia, e acredito que deve ser usado mais vezes, pois o conhecimento agregado a partir da pesquisa que foi realizada é grande. Aprendi novas palavras, termos e traduções e maneiras de usar a mesma palavra em sentidos diferentes”.

Szudarski (2018) cita algumas adversidades que podem ocorrer quando os aprendizes são demandados a fazer análises em corpus, entre elas

está a possibilidade de sobrecarregar os alunos com tantos dados e, citando Yoon e Hirvela (2004 *apud* SZUDARSKI, 2018, p. 105), alerta que para os estudantes “analisar concordâncias pode parecer demorado, tedioso e desagradável”. O único participante que disse não ter gostado de fazer o trabalho justificou que foi “Trabalhoso demais”, o que é possível de acontecer segundo estudos nessa área, conforme citação apresentada. Contudo, é algo ajustável e esse comentário será considerado para as próximas práticas.

Por fim, respondendo a terceira pergunta do questionário 2, todos os participantes acham que esse tipo de trabalho pode ajudar a aprender vocabulário e alguns explicaram que “Ajuda, pois tinha palavras que eu não conhecia e com os exemplos foi mais fácil de entender porque mostra o contexto da palavra”; “Sim, ajuda muito, pois ele mostra várias palavras diferentes e também em qual contexto é utilizada”; “[...] programa ajuda a entender a contextualização das palavras no texto” e “[...] esse trabalho ajudou muito, pelo menos para mim que tenho dificuldade em inglês, a conhecer mais vocabulário de um jeito mais simples”.

Com base nos resultados apresentados em sala e nos apontamentos dos estudantes feitos nos questionários, é coerente afirmar que o uso de corpus no ensino de inglês para fins específicos enfatizando vocabulário técnico se revelou benéfico e produtivo considerando a aprendizagem dos alunos, a possível contribuição para a melhora da habilidade de leitura e o incentivo à aprendizagem autônoma, assim como constatado por McCullough (2001) e em outros estudos similares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as evidências de que a competência lexical é importante na compreensão de textos escritos e que, segundo os participantes da pesquisa aqui relatada, o desconhecimento de vocabulário pode comprometer o processo de leitura bem como a relevância do contexto para o entendimento dos significados dos termos, as aulas de inglês para fins específicos são propícias para o uso e a análise de corpus como prática didática.



Devido à escassez de materiais de estudo de língua inglesa direcionados para determinadas áreas, como a manutenção de aeronaves, a seleção de termos por meio da função ‘lista de palavras’ dos concordanciadores e a investigação de cotextos nas linhas de concordância fornecem insumos para o professor determinar os conteúdos a serem abordados, elaborar atividades didáticas e, inclusive, melhor compreender os aspectos léxico-gramaticais que não são da sua área de especialidade. Além disso, a análise de corpus como estratégia de ensino oportuniza que os aprendizes se tornem pesquisadores e, a partir de suas próprias deduções orientadas pelo professor, aprendam a língua e desenvolvam autonomia.

Isto posto, uma sequência didática foi elaborada e aplicada aos alunos do curso de tecnologia em manutenção de aeronaves com o objetivo de ampliar o conhecimento lexical dos alunos bem como ensiná-los como as linhas de concordância podem ser utilizadas em prol do entendimento do significado e uso de determinada palavra.

As ponderações dos aprendizes em dois questionários, instrumentos da pesquisa exploratória descrita neste relato, evidenciam que a experiência foi positiva e que a análise de corpus foi bem aceita no ambiente de ensino em questão. No entanto, embora os resultados tenham sido satisfatórios, o estudo não é isento de certas limitações e pode ser aprofundado em outras oportunidades.

Conclui-se, então, que é necessário o incentivo para que ações parecidas sejam desenvolvidas em outros contextos de ensino e, para que isso seja possível, que professores tenham a oportunidade de compreender conceitos e aspectos da linguística de corpus em cursos de formação.

## REFERÊNCIAS

BOCORNY, A. E. P. A utilização de um corpus de operações aeronáuticas (COPAER) para a descrição da linguagem de especialidade da aviação: subsídios para o ensino de ESP. In: IBANOS, A. M. T; MOTTIN, L. P.; SARMENTO, S; SARDINHA, T. B. (Org.). *Pesquisas e Perspectivas em Linguística de Corpus*. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 373-406.

BOCORNY, A. E. P. As unidades especializadas poliléxicas nominais (UEPNS) nos manuais de aviação. *Alfa: Revista de Linguística*, UNESP Online, v. 58, p. 645-676, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-57942014000300645&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942014000300645&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 mar. 2021.

BOCORNY, A. E. P. Descrição das unidades especializadas poliléxicas nominais no âmbito da aviação: subsídios para o ensino de inglês para fins específicos (ESP). 2008. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15548>. Acesso em: 28 fev. 2021.

CARVALHO, E. M. F. *Metodologia de construção de um glossário bilingue com base em um corpus de domínio técnico*. 2007. Dissertação (Pós-Graduação em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/90029>. Acesso em: 20 mar. 2021.

COSTA, C. E. P.; D. C. CAMARGO. A corpus-based study of simple terms “segurança”, “safety” and “security” in aviation language. *Aviation in Focus*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 04-12, 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/aviation/article/view/23738>. Acesso em: 24 mar. 2021.

EMBRYANY, F.; RATMANIDA, R. A Need Analysis of English Learning for the Aircraft Maintenance Students. *Advances in Social Science, Education and Humanities Research*, v. 405. *Proceedings of the 1st International Conference on Lifelong Learning and Education for Sustainability* (ICLLES 2019). Padang, Indonesia, 2019.

FADANELLI, S. B. In defense of a pedagogical application of Specialized Lexicography/Terminography with the aid of Corpus Linguistics in ESP professors' training. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 18, n. 1, p. 216-224, 2020. Disponível em: <http://revistas.unisinus.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2020.181.12>. Acesso em: 06 mar. 2021.

FLOWERDEW, J. Corpora in language teaching. *In*: LONG, M. H.; DOUGHTY, C. (eds.) *The Handbook of Language Teaching*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009, p. 327-350.

HUTCHINSON, T., A. WATERS. *English for Specific Purposes – a learning-centred approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

- LAPKOSKI, G.; PROCAILO, L. vocabulary acquisition: process and instruction. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 37, n. 63, p. 146-159, 2012. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- LAUFER, B. The lexical plight in second language reading: Words you don't know, words you think you know, and words you can't guess. *In: COADY, J.; HUCKIN, T. (Orgs.). Second Language Vocabulary Acquisition: A Rationale for Pedagogy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 20-34.
- LEŃKO-SZYMAŃSKA, A.; BOULTON, A. Introduction: Data-driven learning in language pedagogy. *In: A. LEŃKO-SZYMAŃSKA, A.; BOULTON, A. (eds.) Multiple Affordances of Language Corpora for Data-driven Learning*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015, p.1-14.
- MADDALENA, S. R. An investigation into how corpus analysis may be used in the second language classroom to solve some of the problems surrounding non-native speakers' understanding of seemingly synonymous words. *Education Resources Information Center*. Online library of education research and information. 2009. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED458795>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- MARIAN, J. O estudo da linguística de corpus para a tradução especializada: elaboração de um glossário da área da informática: manutenção de computadores. *Cultura & Tradução*, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 197-209, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ct/article/view/21567>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- MCCULLOUGH, J. L. Los usos de los córpora de textos en la enseñanza de lenguas. *In: PARERA, M. T. (ed.) Nuevas tecnologías para el autoaprendizaje y la didáctica de lenguas*. Lleida: Milenio, 2001, p. 25-140.
- MONZÓN, A. J. B.; FADANELLI, S. B. Leitura de textos especializados anglófonos no Ensino Técnico: idiosincrasias terminológicas e pedagógicas sob a perspectiva da Linguística de Corpus. *LínguaTec*, Bento Gonçalves, v. 1, n. 1, p.1-28, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/LinguaTec/article/view/582>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- NAVARRO, S. L. M. *Glossário bilíngue de colocações de hotelaria: um modelo à luz da Linguística de Corpus*. Dissertação (Pós Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-16082012-122119/pt-br.php>. Acesso em: 18 mar. 2021.

PRADO, M. C. A. *A relevância da Pragmática no ensino do inglês aeronáutico: um estudo baseado em corpora*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Acesso em: 2020-04-18. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-16122019-181408/pt-br.php>. Acesso em: 23 fev. 2021.

PRADO, M. C. A. Corpus de Inglês Oral na Aviação em situações anormais. *Aviation in Focus*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 48 – 57, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/aviation/article/view/8149>. Acesso em: 01 mar. 2021.

PRADO, M. C. A. *Levantamento dos padrões léxico-gramaticais do inglês para aviação: um estudo vetorado pela Linguística de Corpus*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-16062015-131340/pt-br.php>. Acesso em: 23 fev. 2021.

PRADO, M. C. A.; TOSQUI-LUCKS, P. Designing the Radiotelephony Plain English Corpus (RTPEC): A specialized spoken English language corpus towards a description of aeronautical communications in non-routine situations. *Research in Corpus Linguistics*, Murcia, v. 7, p. 113-128, 2019. Disponível em: <https://ricl.aelinco.es/index.php/ricl/article/view/94>. Acesso em: 25 fev. 2021.

RABELLO, C. E.; A.F. MULLER. A tradução de textos aerotécnicos: um estudo de caso em uma MRO. *Aviation in Focus*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 67-75, 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/aviation/article/view/13089>. Acesso em: 07 fev. 2021.

ROCHA, C. F. A elaboração de um glossário bilíngue da área de comércio tendo como subsídio a Linguística de Corpus. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 1133-1144, 2011. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/1366>. Acesso em: 10 fev, 2021.

RODRIGUES, D. F. Um olhar crítico sobre o ensino de vocabulário em contextos de inglês como língua estrangeira. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 45, n. 1, p. 55-73, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132006000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132006000100004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 03 Mar. 2021.

- ROMER, U. (2011). Corpus research applications in second language teaching. *Annual Review of Applied Linguistics*, Cambridge, v. 31, p. 205–225, 2011.
- SANTOS, A. P. An analysis of the most used lexical terms in corpus-based emergency situations. In: PACHECO, A. (Org.). *English for Aviation: Guidelines for Teaching and Introductory Research*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019, p. 189 – 211.
- SARDINHA, T. B. Como usar a Linguística de Corpus no Ensino de Língua Estrangeira. In: VIANA, V.; TAGNIN, S. E. O. *Corpora no Ensino de Línguas Estrangeiras*. São Paulo: HUB Editorial, 2011, p. 301 – 356.
- SARMENTO, S. *O uso dos verbos modais em manuais de aviação em inglês*. Um estudo baseado em corpus. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15568>. Acesso em: 07 mar. 2021.
- SARMENTO, S.; GABRIELATOS, C. Central Modals in an Aviation Corpus: Frequency and Distribution. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 215-240, 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/600>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- SCARAMUCCI, M. V. R. *O papel do léxico na compreensão em leitura em língua estrangeira: foco no produto e no processo*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/271028>. Acesso em: 11 mar. 2021.
- ST. JOHN, E. A case for using a parallel corpus and concordancer for beginners of a foreign language. *Language Learning & Technology*, v. 5, n. 3, p. 185-203, 2001. Disponível em: [https://www.lltjournal.org/collection/col\\_10125\\_35882](https://www.lltjournal.org/collection/col_10125_35882). Acesso em: 28 jan. 2021.
- SZUDARSKI, P. *Corpus Linguistics for Vocabulary: A Guide for Research*. New York, London: Taylor & Francis Group, 2018.
- TAGNIN, S. E. O. *O jeito que a gente diz: combinações consagradas em inglês e português*. Barueri, SP: DISAL, 2013.
- TERENZI, D. Inglês para propósitos ocupacionais: caminhos e desafios do professor em cursos técnicos e tecnológicos. In: MONZÓN, A. J. B; FADANELLI, B. B (Org.). *Ensino de Línguas e Formação Profissional*. 1ed. Araraquara: Letraria, v. 1, 2019, p.

48-72. Disponível em: <https://www.letraria.net/ensino-de-linguas-e-formacao-profissional/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

TERENZI, D. Princípios norteadores para o planejamento de cursos de línguas para propósitos específicos em curso superior tecnológico (manutenção de aeronaves): considerando visões de aprendizes, instituição formadora e empregadores. 2014. Tese (Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5687>. Acesso em: 15 nov. 2020.

TERENZI, D.; PINTO, K. S. Estudo de traduções baseado em corpus: análise de termos referentes à aeronave considerando o inglês para aviação. *Revista CBTECLE*, São Paulo, v. 2, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://revista.cbtecle.com.br/index.php/CBTecLE/article/view/235>. Acesso em: 20 mar. 2021.

TERENZI, D.; PIZZI, M. C. B. The relevance of linguistic and professional knowledge as contributing factors for technical translation in the area of aircraft (maintenance). *THE ESPECIALIST*, v. 41, p. 01-16, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/47365>. Acesso em: 25 jan. 2021.

VIANA, V. Linguística de corpus: conceitos, técnicas e análises. In: VIANA, V.; TAGNIN, S. E. O. (Org.). *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. 1ed. São Paulo: HUB Editorial, 2010.

YAMAMOTO, M. J. A. F.; OTA, J. O tratamento dado ao vocabulário nos métodos de ensino: levantamento e análise de atividades. *Revista de Letras*, Curitiba, v. 18, n. 23, p. 95-113, 2016. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/3054>. Acesso em: 19 fev. 2021.

# A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO LEXICAL DE ALUNOS DA ÁREA DA SAÚDE

Lúcia Helena Ferreira Lopes

A dinamicidade de uma língua está relacionada, conforme afirma Poliguère (2018, p. 25), ao fato de ela estar sempre sujeitas “a evoluir, a se transformar e, eventualmente, a desaparecer, acompanhando, nesse sentido, a evolução das sociedades que a usa”. Essa transformação, a que se refere o autor, verifica-se notadamente na língua portuguesa brasileira quando se analisam, de forma comparativa, os primeiros textos escritos no Brasil, nos seus primeiros tempos de colônia portuguesa, e aqueles divulgados, por exemplo, pela mídia na presente contemporaneidade. Esse processo evolutivo imprime marcas indelévels nos registros materializados no/pelo uso de uma dada língua em diferentes contextos sócio-históricos e está relacionado tanto às questões de ordem lexical, quanto àquelas de ordem gramatical. Isso porque o léxico e a gramática, por um lado, respondem pela sistematização das línguas, sejam elas materna e/ou estrangeira em um dado contexto sócio-histórico-cultural e, por outro, facultam o seu processo ensino-aprendizagem (REY-DEBOVE, 1984).

A necessária interconexão léxico-gramática explica-se pelo fato de que cabe à gramática, por meio de um conjunto arbitrário de regras, orientar os arranjos combinatórios – das letras para formarem as sílabas, das sílabas para formarem as palavras, das palavras para organizarem os períodos, as orações, etc. – que possibilitam o funcionamento da língua nos níveis fonético, morfológico, sintático e semântico. Nesse contexto, a gramática configura-se como um sistema mais fechado, em se comparando com o léxico, posto que as alterações dependem, por vezes, de políticas linguísticas, como o Acordo Ortográfico da língua portuguesa, firmado entre os países lusófonos, em 1990. Desse acordo resultaram as mais recentes alterações gramaticais inscritas, por exemplo, na queda do acento

agudo em ditongos abertos em posição paroxítona, como ocorreu com a palavra ‘heroico’, e na manutenção do mesmo acento em posição oxítona, como na palavra ‘herói’.

O léxico, por seu turno é um sistema dinâmico e, de acordo com Polguère (2018), não se constitui como uma lista, um conjunto ‘plano’ de unidades lexicais isoladas. As unidades do universo lexical (as lexias) adquirem sentidos em função das relações (de oposição, de similaridade, de compatibilidade, de incompatibilidade etc.) que as unem quando inseridas nos quadros dos processos de discursivização.

Nesse sentido, os diferentes e variados usos de que resultam as múltiplas relações lexicais caracterizam o léxico: i) como o arquivo, o repositório que comporta os conhecimentos resultantes das realizações humanas, ou seja, a cultura de um povo transmitida de geração para geração (BIDERMAN, 2001) ; ii) como uma janela que, uma vez aberta, possibilita a um povo ver e contemplar o mundo, ter acesso a outras culturas, outros povos; iii) como um espelho que reflete a visão de mundo de uma dada comunidade linguística, os costumes, os interesses, as tendências, os hábitos e as crenças (GALISSON (1997, apud BARBOSA, 2008/2009); iv) “como o tesouro vocabular formado por símbolos verbais da cultura registrados no decorrer de sua história, constituindo a fisionomia de um povo” (MARTINS, ZAVAGLIA, 2014, p. 83); v) como uma grande rede sempre em processo de tessitura, por meio dos fios das falas dos usuários. Esses fios desnovelados, por vezes, se cruzam, se emendam, se aproximam e até se contrapõem (ANTUNES, 2012).

Logo, esse ‘arquivo’, essa ‘janela’, esse ‘espelho’, esse ‘tesouro’, essa ‘fisionomia’ e essa ‘rede’ devem ser sempre considerados na dinâmica dos processos de expansão e de condensação por meio da criação, da definição e da redefinição das unidades lexicais. Assim sendo, tomar o léxico de um povo, inscrito em uma comunidade linguística, como objeto de estudo “é revelar as práticas sociais em seu acervo de palavras; é compreender a história, as manifestações artísticas, as religiões, as atividades econômicas, os valores, etc. como sendo importantes elementos constitutivos do grupo” (RIBEIRO, 2019, p. 167).



Esse dar-se a conhecer que se inscreve na dinâmica do léxico, por meio da criação de novas lexias, sejam elas próprias da língua ou incorporadas sob a forma de empréstimos linguísticos, possibilita aos usuários nomear as novas realidades no momento em que elas se lhes apresentam. Logo, conforme Vilela (1995) e Biderman (2001), os falantes, por meio dos processos sócio interacionais, conservam, alteram e criam o léxico da língua. Assim considerando, a língua – no uso indissociável das tecnologias gramaticais e lexicais – é “fundamental para a existência da cultura e, ao mesmo tempo, recebe influência dessa cultura, uma vez que se correlaciona com as atividades sociais do homem, podendo, por isso, variar e mudar” (RIBEIRO, 2019, p. 168).

A inter-relação entre língua-cultura se materializa no/pelo saber lexical da comunidade que o utiliza, pois é

o léxico, em forma de palavras e por meio da linguagem, que “conta” a história milenar de povo para povo; é o léxico que transmite os elementos culturais de um conjunto de indivíduos; é o léxico que “proíbe” manifestações ou então as “incita”; é o léxico que “educa” ou “deseduca”; é o léxico que permite a manifestação dos sentimentos humanos, de suas afeições ou desgostos, via oral ou via escrita. É o léxico que registra o desencadear das ações de uma sociedade, suas mudanças, seu progresso ou regresso. (ZAVAGLIA, 2009, p. 8)

A dinamicidade lexical está, pois, estreitamente relacionada ao desencadeamento das ações sociais humanas no que se refere às formas de ser e de agir para estar com o outro. Defende, pois, Morin (2002, p. 52) a interconexão cérebro-mente-cultura “O homem só se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura (...) não há mente, isto é, a capacidade de consciência e pensamento, sem cultura”. Logo, é por meio do léxico que se tem um registro, uma ‘fotografia’ de uma dada comunidade de falantes, em um dado contexto sócio-cultural-histórico específico. Assim considerando e vivenciando as transformações singulares na multiplicidade e múltiplas na singularidade desencadeadas pelo novo coronavírus, propôs-se o desenvolvimento desta atividade didático-pedagógica, relacionada ao estudo do léxico da língua portuguesa, na sua modalidade brasileira, inscrito nas práticas discursivas cotidianas dos primeiros meses da epidemia. Em vista disso, ampliar a competência comunicativa dos estudantes de cursos de

saúde, a partir de uma visão crítico-reflexiva acerca da dinamicidade da língua, inscrita na expansão lexical, foi o objetivo proposto para a atividade de caráter empírico cuja metodologia e resultados são apresentados neste texto.

## OS ESTUDOS LEXICAIS PARA ALÉM DA ACADEMIA

As práticas didático-pedagógicas que orientaram os processos ensino-aprendizagem de língua portuguesa brasileira, ao longo do nosso lento processo de planificação e de implantação de uma educação fundamental e média pública estiveram e, por vezes ainda estão, assentadas nas questões gramaticais. Todavia, nas últimas décadas, emergem trabalhos com diferentes abordagens que incidem luzes sobre os estudos lexicais. Embora o foco se volte lentamente para o léxico, as abordagens tendem a tratá-lo como um componente gramatical, ou seja, um tema transversal, focalizado de forma fragmentada sob diferentes denominações como, por exemplo, morfologia lexical, semântica lexical entre outras (LORENTE, 2003). Pela perspectiva da linguística textual, por vezes, os estudos lexicais incidem sobre os itens lexicais como recursos linguísticos de textualização que respondem pela coesão textual, na relação de sentidos com outras palavras. Acrescentem-se a esses estudos outras abordagens que tratam o léxico, as palavras, como objeto de estudo: a lexicologia e a lexicografia e, por fim, aqueles estudos que focam o léxico, considerando a sua correlação com a cognição e a linguagem e, seguindo essa linha teórica, como componente do patrimônio histórico-cultural de um povo, viés por meio do qual se buscou discutir neste texto, de forma inicial, dada a natureza da atividade didático-pedagógica desenvolvida e o contexto educacional no qual se inserem os estudantes envolvidos.

No que se refere às orientações sobre o processo ensino-aprendizagem do léxico em documentos oficiais, Seide, Vescovi, Cottica (2016) afirmam que o tratamento dispensado aos estudos lexicais na Base Nacional Comum Curricular (2015) apresenta um avanço com relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) (1998), posto que nesses documentos foram propostos muitos objetivos para o ensino do léxico, mas

tais objetivos se apresentam de forma fragmentada e carente de propostas metodológicas, fato que, de certa forma, não assegura a importância de seu ensino, além de considerá-lo, basicamente, como recurso coesivo. No que se refere à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as autoras apontam avanços quanto à abordagem e à visibilidade do componente lexical, pois

no BNCC os conteúdos programáticos giram em torno de práticas discursivas, estão organizados por ano de escolarização e as menções diretas ou indiretas ao léxico estão relacionadas a estas práticas, o que pode aumentar a percepção da necessidade de seu ensino por parte dos leitores. (SEIDE, VESCOVI, COTTICA, 2016, p. 249)

Assim sendo, ainda que o léxico seja, ao lado da gramática, um componente básico da língua, a sua inserção efetiva nos processos de ensino-aprendizagem continua tímida diante das abordagens gramaticais. É nesse contexto que se discute a necessidade de atribuir relevo aos estudos lexicais nos cursos de Letras, principalmente para que se desvele a importância de seu estudo para os professores em formação. Dessa forma, espera-se que tais estudos, por meio de práticas metodológicas pertinentes, sob a forma de transposição didática – transformação adaptativa que sofre um conteúdo, por vezes de natureza específica e teórica, a fim de se tornar objeto de ensino (Chevallard, 1991) – cheguem às salas de aula de língua portuguesa em todas as escolas de ensino básico, fundamental e médio. É também preciso estendê-los para além desse público, para os estudantes de cursos superiores em todas as áreas do saber, uma vez que, sendo os estudos lexicais indissociáveis dos estudos gramaticais e da cultura, precisam ser pensados conjuntamente de forma crítica e reflexiva quanto à produção de sentido em todas as esferas sócio-interativo-comunicativas.

## O NOVO CORONAVÍRUS E O LÉXICO DA PANDEMIA NA SALA DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, no dia 16 de março de 2020, que o mundo vivia uma pandemia provocada pelo novo coronavírus. Tal pandemia, segundo Santos (2020), resume-se no literal sentido atribuído ao “medo caótico generalizado e à morte sem fronteiras

causados por um inimigo invisível”. Esse inimigo todo poderoso e infinitamente pequeno originou-se na Ásia, alastrou-se pela Europa e chegou ao Brasil, impulsionando as autoridades a adotarem protocolos de saúde pública e a decretarem o confinamento das pessoas, que deveriam permanecer em casa, evitando o contato de umas com outras. A partir de então, medidas drásticas de isolamento, sob o risco do colapso do sistema de saúde e o espectro de milhões de vítimas foram tomadas pelas autoridades não somente no Brasil, mas em todo o mundo. Assim, as atividades que resultavam em aglomeração, tais como as aulas presenciais, espetáculos, shows, entre outras foram suspensas na tentativa de desacelerar o contágio em massa da população.

Além de medidas coletivas como o distanciamento e o isolamento social, medidas individuais como o uso da máscara em locais públicos, a higienização constante das mãos com água, sabão e, também, o uso do álcool em gel deveriam ser inseridos nos hábitos rotineiros da população (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). A essas transformações a que a população foi submetida acrescem aquelas de ordem psicológica relacionadas à forma incomum por meio da qual os parentes despediam de seus mortos pela Covid-19 sem os importantes ritos fúnebres tradicionais. As medidas restritivas e orientativas provocam, portanto, alterações plurais nas formas de ser e de agir tanto nos ambientes públicos quanto nos privados, na nossa vida pública e na privada. Conforme Santos (2020, p. 29),

a pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI.

Diante desse novo contexto, a mídia passou a veicular de forma exaustiva todos os dias, várias vezes ao dia, orientações e notícias sobre essa nova realidade, expressos por meio da utilização de novas unidades lexicais, para nomear o ‘novo’, pela atribuição de novos sentidos a unidades lexicais já existentes no léxico da língua e, também, pela adoção de outras/novas unidades lexicais que chegaram até a língua portuguesa incorporadas sob a forma de empréstimo linguístico. Essa dinâmica explica-se pelo fato de que

as línguas “não formam um sistema inerte, indefinidamente congelado no tempo. As línguas se formam, evoluem...” (POLGUÈRE, 2018, p. 25).

## METODOLOGIA E RESULTADOS

A atividade didático-pedagógica de que resulta este artigo foi desenvolvida com estudantes do primeiro período de cursos da área de saúde – Educação Física, Enfermagem, Farmácia e Odontologia – como atividade da disciplina Língua Portuguesa. O objetivo proposto estava relacionado à ampliação da competência comunicativa desses estudantes, a partir de uma visão crítico-reflexiva acerca da dinamicidade da língua portuguesa, por meio do léxico.

A atividade teve início no cenário de angústia, medo e incerteza da população mundial, provocado pelo novo coronavírus e pela Covid-19, acrescido da saturação pela repetição das medidas profiláticas, da publicidade do aumento diário do número de novos infectados e de óbitos e a inexistência de um medicamento eficiente para o combate ao mal tão pouco uma vacina para a sua prevenção. Os estudantes – que, sem opção, tiveram que se adaptar às aulas na modalidade online, de forma síncrona, mediada pelas tecnologias da informação – foram orientados a ler, diariamente, reportagens sobre a pandemia nos portais de notícia da internet, para que, dessa forma, pudessem acompanhar as novas informações técnicas, normativas e científicas divulgadas sobre a Covid-19.

Durante a leitura, além de construírem os sentidos globais para os textos lidos, os estudantes deveriam reconhecer as unidades lexicais chaves circunscritas ao campo lexical da saúde e elaborar os registros escritos das leituras sob a forma de sínteses. Assim, após uma observação assistemática, algumas unidades lexicais foram selecionadas e tiveram os seus sentidos construídos nos/pelos processos sócio-interativo-dialogais na materialidade dos textos da internet, confrontados com as definições registradas no dicionário Houaiss (2009). A partir dessa análise, elaborou-se, em conjunto, um pequeno glossário da pandemia do novo coronavírus com as definições propostas pelos estudantes. Para o desenvolvimento dessa atividade foi necessária, porém, a mobilização de conhecimentos extralinguísticos a

partir dos conhecimentos linguísticos. A seguir, apresentam-se as propostas de definição de algumas unidades lexicais elaboradas pelos estudantes, considerando a dinâmica da produção de sentidos a partir daqueles registrados no Houaiss (2009), dicionários eletrônicos, sites e notícias veiculadas online.

As análises tiveram início com as unidades lexicais “novo coronavírus” e “Covid-19”, conforme inscritas nas manchetes “*Estado de São Paulo ultrapassa 100 mil casos do novo coronavírus e tem mais de 7.000 mortes*” (Folha de São Paulo online-29/05/2020) e “*Primeira morte por Covid-19 no Brasil aconteceu em janeiro, diz ministério*” (UOL-03/04/2020). Por não existirem precedentes na história médica, tanto o vírus denominado ‘novo coronavírus’ quanto a doença por ele transmitida – Covid-19 – não foram/são registrados nos dicionários monolíngues brasileiros – incluem aqui alguns disponíveis para consulta na versão eletrônica como Houaiss, Michaelis e Aulete Digital. Assim, de acordo com a OMS, ‘coronavírus’ é a designação atribuída a vários vírus, cuja aparência e forma lembram uma coroa (em latim, corona) e ‘novo’ relaciona-se ao fato de não se encontrarem registros sobre esse vírus.

***1. novo coronavírus. Agente infecciosos, cuja forma se assemelha a uma coroa, identificado na China e causador da pandemia da Covid-19***

O nome atribuído à doença provocada pelo novo coronavírus resulta no acrônimo Covid-19, formado pelas sílabas iniciais da expressão inglesa “COrona VIRus”, acrescido do ‘D’ de “Disease” que, em conjunto, pode ser traduzido por ‘doença provocada pelo novo coronavírus. O algarismo final ‘19’, separado por um hífen, refere-se, por sua vez, ao ano em que o vírus foi identificado e quando foram detectados os primeiros casos de contaminação em Wuhan, na China. Conforme a OMS, optou-se por um nome que não fizesse referência a uma localização geográfica específica, a um animal, um indivíduo ou grupo de pessoas, evitando, assim, casos de xenofobia e preconceito. Logo, anunciados pela primeira vez em 11 de março de 2020, ‘novo coronavírus’ e ‘Covid-19’ encontram-se entre as unidades lexicais mais pesquisadas nos sites de busca da internet.

*2. covid-19. Doença infectocontagiosa caracterizada, inicialmente, pelos sintomas comuns da gripe, como febre, cansaço e tosse; em alguns casos, pode evoluir para um quadro mais sério e comprometer o sistema respiratório do paciente, levando-o ao óbito.*

No que se refere à criação de unidades lexicais denominativas, como “novo coronavírus” e “Covid-19”, Turazza (2002) afirma que o fato de ‘nomear’ o novo, o desconhecido, para ‘dizer’ sobre ele, compreendido pelos processos sociocognitivo-interativos, inerentes aos processos de interlocução, assegurados pelo exercício da fala oral e/ou escrita, remete necessariamente às relações indissociáveis entre léxico-gramática-cultura. O conteúdo desse dizer – o “objeto” nominalizado – é expresso na/pela materialidade dos sinais sonoros ou gráficos, articulados em consonância com as normas de usos da língua adequados às mais diferentes situações de uso. Dessa forma, o léxico não somente possibilita a um povo conhecer, nomear e etiquetar as coisas do/no mundo, mas também, é por meio das unidades lexicais – carregadas de cultura compartilhada – que se constroem os esteios invisíveis de sustentação de tudo o que se diz e ouve numa dada língua. “Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico” VILELA (1995, p. 6).

De volata à pandemia provocada pelo novo coronavírus, desde o início, as autoridades de saúde mundial alertam sobre a importância de se evitar o contato entre as pessoas, fato que resultou em medidas como o fechamento de fronteiras geográficas e a proibição de circulação entre países, estados e até cidades, controlada, em algumas regiões, por meio da instalação de barreiras sanitárias. Para ‘dizer’ sobre essa nova realidade, unidades lexicais como “confinamento”, “quarentena”, “distanciamento social” e “isolamento social” têm apresentado alta frequência de uso, não só pela comunidade acadêmica, mas também pelos profissionais da saúde e pela mídia.

Na notícia publicada no Diário de Pernambuco online (05/04/2020) “**Confinamento** durante quarentena preocupa psicólogos”, destacou-se,

primeiramente, o vocábulo ‘confinamento’ que, segundo Cunha (2007) deriva-se de ‘confinium’, palavra latina formada por ‘cum’ + ‘finis’, usada para designar a extremidade de uma terra contígua. Na Idade Média, os sentidos registrados para ‘confinamento’ voltaram-se para o sentido de ‘prisão’; logo, estar confinado equivalia a ter a restrição da liberdade por motivos punitivos. Em Língua Portuguesa, Bluteau (1728) retoma a etimologia latina e define ‘confinamento’ como <<lugares ou povos que estão nos confins de outros>>, ou seja, em uma terra, um lugar distante. Em Houaiss (2009, p. 519), encontram-se duas entradas para o vocábulo ‘confinamento’ “<<1. ato ou efeito de confinar(-se); 2. clausura, isolamento>>”. Registros do Houaiss (2020) eletrônico ampliam as definições da obra impressa e designam ‘confinamento’ como

**confinamento.** 1. Ato ou efeito de confinar (-se); 2. Ato ou efeito de isolar (algo) ou isolar-se em um dado lugar; ato ou efeito de impor (a autoridade, o governo) uma residência determinada a um indivíduo, longe do contato social (geralmente, durante estado de sítio); insulamento, retiro, solidão; isolamento prisional.

Assim, percebe-se que, na base da origem etimológica latina, ‘confinamento’ mantém o recorte de ‘isolamento’; nas demais definições apresentadas, é ressignificado por ‘impedimento’ de deslocar-se livremente, seja por questões de ordem política e/ou de ordem jurídica.

Essa unidade lexical é também, amplamente, utilizada no campo do agronegócio, contexto em que ‘confinamento’ qualifica um tipo de sistema de criação de gado com melhores resultados produtivos. No sistema de confinamento, os animais são impedidos de circularem livremente pelas pastagens, ficando-se, assim, restritos em piquetes, currais ou baias onde são alimentados por meio de cochos, com dieta balanceada. Nesse caso, confinamento se abre para questões de ordem econômica.



**3. Confinamento.** *Ato ou efeito de que resulta o impedimento de livre movimentação de pessoas, ou deslocamento em espaços públicos, como medida profilática para se evitar o contágio e a disseminação do novo coronavírus.*

Inscritas na matriz etimológica de ‘confinamento’ encontram-se as unidades lexicais ‘isolamento’ e ‘distanciamento’, derivados, respectivamente, dos verbos ‘isolar’ e ‘distanciar’, acrescido do sufixo “-mente”, condensando os sentidos de <afastar-se, separar>>. Inscritos sob a forma substantiva ‘isolamento’ e ‘distanciamento’ são qualificados por ‘social’ como se observa em: “**Distanciamento social** impacta na saúde mental das pessoas”. (Agora São Paulo online – 30/05/2020) e “**Estudo: isolamento social** pode ter poupado 118 mil vidas no Brasil em maio” (O Globo online – 24/11/2020).

**4. distanciamento social.** *Medida restritiva adotada para se reduzir o convívio social, evitando-se, assim, que o contato entre pessoas, principalmente aquelas consideradas de grupo de risco, com outras contaminadas contribua para a disseminação do novo coronavírus.*

Essa medida restritiva que implicou, entre outras ações, no fechamento de escolas, do comércio e estimulou o trabalho remoto impulsionou a retomada do uso de unidades lexicais como ‘teleaula’, ‘teletrabalho’, ‘teleconsulta’.

**5. isolamento social.** *Medida restritiva utilizada para separar pessoas com suspeita ou que tenham testado positivo para o novo coronavírus, sintomáticas e/ou assintomáticas, das pessoas não contaminadas.*

Assim, embora usados, indiscriminadamente, como sinônimos um do outro, a unidade lexical “distanciamento social” condensa sentidos que apontam para medida preventiva contra a disseminação do novo coronavírus e não implica, necessariamente, o “isolamento social”, cujo sentido aponta para a reclusão, o ‘ficar só’, sem contato direto e/ou indireto com outras pessoas, atitude que pode ocasionar um efeito,

psicologicamente, negativo e agravar o quadro de saúde da população já muito abalado pela Covid-19.

Dentre as estratégias de isolamento, a mais restritiva é denominada “quarentena”, unidade lexical derivada de <quarantina> que, segundo Geraldes Neto (2020), surgiu por volta do Século XIV, para designar um procedimento profilático preventivo de 40 dias nos quais pessoas e cargas suspeitas de contaminação pela Peste Negra, também conhecida como Bubônica, deveriam ficar isolados nos navios atracados nos portos de Veneza até que tivesse permissão para o desembarque.

Definido por Houaiss (2009, p. 1585), “quarentena” qualifica-se como

1. Porção ou número de quarenta coisas (seres, objetos etc. de igual natureza). 2. Período de 40 dias. (...) 4. Conjunto de medidas e restrições que consistia especialmente no isolamento, durante certo tempo (originalmente 42 dias), de indivíduos e mercadorias provenientes de regiões onde grassavam epidemias de doenças contagiosas. 5. conjunto de restrições e/ou isolamento, por períodos de tempo variáveis, impostos a indivíduos ou cargas procedentes de países em que ocorre epidemias de doenças contagiosas.

Na mídia online, circulam/circularam notícias como a que se lê no Jornal El País (20/06/2020), “**Quarentenas** ‘ioiô’ em capitais do Brasil cultivam incerteza e adiam a retomada da economia”. Pelo Portal G1, leem-se as manchetes “**Governo de SP anuncia flexibilização da quarentena em mais 3 regiões do estado**” (24/07/2020), “**Quarentena em SP é prorrogada por 15 dias com flexibilização progressiva em diferentes regiões do estado**” (27/05/2020) e “**Estado de SP completa 100 dias de quarentena nesta quarta com obrigatoriedade do uso de máscaras sob pena de multa**” (01/07/2020). Percebe-se, então, a expansão e a resignificação dos sentidos da unidade lexical “quarentena”, de que resultou a seguinte definição com duas entradas:

**6. quarentena.** 1. Período de 14 dias de reclusão a que é submetida, cautelarmente, uma pessoa que, em princípio, não apresente os sintomas da Covid-19, mas que tenha tido contato com um doente ou tenha chegado de um local de surto até que seja certificada a integridade da saúde; 2. Período

*de tempo indeterminado que compreende o fechamento e a reabertura do atendimento ao público em todos os estabelecimentos de atividades consideradas não essenciais, como medida para conter o avanço da pandemia do coronavírus.*

Ainda sobre a unidade lexical “quarentena”, as línguas latinas preservam a mesma raiz etimológica do vocábulo “confinamento”, enquanto, na língua inglesa, verifica-se o uso do vocábulo “lockdown” <confinamento, bloqueio total> que, também, foi incorporado ao léxico da língua portuguesa como atestam as seguintes manchetes, publicadas online: “**Lockdown**’ tem apoio de 60% dos brasileiros” (Folha de São Paulo online 26/06/2020)”, “*Prefeitura de Pelotas anuncia lockdown de sábado a terça devido ao coronavírus*” (G1 04/08/2020) e “*Teresina mantém lockdown parcial’ nos finais de semana de agosto, mas retomada da economia não será suspensa*” (G1 13/08/2020). No último caso, à unidade lexical ‘lockdown’ incorporou-se o qualificador ‘parcial’, assegurando um novo sentido: aquele de flexibilização inscrita na ação do fechamento total.

Além de ‘lockdown’, outras unidades lexicais se incorporaram à fala cotidiana dos usuários da língua portuguesa brasileira sob a forma de empréstimos linguísticos. Esses empréstimos, segundo Carvalho (2009, p. 55) não se configuram como criação linguística posto que “têm origem no momento em que objetos, conceitos e situações nomeados em língua estrangeira transferem-se para outra cultura”. Alguns exemplos são: ‘home office’, com o sentido de trabalho remoto, realizado na própria casa do trabalhador “*Prefeitura de São Paulo institui home office de forma definitiva* (UOL-15/09/2020); ‘drive thru’ em “Partidos usam **drive-in** e **drive-thru** para driblar pandemia em convenções” (UOL-30/08/2020), considerando que ‘drive thru’, passou a nomear uma modalidade de serviço que permite ao usuário comprar e adquirir produtos ou realizar serviços de dentro do carro, como medida de segurança contra o novo coronavírus. Também muito recorrente nos primeiros tempos da pandemia do novo coronavírus o uso da unidade lexical ‘live’ para se referir às apresentações, principalmente artísticas, realizadas de forma remota, em geral, em um ambiente particular do artista como atesta a manchete “*Filho, casa, covers: o que queremos ver na live de Marília Mendonça*”(UOL-09/05/2020).

O que se pode verificar, em síntese é que compreender a língua como sistema dinâmico implica considerá-la em constante evolução. Em função disso, no que se refere ao léxico, com o passar do tempo, nas/pelas práticas sócio-interativo-comunicativas, algumas palavras vão caindo em desuso, os arcaísmos; todavia, outras começam a ser adotadas com maior frequência, os neologismos. Além desses, algumas palavras, por processos que respondem pela permansividade e pela ruptura, perdem e/ou adquirem novos significados na dinâmica da construção-desconstrução-reconstrução da língua pelos atos da fala escrita ou oral.

Segundo Vidal (2017, p. 112) uma das causas mais comuns que impulsiona a mudanças é a necessidade designativa, ou seja, “a produção de novos objetos, o descobrimento de novas realidades ou o estabelecimento de novas pautas de relação social representam situações que favorecem as mudanças”. Dito isso e compactuando com o postulados teóricos de Bosi (1992) e Brandão (2017) para os quais a cultura abarca os produtos tangíveis e intangíveis resultantes do trabalho, da ação humana sobre a natureza e que, conseqüentemente, (res)significam a própria natureza e o homem, e considerando a interconexão entre língua-léxico-cultura, verifica-se que, uma alteração cultural provoca alteração na língua e no léxico.

Nessa dinâmica implicada na indissociável relação entre linguagem-cultura, conforme afirma Antunes (2012, p. 47), as unidades lexicais que selecionamos para o uso em diferentes e variados contextos constituem ‘pistas’, que possibilitam compreender as ideologias, as crenças, os hábitos e os costumes que orientam o ser e o agir dos homens em determinados grupos sociais aos quais pertencem; o ateliê cultural onde ‘tecemos’ – uns com os outros, singulares na pluralidade e plurais na singularidade – a nossa identidade. “As palavras têm a cor, o cheiro, o gosto da terra em que circulam, da casa em que habitam”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, retoma-se 1899, ano da publicação da célebre obra Machadiana ‘Dom Casmurro’, texto que, sem pretensões lexicológicas,

menciona o fundamento da dinamicidade lexical quando, no capítulo inicial, o narrador explica para o seu leitor o título da obra:

Não consultes dicionários. ‘Casmurro’ não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. ‘Dom’ veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. (ASSIS, 1994, p. 6)

Pontua-se, assim, que pelo viés lexical, os significados culturais ultrapassam aqueles registrado sob a forma de verbetes nos dicionários; os significados tão pouco se limitam a uma listagem, organizada em ordem alfabética e descrita de forma a nomear as coisas no/do mundo. As unidades lexicais que são pronunciadas pelas ‘bocas’ dos falantes e/ou por eles registradas sob a forma gráfico-visual – umas mais efêmeras; outras, mais duradouras – asseguram a dinamicidade da língua. Conforme assevera (JIMÉNEZ-RAMÍRES, 2018), os significados também não se configuram como uma coleção de conteúdos folclóricos; ao contrário disso, devem ser focalizados na intermitência dos atos de fala e, portanto, como o eixo em torno do qual se deve desenvolver o processo ensino-aprendizagem de uma língua. É, pois, na/pela relação gramática-léxico-cultura que se buscou facultar aos estudantes a compreensão sobre o modo como os falantes, por meio dos processos sócio interacionais alteram, criam e conservam os sentidos das unidades lexicais materializadas nos textos oral ou escrito sob a forma de palavras.

Assim, o novo coronavírus propiciou uma transformação no léxico da língua portuguesa brasileira, uma vez que algumas unidades lexicais foram ressignificadas, outras foram incorporadas sob a forma de empréstimos linguísticos e outras lexias foram criadas para atender às novas necessidades e adaptar a fala dos usuários aos novos contextos socioculturais inscritos nestes tempos de pandemia. Outras unidades lexicais como – ‘achatar a curva’, ‘álcool em gel’, ‘assintomático/sintomático’, ‘EPI’, ‘máscara’, ‘platô’, ‘vírus’, ‘pandemia/endemia’ – foram levantados pelos estudantes; todavia, dado o tempo reservado às aulas da disciplina Língua Portuguesa não foi possível a sistematização das definições.

Por meio da adesão dos estudantes à atividade e, conseqüentemente, dos positivos resultados obtidos foi possível compreender a importância de promover atividades de transposição didática com o propósito de tornar os estudos lexicais protagonistas no processo ensino-aprendizagem da língua portuguesa como língua nativa. Assim procedendo, torna-se possível desenvolver as habilidades de leitura-escrita dos aprendentes em todos os níveis de ensino para que eles possam satisfazer, de forma significativa e pertinente, as suas mais variadas necessidades sócio-interativo-comunicativas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. A. S. D. P.; XAVIER, V. R. D. (orgs.) *Diálogos e perspectivas nos estudos do léxico e formação de professores*. Campinas: Mercado Letras, 2017.
- ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, Irandé. *Território das palavras: estudo do léxico sem sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. 28. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- BARBOSA, L. M. A. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, n.10-11, p.31- 41, 2008/2009.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BLUTEAU, Raphael. *Diccionario da língua portuguesa*. (1728). Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/diccionario/edicao/1>. Acesso em: 15 ago. 2020.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Covid-19: o que você precisa saber. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>. Acesso em: 09 jul. 2020.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação como cultura: memórias dos anos sessenta. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, a. 23, n. 49, set./dez., 2017. p. 377-407.

- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.
- CHEVALLARD, Y. *La transposición didáctica: del saber sabio al saber enseñado*. Buenos Aires: Aique, 1991.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.
- GERALDES NETO, Benedito. Em tempos de quarentena, uma busca de sua origem. *Enfermagem Brasil*. v. 19, n. 2, 2020. Disponível em: <http://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/4157>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauri de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JIMÉNEZ-RAMÍRES, Jorge. *La enseñanza de cultura*. Madrid: Editorial Arcos, 2018.
- LORENTE, M. A. Lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: *As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, vol. II. ISQUERDO, A. P.
- KRIEGER, M. G. (orgs). *Campo Grande*. Editora UFMS, 2003, p.19-30.
- MARTINS, S. de C.; ZAVAGLIA, C. Léxico e cores: as expressões cromáticas contribuindo para a ampliação lexical. *Revista Trama*, vol.10, no. 20, 2014, p. 83 -96.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2002.
- POLGUÈRE, Alain. *Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais*. São Paulo: Contexto, 2018.
- REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. *Alfá*, São Paulo, v. 28, 1984, p. 45-69.
- RIBEIRO, Gisele Aparecida. O vocabulário rural da Serra da Canastra/MG: um estudo linguístico da nascente do rio São Francisco. Fargetti, C. M; MURAKAWA, C. de A. A.
- NADIN, O. L. (orgs.) *Léxico em foco: dicionários com que sonhamos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 167-181.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

SEIDE, M. S.; VESCOVI, J. P.; COTTICA, A. M. A Base Nacional Comum Curricular e o estudo do léxico nos cursos de Licenciatura em Letras. *Revista GTLex*, Uberlândia, v.1, n.2, jan./jun. 2016, p. 237-256.

TURAZZA, Jeni Silva. O dicionário e suas funções. In: BARBOSA (Org.) *Língua portuguesa: uma visão em mosaico*. São Paulo: EDUC, 2002. p. 153-175.

VIDAL, M. Victoria Escandell. *Apuntes de semântica léxica*. Madrid, Libreria Uned, 2017.

VILELA, Mario. *Léxico e gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.

ZAVAGLIA, C. *Sistematização crítica em lexicografia e lexicologia*. São José do Rio Preto, 2009. 92f. Tese (Livre-docência em Lexicologia e Lexicografia) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.



# ESTUDOS DO LÉXICO NO PROJETO GEOLINTERM: DUAS DÉCADAS DE PESQUISA NO NORTE DO BRASIL

Davi Pereira de Souza

Carlene Ferreira Nunes Salvador

## INTRODUÇÃO

A variedade linguística do povo amazônica tem sido amiúde foco de investigação nas últimas duas décadas. Pesquisadores dos mais diferentes lugares do Brasil e do mundo voltam seus olhares para o caudal linguístico de uma das regiões mais intrigantes do país. Sob a égide da floresta, habitam povos que trazem em sua forma de falar traços da cultura local: indígenas das mais diversas etnias, comunidades tradicionais compostas por quilombos remanescentes do tempo da escravidão, migrantes de diferentes partes do Brasil, além da população nortista que se constitui naturalmente.

Dessa variedade de povos emanam costumes, e, principalmente, falares diversos. Alguns eventos migratórios, tais como: a construção da Hidrelétrica de Tucuruí, a busca pelo ouro no garimpo e formigueiro humano de Serra Pelada, a construção da Transamazônica etc, são exemplos de acontecimentos que impulsionaram a chegada de migrantes em larga escala para a Região Norte, mais especificamente para o Estado do Pará, e esses eventos, além de provocar inchaços populacionais, promoveram o contato linguístico que viabilizou a diversidade de maneira mais acelerada.

Como não poderia deixar de ser, em meio à diversidade natural da Amazônia e os movimentos migratórios ocorridos, instituições, especialmente aquelas que visam a conhecer e a descrever os fenômenos típicos da localidade onde se encontram, buscam mapear o leque de opções que essas regiões oferecem. Nesse circuito, a Universidade Federal do Pará - UFPA tem contribuído com pesquisas desenvolvidas que englobam desde o estudo da fauna e da flora até projetos que visam ao estudo da variedade linguística. No âmbito da UFPA, mais especificamente no Programa de Pós-

Graduação em Letras - PPGL, está instituído o Projeto Geossociolinguística e Socioterminologia - GeoLinTerm, desde a década de 1990.

A partir das pesquisas desenvolvidas no GeoLinTerm surgiu a motivação para a realização deste capítulo, que, em decorrência dos 25 anos do projeto, se constitui, também, como uma homenagem a Abdelhak Razky por sua contribuição à descrição da variedade linguística no Norte do país, em especial, no Pará.

Tendo em vista tratar-se de trabalho em perspectiva bibliográfica e que não foi proposta uma seção metodológica na estrutura do capítulo, explica-se que este trabalho está elaborado a partir de levantamento bibliográfico realizado no acervo físico do Projeto GeoLinTerm e nos repositórios eletrônicos das universidades em que as pesquisas foram defendidas. Assim, a consulta foi realizada no mês de março de 2021 e abrangeu todas as produções finalizadas a partir do ano de 1999, quando houve a primeira defesa de um dos integrantes do Projeto, até o ano de 2020, data mais recente da finalização de mais um dos trabalhos sobre léxico registrados nesse âmbito. Durante o levantamento, observou-se que nem todos os trabalhos estão disponíveis nos repositórios das universidades onde foram produzidos, mas constam nos registros eletrônicos e físico do Projeto.

As seções do capítulo estão organizadas da seguinte forma: primeiramente, tem-se este tópico introdutório; em seguida, um apanhado sobre os estudos do léxico, um resumo do Projeto GeoLinTerm, os resultados obtidos e as considerações finais.

## OS ESTUDOS DO LÉXICO

A definição do termo *léxico*, em linguística, não é monossêmica, em virtude dos diferentes pontos de vista que se interessam pelo estudo desse componente linguístico altamente produtivo cuja natureza é complexa e dinâmica (VILLALVA; SILVESTRE, 2014). Para Biderman (2001), trata-se do único domínio da língua que constitui sistema aberto. Desse modo, cabe delimitar brevemente o conceito de léxico de acordo com as subáreas que dele se ocupam, como, por exemplo, a Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia, Fraseologia e Fraseografia que integram as

chamadas ciências do léxico, tendo a “palavra” como unidade básica em suas diferentes dimensões.

Na esteira da Lexicologia, disciplina responsável pelo estudo científico do léxico geral das línguas naturais, a palavra é vista em sua complexidade estrutural, de formas, significados e usos, incluindo, uma concepção ampla de léxico, termos, neologismos, arcaísmos e também unidades fraseológicas (ARAGÃO, 2016). Nesse sentido, o léxico compõe-se de “[...] unidades muito heterogêneas – desde monossílabos e vocábulos simples até seqüências complexas formadas de vários vocábulos e mesmo frases inteiras como é o caso de muitas expressões idiomáticas e provérbios” (BIDERMAN, 2005, p. 747).

Do ponto da Terminologia, o léxico é abordado em sua dimensão especializada, constitutivo dos inúmeros domínios terminológicos no âmbito dos quais se produzem e utilizam frequentemente os termos técnico-científicos, que, neste trabalho, fundamentado numa perspectiva linguística a partir de Cabré (1995; 1999), Faulstich (1995; 1998) e Gaudin (2014), são considerados unidades lexicais, inerentemente variáveis, de valor especializado a serviço da comunicação científica, da construção e transmissão do conhecimento acumulado pelos diversos campos do saber (medicina, engenharia, física, biologia etc.), ou de práticas socioculturais específicas (terminologia do caranguejo, do cupuaçu, do açaí, da cerâmica, da piscicultura, dentre outras). A terminologia desses domínios constitui, portanto, a parte especializada do léxico comum de uma língua natural, seu léxico temático (KRIEGER, 2001).

Já para a Fraseologia, o léxico compreende não só as unidades monovocabulares de uma língua, mas, sobretudo, as estruturas polilexicais recorrentes que o uso fixa na língua, como as colocações, locuções, expressões idiomáticas, gírias, pragmatemas, ditos populares, provérbios etc. A essas diferentes unidades reservamos o termo genérico *fraseologismos* ou *unidades fraseológicas*, que são combinatórias sintagmáticas recorrentes (MEJRI, 1997; 2012) caracterizadas por propriedades escalares como fixidez sintática e semântica, congruência, frequência de uso nos textos em geral e de coaparição dos componentes da estrutura e previsibilidade.

Essas três disciplinas se ocupam do léxico numa abordagem mais teórica e descritiva e fornecem princípios e modelos de análise para as demais subáreas que possuem natureza predominantemente aplicada, responsáveis pela reflexão e, sobretudo, pela elaboração de repertórios lexicais (glossários, dicionários, bancos de dados), como a Lexicografia, Terminografia e Fraseografia.

A Lexicografia, considerada arte ou ciência de fazer dicionários (COSERIU, 1983; BIDERMAN, 2001), é responsável pela produção de dicionários gerais, monolíngues ou plurilíngues. Borba (2003, p. 15) explica que, no sentido de técnica de montagem de dicionários, a Lexicografia “ocupa-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes etc.”. Já como teoria, o autor define que ela busca dar conta de um conjunto de princípios que propiciem a descrição do léxico, total ou parcial, de uma língua, estabelecendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações necessárias.

A Terminografia, por sua vez, tem como objetivo a produção de glossários técnico-científicos, dicionários e bases de dados terminológicos. Volta-se, portanto, precipuamente para a elaboração de obras terminográficas, mas possui identidade própria; pois também é considerada uma disciplina científica com objeto de estudo (os dicionários terminológicos) e “propõe novos modelos de tratamento dos dados, reflete cientificamente sobre seu trabalho, além de construir uma metalinguagem própria e de consolidar uma metodologia de elaboração de dicionários terminológicos” (BARROS, 2004, p. 68). Por esse motivo, a autora caracteriza a Terminografia como ciência básica e aplicada ao mesmo tempo.

Por fim, a Fraseografia, a mais recente dentre as demais disciplinas acima arroladas, é responsável pela descrição dos fraseologismos especialmente nos dicionários de língua comum e nos dicionários especiais fraseológicos, estabelecendo princípios e diretrizes que orientam a produção de obras fraseográficas, incluindo, em menor medida, glossários dessa natureza. Vale ressaltar que não dispomos, em português, de muitas obras ou manuais de introdução à Fraseografia. Um dos poucos textos a respeito

figura como um breve guia, voltado para dicionários fraseológicos, produzido por Xatara e Parreira (2011). Segundo as autoras, a elaboração de um repertório fraseográfico deve começar pelo projeto, envolvendo decisões sobre: a) quais unidades comporão a nomenclatura da obra, b) quais elementos estarão previstos na microestrutura dos verbetes, c) se o dicionário será monolíngue, bilíngue ou multilíngue e d) qual será o perfil do público-alvo (público geral ou de especialistas).

Embora pareçam os mesmos critérios, uma obra fraseográfica difere radicalmente de uma lexicográfica na composição da nomenclatura e microestrutura dos verbetes. Enquanto os dicionários gerais costumam registrar como entradas, majoritariamente, unidades monolexicais, agrupando, assistematicamente, os fraseologismos em subentradas, os dicionários e glossários fraseográficos organizam as unidades polilexicais como entradas, devendo registrá-las de acordo com o uso fixado na língua, cabendo lematização apenas nos casos em que realmente isso ocorre, para evitar formas inexistentes ou dificilmente usadas na forma que se tenta lematizar, como *ir a vaca para o brejo* e *tanto fazer*, como explica Welker (2011).

## O PROJETO GEOLINTERM

Idealizado por Abdelhak Razky, o Grupo de Pesquisa Geossociolinguística e Socioterminologia - GeoLinTerm, vinculado à Faculdade de Linguagem - FALE da Universidade Federal do Pará - UFPA, é uma reformulação do projeto inicialmente denominado Variação e Mudança Linguística (RAZKY, 1996), instituído em meados da década de 1990, e que adiante sofreu uma alteração com o eixo do Atlas Linguístico do Pará - ALIPA (RAZKY, 1998).

O ALIPA apresentava como objetivo principal a construção do Atlas Geossociolinguístico do Pará. A partir de metodologia baseada no Atlas Linguístico do Brasil - ALIB<sup>1</sup> (CARDOSO, 2003), pesquisadores do projeto

---

<sup>1</sup> Para maiores informações: <http://www.ufba.br/Alib>.

iniciaram o processo de coleta de dados em nível fonético, morfossintático e lexical, que mais tarde serviriam de base para a análise e o mapeamento dos falares paraenses que integrariam o referido Atlas. Para a realização desta empreitada, o Estado do Pará foi dividido em 57 pontos de inquéritos, os quais foram agrupados em seis mesorregiões. Com vistas a otimizar a coleta, os pontos de inquéritos foram subdivididos em zona rural e zona urbana, e, em cada local, entrevistados quatro colaboradores estratificados conforme o sexo, a idade e a escolaridade, por meio de aplicação de dois questionários previamente elaborados.

A partir do ALIPA foi possível, de maneira integrada, a criação do Projeto Atlas Linguístico Sonoro do Pará - ALISPA sob a perspectiva da Sociolinguística. Para a coleta de dados sonoros foram consideradas as dez localidades pertencentes à zona urbana do projeto ALIPA. Nesse caso, a coleta ocorreu por meio de aplicação de questionário fonético-fonológico constituído de 159 perguntas feitas a colaboradores estratificados por sexo, idade e escolaridade até a antiga 4ª Série primária. Finalizado em 2004, o projeto apresenta produtos em forma de publicação e acervo disponível em fonoteca.

Apesar de apresentar como foco a coleta de dados fonéticos, a qual visava a construção do ALIPA, desde 1999 também foram desenvolvidos trabalhos terminológicos, com enfoque em Socioterminologia no âmbito do Projeto. Essas pesquisas tinham como foco a descrição da língua especializada das áreas de atividade econômica da Região Norte. As investigações referentes a esse eixo incluem a descrição terminológica e socioterminológica da indústria madeireira, do setor pesqueiro, do alumínio, do caranguejo, da farinha de mandioca, do cacau, do açaí, da castanha-do-Pará, do cupuaçu, do miriti, da meliponicultura, do corte bovino etc.

Desta forma, ao longo dos anos o ALIPA passou por ampliações que possibilitaram, em 2006, a alteração para GeoLinTerm (RAZKY; OLIVEIRA; LIMA, 2012). Em decorrência dessa modificação, o Projeto passou a agregar quatro eixos principais: (i) o Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA); (ii) o Atlas Linguístico do Brasil - Regional Norte (ALiB-

Norte); (iii) os Atlas Linguísticos Regionais do Norte do Brasil (ALiN); e (iv) Terminologia e Socioterminologia no Brasil (SocioTerm).

Assim, o ALIPA foi o ponto de partida para os demais eixos estruturantes do GeoLinTerm. O eixo (ii) foi oficialmente instituído em 2006 e diz respeito ao Atlas Linguístico do Brasil - Regional Norte ou simplesmente, ALIB-Norte. A criação desse eixo se deu em razão da organização proposta pelo Comitê Nacional do ALIB, no que diz respeito à divisão do território nacional em áreas com o objetivo de realizar ações do ALIB regionalmente. Essa decisão possibilitou a inclusão de mais estados: Amapá, Amazonas, Roraima e Tocantins.

No que se refere ao eixo (iii), mais especificamente aos Atlas Linguísticos Regionais do Norte do Brasil - ALIN, busca-se a descrição e a documentação da variedade linguística do português falado no Norte do Brasil. Como resultado do ALIN, tem-se a publicação do Atlas Linguístico do Amapá - ALIAP (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2010), além das pesquisas em andamento para os Atlas Linguístico do Acre - ALIAC e o Atlas Linguístico de Rondônia, todos esses projetos atuam de forma integrada e em sistema de colaboração mútua.

No eixo (iv), o qual está vinculado à descrição lexical do Projeto ALIPA, tem-se a produção de dicionários e glossários de língua especializada. Nos últimos dez anos a elaboração de repertórios lexicais, tanto em versão impressa quanto eletrônica, tem sido a tônica de trabalhos de integrantes do Projeto. Além disso, a partir de 2017, com a tese de Salvador (2017), esse eixo passou a agregar pesquisas em nível fraseológico.

Como é possível perceber, o Projeto GeoLinTerm (RAZKY; OLIVEIRA; LIMA, 2012), desde a sua criação em 1996, tem possibilitado a estudantes de nível superior (graduação e pós-graduação) investigar a variedade linguística da Região Norte sob diferentes aspectos, sobretudo em vertente sociolinguística, com uso de metodologia específica para esse fim e, a depender do foco, faz-se o uso de instrumentos de coleta como narrativas e aplicação de questionários, técnicas de abordagem junto aos colaboradores, além da produção em forma de cartas linguísticas, atlas linguísticos, dicionários e glossários sobre temas diversos. Em sistema de colaboração, o Projeto integra-se a outros projetos nacionais e

internacionais. Com vista a divulgação das pesquisas produzidas, o GeoLinTerm é responsável também pela coordenação do Seminário de Geossociolinguística - SEGEL, que em 2019 apresentou sua oitava edição, assim como é integrante e colaborador do Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística - CIDS, eventos que reúnem pesquisadores da área de todo o mundo. Por fim, é necessário mencionar que os trabalhos publicados no âmbito do GeoLinTerm subsidiam a produção de cartilhas e material didático que constituem um retorno à sociedade.

## RESULTADO DO LEVANTAMENTO

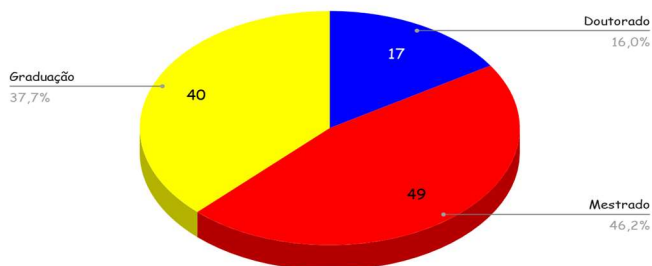
A quantidade de pesquisas desenvolvidas ao longo de 25 anos do Projeto GeoLinTerm (RAZKY; OLIVEIRA; LIMA, 2012), a natureza das abordagens teórico-metodológicas assumidas em cada trabalho, os recursos computacionais utilizados na confecção dos repertórios apresentados em diferentes níveis de estudos, as tipologias de apresentação dos resultados obtidos nessas investigações e a natureza do produto de cada pesquisa, estão dispostos ao longo desta seção.

O levantamento realizado apontou que, entre pesquisas já finalizadas e em andamento, foram produzidos 116 trabalhos em nível de graduação e pós-graduação: teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso e resultados de supervisões de iniciação científica, sob as orientações dos professores-coordenadores do GeoLinTerm: Abdelhak Razky, Marilucia Barros de Oliveira e Alcides Fernandes de Lima. Desse total, tendo em vista o objetivo do capítulo, para a análise, foram considerados apenas as pesquisas relativas ao campo lexical, o que corresponde a um conjunto de 46 trabalhos. À medida que os dados vão sendo dispostos, segue-se a ordem por grau de ensino, de maneira que primeiro são evidenciados os dados de teses, dissertações e monografias, nesta ordem.

A distribuição das 116 pesquisas conforme o nível de estudo está ilustrada no Gráfico 1.



Gráfico 1 - Pesquisas realizadas no GeoLinTerm



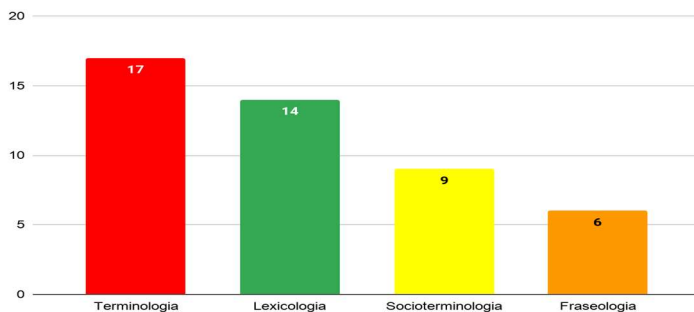
Fonte: elaboração própria.

Conforme os dados do Gráfico 1, as pesquisas realizadas em nível de doutorado no GeoLinTerm correspondem a 16,0 % das orientações realizadas, em números absolutos 17 teses, dentre as quais 06 ainda estão em andamento e 11 finalizadas. As orientações nesse nível começaram a surgir a partir do ano de 2013 quando o Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, da UFPA, recebeu a certificação do cadastramento para o Programa de Doutorado. Considerando esse período, as primeiras teses foram defendidas no ano de 2017 e desde então, a cada ano pelo menos dois trabalhos têm sido finalizados. Em nível de graduação com 37,7%, tem-se o correspondente a 36 trabalhos de conclusão de curso. Contudo, o maior número de produções ocorreu em dissertações de mestrado com 46,2% das ocorrências, tendo como ponto de partida o ano de 1999, quando a primeira dissertação foi defendida, totalizando 49 produções deste nível. A esses números, somam-se mais 14 produções oriundas de supervisão de alunos de iniciação científica que desenvolveram artigos relacionados aos estudos do léxico. Cabe salientar que as publicações dos alunos de iniciação científica consideradas pelo quantitativo elencado são diferentes do que esses mesmos bolsistas produziram como trabalho de conclusão de curso.

Como dito no início deste capítulo, dessas 116 produções listadas, foram consideradas 46 delas que se inserem no rol das pesquisas lexicais. A partir deste quantitativo, verificou-se a natureza da abordagem teórico-metodológica foco da análise dos autores. Nesse âmbito, a perspectiva de

estudo com base terminológica foi a mais acionada. Assim, as abordagens teórico-metodológicas encontradas nas pesquisas de cunho lexical listadas estão sintetizadas no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Abordagem teórico-metodológica das pesquisas lexicais no GeoLinTerm



Fonte: elaboração própria.

No gráfico 2 estão distribuídas as pesquisas lexicais relacionadas às abordagens teórico-metodológicas encontradas no acervo do GeoLinTerm, totalizando 46 produções desta natureza. Os trabalhos de cunho terminológico (17) estão vinculados ao eixo (iv) do GeoLinTerm. Nesse conjunto estão a tese de doutorado de Rodrigues (2015) que apresenta um *Glossário eletrônico da terminologia da farinha de mandioca na Amazônia paraenses*, a dissertação de Lisboa (2015) acerca da *Terminologia da Piscicultura* e o TCC de Souza (2014), o qual discute a *Terminologia da cultura do cupuaçu*. Dentre as investigações de base lexical com foco na variação geossociolinguística foram encontradas 14 pesquisas, tais como a tese de doutorado, em andamento, iniciada em 2017, de Helen Coelho sobre *Variação lexical em comunidades quilombolas afro-brasileiras do Amapá: um estudo geossociolinguístico*, a dissertação de Sanches (2015) abrangendo a *Variação lexical nos dados do Projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá* e o TCC de Costa (2004) sobre *Variação lexical no Nordeste do Pará*. No campo da socioterminologia (09), tem-se a tese de doutorado *Socioterminologia da indústria madeireira* (LIMA, 2010), a dissertação de Borges (2014) sobre *Os termos da Meliponicultura: uma abordagem socioterminológica*, assim como o TCC de Oliveira (2014) com o

*Tratamento da Variação Socioterminológica nos repertórios do GeoLinTerm.* Em adição, na perspectiva fraseológica, estão os trabalhos concluídos de Salvador (2017) sobre a fraseologia do futebol, em nível de doutorado, além da tese de Oliveira (2018), cuja temática diz respeito ao domínio especializado do corte bovino e a dissertação de Souza (2018) acerca da fraseologia presente no discurso político. Em andamento, o projeto apresenta ainda investigações fraseológicas cujo foco são a geofraseologia de doenças e o mapeamento de fraseologias no Norte brasileiro.

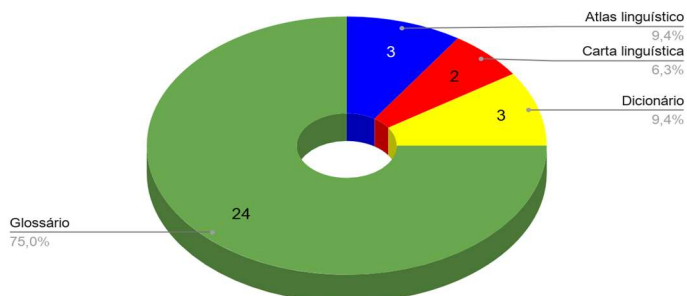
No que concerne aos procedimentos metodológicos, além das técnicas de coleta, narrativas e aplicação de questionário (TARALLO, 1986), também houve o aproveitamento de recursos computacionais utilizados na automatização de dados, por meio de *softwares* específicos, os quais, dependendo do propósito, em etapa subsequente, viabilizaram a organização de Dicionários e Glossários, assim como a elaboração de cartas linguísticas.

Nesse contexto, quando da automatização de dados para repertórios lexicais, a preferência dos pesquisadores foi pelo *software WordSmith Tools* (SCOTT, 2008), programa que pode ser baixado livremente da *internet* em sua versão Demo, mas, se o investigador for precisar de mais resultados, será necessário o pagamento de licença. Esse *software* realiza leitura de arquivos em extensão .txt, .pdf e .html, além de possibilitar a contagem de termos simples e em linhas de concordância, elegendo-lhes a frequência. O *Lexique Pro* (SIL, 2012) é o organizador de repertórios mais utilizado pelos elaboradores de dicionários e glossários no projeto. A preferência por este *software* reside no fato de que ele permite organizar a ficha estrutural dos verbetes de modo que se possa fazer a inclusão de entradas lexicais simples e compostas, a inserção de imagens e vídeos e pode ficar ancorado eletronicamente. Os pesquisadores que elaboram cartas linguísticas fazem uso dos programas *ArcGis*, *CorelDraw*, *ColorBrewer*, *Quantum GIS (QGIS)*, para a produção de seus registros.

No que se refere à tipologia de apresentação dos resultados, dos 46 produtos lexicais encontrados, os autores de 27 pesquisas optaram, além dos formatos usuais de trabalhos acadêmicos em forma de tese, dissertação,

monografias e artigos, por apresentarem seus resultados em um formato específico, dada a natureza da investigação. A tipologia dessas pesquisas conforme a apresentação dos dados obtidos está descrita no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Tipologia de apresentação dos resultados



Fonte: elaboração própria.

O gráfico 3 ilustra os formatos especiais de trabalhos apresentados por pesquisadores do GeoLinTerm. Dentre os repertórios mais utilizados está o formato de glossário com 75,0% correspondente a 24 pesquisas. Em seguida, estão os dicionários e atlas linguísticos com 9,4% ou o equivalente a 3 trabalhos de cada tipo. Além disso, em duas investigações (6,3%) os autores apresentaram e discutiram seus resultados por meio de cartas linguísticas. Esse resultado evidencia uma das particularidades do projeto, a qual reside no fato de apresentar produtos que possibilitam a descrição e a reflexão acerca da variedade linguística do Norte do Brasil.

No que tange especificamente aos repertórios lexicais constituídos a partir do eixo (iv) do GeoLinTerm, apresenta-se abaixo, em ordem alfabética, o título e o número de verbetes de cada glossário ou dicionário encontrado, em alguns deles está disponível o *link* de acesso à base de repositório. Veja-se o Quadro 1.

Quadro 1 - Títulos do repertórios

°	Título	Nº Verbetes
1	Dicionário socioterminológico Bilingue da área do corte bovino	1055

2	Dicionário Terminológico da Piscicultura da Região Norte	andamento
3	Estudo da Fraseologia do futebol brasileiro das Séries B, C e D em jornais digitais populares: construção de um dicionário eletrônico <a href="http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/12301">http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/12301</a>	1316
4	Fraseologismos no discurso político brasileiro: uma proposta de glossário <a href="http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11613">http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11613</a>	438
5	Glossário da cerâmica artesanal do Distrito de Icoaraci (Belém-PA)	463
6	Glossário da terminologia do corte bovino em municípios do Pará	300
7	Glossário dos termos da castanha-do-pará <a href="http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/8129">http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/8129</a>	496
8	Glossário eletrônico da terminologia da farinha de mandioca na Amazônia paraense <a href="http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14481">http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14481</a>	506
9	Glossário em Pedagogia: uma proposta de registro terminológico em língua de sinais brasileira	andamento
0	Glossário Socioterminológico da cultura do Açaí	318
2	Glossário semi-sistemático da terminologia do pescado em Santarém	464
3	Glossário terminológico da cultura do cacau em Medicilândia-PA	231
4	Glossário Terminológico do Curso de Odontologia Português-Libras	120
5	Os termos da meliponicultura: uma abordagem socioterminológica	523

	<a href="http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/3021">http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/3021</a>	
6	Terminologia da Agroindústria do Dendê	324
7	Terminologia da carpintaria naval de Abaetetuba/PA	310
8	Terminologia da Cultura do Cupuaçu	106
9	Terminologia da Indústria do Alumínio <a href="http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/1774">http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/1774</a>	640
0	Terminologia da pesca em Soure-Marajó: uma perspectiva socioterminológica	202
1	Terminologia da Pimenta-do-Reino	98
2	Terminologia da Piscicultura <a href="http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10170">http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10170</a>	359
3	Terminologia do artesanato de miriti em Abaetetuba -PA	198
4	Terminologia do ciclo de produção do alumínio: bauxita, alumina e alumínio <a href="http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10720">http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10720</a>	1110
5	Terminologia do Novo Código Florestal Brasileiro <sup>2</sup>	-
6	Socioterminologia : O léxico do Caranguejo em Bragança	300

---

<sup>2</sup> O trabalho foi referenciado, mas não foram encontrados os dados acerca do número de verbetes que o constitui.

7	Socioterminologia da indústria madeireira <a href="http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6101">http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6101</a>	2081
---	--	------

*Fonte: elaboração própria.*

Nota-se, portanto, com base no quadro 1, a diversidade de temas e domínios abordados nas pesquisas mencionadas, sendo a grande maioria voltada a aspectos de práticas socioculturais e atividades produtivas do Norte do país. Em termos quantitativos, excetuando os trabalhos em andamento e aqueles sobre os quais não se teve acesso, o conjunto dessas pesquisas dá conta de aproximadamente 11958 unidades lexicais repertoriadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação para a realização deste capítulo se deu em face do desejo de reunir em um documento da área um apanhado das pesquisas lexicais realizadas no Projeto GeoLinTerm, para fins de sistematização, constituindo, também, uma homenagem ao professor Abdelhak Razky, coordenador geral do projeto e um grande pesquisador e incentivador dos trabalhos sobre o léxico do português no Norte do país, nas perspectivas geossociolinguística, socioterminológica e fraseológica.

Os resultados do levantamento apontaram uma significativa produção científica na vertente dos estudos lexicais do Projeto, realizada sobretudo em nível de pós-graduação, como atestam as dezenas de dissertações de mestrado que apresentaram repertórios lexicais, com destaque para os glossários terminológicos. Todavia, busca-se estreitar a relação com os discentes da graduação por meio da realização de eventos acadêmicos que divulgam e discutem os resultados das pesquisas, além da orientação de TCCs na área por parte dos professores coordenadores e de demais membros que atuam em instituições de ensino superior da região.

Outro fato importante se refere à inserção da fraseologia no conjunto de pesquisas que o grupo vem realizando. Embora os trabalhos em Terminologia também apresentem inúmeros casos de combinatórias sintagmáticas que podem receber tratamento no âmbito da fraseologia

especializada, o marco inicial da vertente fraseológica no Projeto é, sem dúvida, a tese sobre a fraseologia do futebol, de Salvador (2017), que inaugura essa vertente de investigação no seio do GeoLinTerm, beneficiando-se, evidentemente, das experiências acumuladas com os demais estudos anteriores, seja em relação à metodologia da coleta de dados, seja no que tange ao seu tratamento semiautomático voltado para a produção de repertórios lexicais e de cartas linguísticas.

Desse modo, o presente artigo oferece um panorama dos trabalhos sobre o léxico produzidos no GeoLinTerm, demonstrando a diversidade de temas tratados, abordagens adotadas, formas e usos lexicais que vão desde a unidade monovocabular a estruturas mais complexas e polilexicais. Com isso, espera-se poder divulgar as pesquisas e fomentar novas investigações.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, M. do S. A fraseologia como marca do léxico regional-popular. In: COSTA, D. de S. S.; BENÇAL, D.R. *Nos caminhos do léxico* (Orgs.), Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2016, p. 33-49.
- BARROS, L. A. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2 ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.
- BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O. M; Silva, F. (Org.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. 1a ed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.
- BORBA, F. S. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- CABRÉ, M. T. La terminologia hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 3, set./dez.1995.
- CABRÉ, M. T. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada (IULA), 1999.



- CARDOSO, S. A. M. O Projeto ALIB: caminhos andados e a percorrer. In: AGUILERA, V.A.; MILANI, G. A.; MOTA, J. A. (Orgs.). *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* - ALIB. Salvador, ILUFBA: EDUFBA, 2003. Documentos I.
- COSERIU, Eugenio. *Introducción a la lingüística*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1983.
- FAULSTICH, Enilde de J. Leite. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 281-288, set./dez. 1995.
- FAULSTICH, Enilde de J. Leite. Princípios formais e funcionais de variação em terminologia. In: *Atas do RITERM*, Havana, 1998.
- GAUDIN, François. Socioterminologia: um itinerário bem-sucedido. In: ISQUERDO, Aparecida N.; DAL CORNO, Giselle O. Mantovani (Orgs.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia* (v.7). Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014.
- KRIEGER, M. G. A face linguística da Terminologia. In: KRIEGER, M. G.; MACIEL, A. M. B. (Orgs.). *Temas de terminologia*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001, p. 22-33.
- KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia técnico-científica: seu papel no Mercosul. In: *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, n. 24, fev. 2001. Disponível em <<http://www.unb.br/abralin/index.php?id=8&boletim=24&tema=02>>. Acesso em: 23 março 2021.
- LIMA, A. F. de. *Socioterminologia da indústria madeireira*. 2010. 377 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- OLIVEIRA, R.U.G.S. *A terminologia do corte bovino no Pará*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará, 2013.
- MARTINS, A. F. C. *Terminologia da indústria do alumínio*. 2007. 238f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
- MEJRI, S. *Le figement lexical*: descriptions linguistiques et structuration sémantique. Tunis: Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.
- MEJRI, S. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- RAZKY, Abdelhak *et al.* (Orgs.). *ESTUDOS II: geossociolinguística no Pará*. Belém: EDUFMA, 2014. ISBN 978-857862-354-8. p. 209.

- RAZKY, Abdelhak *et al.* (Orgs.). *Estudos sociodialetais do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2014. ISBN 978-85-7113-525-3. p. 281.
- RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides Fernandes de. Estudos lexicais e socioterminológicos no Estado do Pará. In: CARDOSO, S.; MEJRI, S.; MOTA, J. (Orgs.). *Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias*. Salvador: Vento Leste, 2011. p. 349-370.
- RAZKY, Abdelhak (org.). *Estudos geo-sociolinguísticos no Estado do Pará*. Belém: s/ed., 2003. ISBN 85-903190-1-6.
- RAZKY, Abdelhak (org.). *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA 1.1*. Belém: CAPES/UFPA/UTM, 2004.
- RAZKY, Abdelhak (org.). O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará: abordagem metodológica. In: AGUILERA, V. de A (org.). *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da UEL, 1998.
- SALVADOR, C.F.N. *Estudo das fraseologias do futebol brasileiro das Séries B, C e D em jornais digitais populares: construção de um dicionário eletrônico*. Tese (Doutorado em Letras - Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.
- SOUZA, Davi Pereira de. *Fraseologismo no discurso político brasileiro: uma proposta de glossário*. 2018. 263f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
- VILLALVA, A.; SILVESTRE, J. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do português*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- XATARA, C.; PARREIRA, M. C. A elaboração de um dicionário fraseológico. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L.; UNTERNBÄUMEN, Enrique H. (orgs.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 69-75.

## ESTUDOS DO LÉXICO GERAL

# ITENS LEXICAIS: PONTOS DE APROXIMAÇÃO EM CINCO LÍNGUAS

Fábio Henrique de Carvalho Bertonha

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este capítulo se dirige aos interessados na língua portuguesa, variante brasileira, comparando, em paralelo, sua semelhança lexical – evidenciada por várias lexias – a quatro línguas estrangeiras (espanhol, francês, inglês e italiano). Partindo-se da formação acadêmica e experiência de seu autor como tradutor brasileiro das quatro línguas supramencionadas, acredita-se que seria proveitoso seu compartilhamento linguístico visto que, no decorrer dos anos de trabalho no processo tradutório, vem percebendo a proximidade não apenas entre o português e as outras três línguas românicas, mas também com a língua inglesa.

Almeja-se favorecer uma melhor compreensão dessas línguas, não objetivando, neste momento, seu ensino de fala ou de escrita, pois, para compreender uma determinada língua, nossa competência passiva é posta em funcionamento, enquanto que, para falar e escrever, é necessária uma competência ativa, a qual leva muito mais tempo para ser adquirida. Portanto, pretende-se oferecer aos leitores brasileiros algumas reflexões morfológicas que poderão permitir que compreendam essas línguas, de maneira mais breve, por meio dos apontamentos para algumas de suas evidentes semelhanças e diferenças sistemáticas.

Levando-se em consideração as quatro línguas românicas, podem-se observar correspondências fonéticas, por exemplo, em português, “cheio” corresponde a *lleno*, em espanhol, *plein*, em francês, e *pieno*, em italiano. A partir dessa percepção fonética, verifica-se que o português possui o dígrafo “ch” enquanto suas respectivas línguas possuem *ll*, *pl* e *pi*. Essa constatação contribui para que interessados em estudar essas línguas percebam e

compreendam outras palavras dessa mesma série, tais como, “chover” (português), *llover* (espanhol), *pleuvoir* (francês) e *piovere* (italiano).

Embora a língua francesa esteja próxima da italiana, por diversas afinidades sobre aspectos lexicais e morfológicos, não há dúvidas de que, ao observá-la mais atentamente, esse idioma se mostra mais à parte, por ser mais diferente das outras três línguas românicas. No entanto, as semelhanças e analogias são tão volumosas que as diferenças que as separam não dissolvem os pontos comuns do modelo românico. Se por um lado, o francês demonstra algum distanciamento com relação às outras línguas românicas, por outro, aproxima seu vocabulário, em parte, e sua sintaxe da língua inglesa. Assim, a língua francesa se apresenta como um tipo de ponte entre dois mundos: o românico e o germânico.

Ao se comparar essas cinco línguas, leva-se luz também sobre seu funcionamento, o qual auxilia os indivíduos a compreenderem sua língua materna e, conseqüentemente, conseguem apreender mais amplamente o mundo, dado que o conhecimento de apenas um sistema linguístico demonstra certa limitação sobre esse entendimento. Por isso, um estudo paralelo (aqui, breve e superficial), entre cinco sistemas linguísticos, pode contribuir para o desenvolvimento na aquisição de uma dessas línguas, base de suas respectivas culturas, fazendo com que possam ser pensadas novas formas de aprendê-las.

Destaca-se que as unidades lexicográficas propostas para análise são provenientes das obras dicionarísticas monolíngues de Ferreira (2010) e de Houaiss (2009) – eletrônicos e em português (Brasil) –, além dos dicionários *on-line* *Vocabolario della lingua italiana* (2021), *Le Petit Robert* (2021), *Oxford English Dictionary* (2021) e *Real Academia Española de la Lengua* (2021). Também foram utilizados quatro dicionários bilíngues do grupo *Michaelis* (português-espanhol; português-francês; português-inglês; português-italiano) com o intuito de verificar a ocorrência das unidades lexicográficas levantadas em tipos diferentes de dicionários desses cinco sistemas linguísticos distintos, bem como suas perspectivas de direcionamento e de registro lexicais.

Logo, como já evidenciado, neste capítulo, vamos nos deter somente a aspectos lexicais e morfológicos, levantando analogias referentes aos cinco sistemas linguísticos já mencionados.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### *Léxico*

As reflexões propostas se voltam ao arcabouço lexical de cinco línguas, portanto, como norte, iniciamos pela definição de *léxico* a partir dos olhares de alguns lexicógrafos. Percorrendo uma linha cronológica, Vilela (1979, p. 133) afirmava que o *léxico* consistia na representação de um conjunto de possibilidades, abarcando não apenas as palavras documentadas, mas também aquelas possíveis de serem elaboradas a partir de suas bases de formação.

Na década seguinte, Biderman (1981, p. 132) trata-o como o *tesouro vocabular* de uma língua, cuja nomenclatura se compunha por conceitos linguísticos e não linguísticos utilizados pelo homem do passado e pelo contemporâneo. Após um quindênio, Biderman (1996, p. 27) recupera seu conceito de *léxico* e afirma que “é o lugar de estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana”.

Em meados do novo século, Borba (2003, p. 81) estabelece *léxico* como aquilo que conecta a abstração da língua à realidade em si, de maneira que “o léxico fisionomiza a cultura” (BORBA apud MARCHEZAN; CORTINA, 2006, p. 81).

Já ao final da primeira década do século XXI, temos que “o léxico é, pois, o conjunto de todos os itens lexicais existentes em uma língua natural, incluso aí expressões, fraseologismos, itens gramaticais. É um conjunto aberto, em contínua expansão, impossível de ser delimitado em sua totalidade” (ZAVAGLIA, 2009, p. 7). À vista disso, é possível realizar sua sistematização em dicionários de língua, permitindo uma organização, quer seja pela língua geral ou por eixos temáticos, a qual pode ser realizada de modo eficiente, por meio da Lexicografia que, sem entrar em pormenores, é

uma técnica – e porque não dizer uma arte – de se fazer um repertório do léxico, registrando-o em uma obra dicionarística.

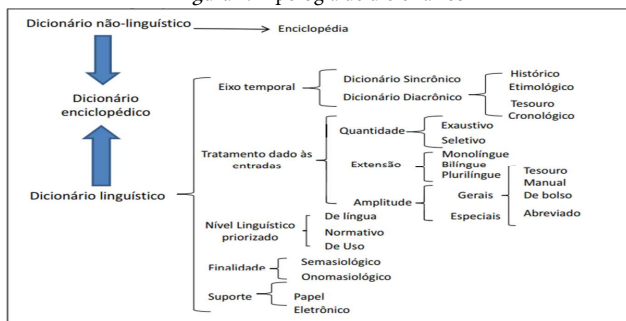
*Dicionário: características particulares a esse gênero textual*

Por experiência própria, durante o processo tradutório, é fundamental que os tradutores tenham em mãos vários dicionários e, relacionando-os ao escopo deste capítulo, faz-se necessário apontar características desse instrumento de trabalho a partir de exemplos na vivência profissional de seu autor.

Partindo-se do léxico, são estabelecidas relações semântico-culturais para a produção de dicionários, os quais testemunham como determinado povo, imerso em uma específica realidade sócio-histórico-político-espacial, entende sua sociedade. Logo, ressaltar esses elementos constituintes das obras lexicográficas irá favorecer uma compreensão mais precisa e eficiente dos itens lexicais. Essas obras funcionam como consulta, sendo que a descrição do léxico é estabelecida por quatro variáveis (número e extensão das entradas, modo de estudá-las, ordenação apresentada e suporte da descrição). Sob tal perspectiva, Porto Dapena (2002, p. 42-43) ressalta a inexistência de tipos puros de dicionários, isto é, os dicionários podem pertencer, ao mesmo tempo, a várias classificações.

Com relação a tais classificações, Porto Dapena (2002, p. 42) propõe a tipologia teórica (Figura 1) a seguir:

Figura 1: Tipologia de dicionários



Fonte: Porto Dapena (2002, p. 43).

Baseando-se no quadro supra apresentado, a princípio, constata-se que os dicionários linguísticos são diferenciados daqueles não linguísticos (PORTO DAPENA, 2002, p. 43). Esse autor destaca uma primeira diferença entre dicionários linguísticos (ocupam-se das unidades lexicais de uma ou mais línguas) e não linguísticos (ocupam-se do estudo da realidade representada pelas unidades lexicais). Além disso, uma obra dicionarística pode ser classificada com relação ao número de línguas (monolíngues, bilíngues ou plurilíngues).

Zavaglia (2009, p. 18-19) aponta ser fundamental que, ao se elaborar uma obra intitulada como *dicionário*, se relacione as unidades lexicais levando em consideração: a) a quantidade de línguas envolvidas; b) o critério sincrônico ou diacrônico; c) o recorte do léxico, dado que podem ser dicionários reduzidos, representativos ou exaustivos; d) os critérios linguísticos, quer sejam normativos ou descritivos; e) a ordenação das entradas (onomasiológica ou semasiológica).

Quando se busca uma entrada, o consulente pode encontrar uma série de informações, tais como, gramaticais, etimologia, definição, sinônimos etc. que almejam contribuir à melhor compreensão de seu significado na microestrutura, por isso é preciso refletir sobre o conjunto textual e contextual, tendo em vista as diversas dimensões de informação que compõem esse significado. Durante a busca por essas informações, tem-se o indivíduo que as procura e “de espelho do mundo, o dicionário passa a ser visto como participante ativo do mundo da linguagem” (COROA, 2011, p. 69).

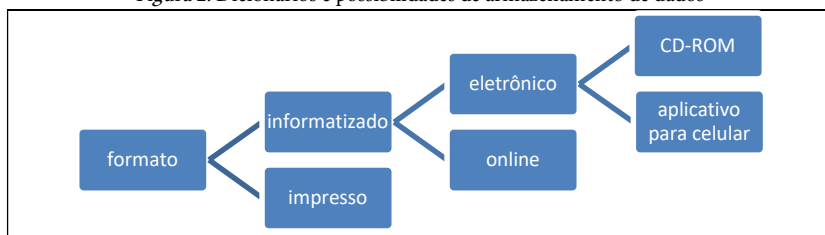
Para Fiorin (1993, p. 55), o sistema linguístico dicionarizado se revela heterogêneo sob variados aspectos (profissionais, sociais, mercadológicos, espaciais, políticos, temporais etc.), os quais, devido a tamanha diversidade, irão necessitar de uma ocorrência de diferentes tipos de marcação expressa pelo emprego de inúmeras marcas de uso (informações restritas ou condicionantes ao uso do léxico). Esse autor ainda considera o dicionário como um gênero textual que define normas linguísticas, por conseguinte, permite uma comunicação transcultural no interior de uma mesma comunidade.



Ao se consultar os dicionários, encontram-se sua *macroestrutura* (conjunto escrito que compõe um dicionário – organização do dicionário, abreviaturas, quadros, listas, entradas, prefácio etc.), bem como sua *microestrutura* (toda informação, após a palavra-entrada, quer dizer, a ordenação dos elementos que compõem o verbete, informações gramaticais, etimologia, definição, sinônimos, antônimos, marcas de uso, abonações e exemplos). Conforme Casares (1984, p. 76), o verbete é constituído de conteúdo (tipo de informação acerca do item lexical), quer dizer, percorrendo a descrição da microestrutura de um dicionário, tem-se um verbete que é constituído pela entrada e por toda informação sobre essa entrada, sendo que “cada um dos sentidos especiais ou gerais é o que em Lexicografia constitui uma acepção”.

Vale destacar que os dicionários que se encontram em formatos informatizados otimizam o processo tradutório devido à facilidade não apenas na atualização, mas, sobretudo, no armazenamento de uma enorme quantidade de dados. Na Figura 2, pode-se verificar alguns formatos de dicionários.

Figura 2: Dicionários e possibilidades de armazenamento de dados



Fonte: Elaborada pelo autor.

Apesar de ser muito comum que os consulentes acessem a internet, ao mesmo tempo, nem sempre conseguem se conectar e, partindo desse ponto, o formato online pode não ser tão eficiente ao ser comparado àqueles em formatos eletrônicos, dado que possibilitam uma consulta mais rápida do que no impresso e não se mantêm vinculados à conexão de rede. Portanto, são vários os modelos pensados para atender às mais variadas demandas, por isso nota-se um avanço em direção a uma produção maior de dicionários informatizados.

### *Unidades lexicais encontradas nos dicionários referentes às cinco línguas do estudo*

As unidades lexicais não devem ser tomadas de forma isolada, quer dizer, é preciso que se leve em consideração a contextualização das relações morfológicas e semânticas, assim, observa-se um estreitamento entre léxico e gramática. Ao se realizar um estudo contrastivo entre diferentes sistemas linguísticos, também se faz necessária a comparação do ponto de vista da estruturação de cada lexia, para isso, deve-se ter em conta as palavras gramaticais (tais como artigos, pronomes, preposições e conjunções) e as palavras lexicais (verbos, substantivos, adjetivos) a fim de que se possa compreender melhor os pontos de aproximação e de distanciamento desses sistemas linguísticos.

Ainda é preciso observar que há unidades significativas menores do que as palavras, aquelas chamadas de morfemas, as quais podem também contribuir para o entendimento dos sistemas linguísticos a partir do aspecto comparativo. Frente a essa perspectiva, seguem-se alguns exemplos para uma reflexão contrastiva, partindo-se dos afixos.

*Quadro 1.* Unidades lexicográficas semelhantes em significado e significante

<b>português</b>	<b>espanhol</b>	<b>Francês</b>	<b>inglês</b>	<b>italiano</b>
decreto	decreto	Décret	decree	decreto
escola	escuela	École	school	scuola
necessidade	necesidad	Necessite	necessity	necessità

*Fonte:* Elaborado pelo autor.

Ao serem comparadas as línguas em análise, é possível evidenciar semelhanças lexicais (no Quadro 1), tais como as entradas do português – “decreto” e “escola” – por apresentarem uma aproximação elevada não apenas no significado, mas também, no significante, fator que pode induzir os indivíduos a pressupor a ocorrência de equivalentes nas línguas estrangeiras.

Por outro lado, essa proximidade vocabular, por vezes, se dissipa (Quadro 2):

*Quadro 2.* Unidades lexicográficas parcialmente semelhantes em relação ao significante

<b>português</b>	<b>espanhol</b>	<b>Francês</b>	<b>inglês</b>	<b>italiano</b>
gato	gato	Chat	cat	gatto
cachimbo	pipa	Pipe	pipe	pipa
peixe	pescado	Poisson	fish	pesce

*Fonte:* Elaborado pelo autor.

No Quadro 2, nota-se que os equivalentes tradutórios possuem uma parcialidade nos significantes, sendo que esse é um aspecto que pode gerar dúvidas, por exemplo, em um consulente não profissional que busque pelo equivalente de “gato” (do português) em língua inglesa ou francesa, uma vez que se distanciam etimologicamente<sup>1</sup>. Verifica-se, também, que “cachimbo” possui os mesmos equivalentes, respectivamente, nos pares espanhol/italiano e francês/inglês, embora demonstre ter uma origem diversa de seus quatro equivalentes. Não se pode deixar de mencionar o fato de que essa análise versa sobre o ponto de vista morfológico, considerando a possibilidade de que esses itens lexicais poderiam ocorrer em um mesmo contexto a depender de suas cargas semânticas, quer dizer, não necessariamente serão sempre equivalentes perfeitos e substituíveis em todos os contextos tradutórios.

E ainda ocorrem itens lexicais que não apresentam nenhuma semelhança em sua forma escrita, quer dizer, nas cinco línguas, as lexias que apresentam mesma carga semântica, são completamente diferentes em seus significantes (Quadro 3).

---

<sup>1</sup> Por não se tratar do escopo deste capítulo, não iremos abordar as questões etimológicas de formação das palavras.

*Quadro 3.* Unidades lexicográficas diferentes em relação ao significante

<b>português</b>	<b>espanhol</b>	<b>francês</b>	<b>inglês</b>	<b>italiano</b>
fechado	cerrado	fermé	chiuso	close(d)
copo	vaso	verre	glass	bicchiere

*Fonte:* Elaborado pelo autor.

No Quadro 3, evidenciam-se casos em que os equivalentes tradutórios apresentam o conteúdo semântico podendo ocorrer em mesmos contextos de uso, entretanto, seus significantes demonstram diferentes origens, talvez, seja o conjunto que cause mais dificuldade para que o vocabulário seja adquirido pelos interessados (estudantes ou profissionais). O escopo, neste estudo, é trazer à luz as semelhanças na forma das lexias que preservam um mesmo conteúdo semântico, além de apontar para possíveis diferenças a fim de que os leitores deste trabalho possam direcionar sua atenção às línguas de interesse.

Considerando-se a formação das palavras, há exemplos de derivação prefixal e sufixal (nos Quadros 4, 5 e 6) que contribuem para que estudantes dessas línguas possam relacioná-las como cognatos verdadeiros – equivalentes linguísticos que apresentam um mesmo significado em um dado contexto – (SABINO, 2011, p. 9-10), assim, ampliando seu vocabulário.

*Quadro 4.* Unidades lexicográficas iniciadas por prefixos latinos (RE- e INTER-)

<b>português</b>	<b>espanhol</b>	<b>Francês</b>	<b>inglês</b>	<b>italiano</b>
reanimado	reanimado	Réanimé	reanimated	rianimato
internacional	internacional	International	international	internazionale

*Fonte:* Elaborado pelo autor.

*Quadro 5.* Unidades lexicográficas iniciadas por prefixos gregos (ANTI- e PARA-)

<b>português</b>	<b>espanhol</b>	<b>Francês</b>	<b>inglês</b>	<b>italiano</b>
antipático	antipático	Antipathique	antipathetic	antipatico

paralisia                  paralisis                  Paralyisie                  paralysis                  paralisi

*Fonte:* Elaborado pelo autor.

Indubitavelmente, o conhecimento sobre a formação das palavras contribui para sua compreensão, assim, reconhecer afixos, comumente usados nessas línguas, favorece o processo de ensino e aprendizagem de seus estudantes, bem como a busca pela equivalência tradutória, a qual, em um primeiro momento, pode ocorrer pela aproximação a um pretenseo significativo equivalente, que será confirmada posteriormente, em contexto de uso. Dentre os exemplos, fica evidente que a língua portuguesa se aproxima mais do espanhol e se distancia mais ora do inglês (*reanimated*) ora do francês (*antipathique*).

Além dos prefixos, destacam-se também o contraste entre as línguas a partir de sua formação sufixal (Quadro 6).

*Quadro 6.* Unidades lexicográficas substantivas formadas pela sufixação latim-grego (-ARIUS, -TOR e -TIO)

<b>português</b>	<b>espanhol</b>	<b>Francês</b>	<b>inglês</b>	<b>italiano</b>
carvoeiro	carbonero	Charbonnier	coalman	carbonaio
distribuidor	distribuidor	Distributeur	distributor	distributore
educação	educación	Education	education	educazione

*Fonte:* Elaborado pelo autor.

Essas relações propostas nos Quadros 4, 5 e 6 não abarcam a totalidade dos afixos, apenas nos permitem observar algumas semelhanças e possíveis influências entre os sistemas linguísticos. Para otimizar os estudos e o processo tradutório, é importante habituar-se a reconhecer o significado dos itens lexicais a partir de seus prefixos e sufixos, além de sua posição nas sentenças.

Somando-se à introdução de afixos greco-latinos, que deram origem a inúmeras lexias, a criação lexical também se faz produtiva pela inserção de empréstimos (que não serão abordados neste trabalho), sendo que a evolução semântica, que tende a acontecer no decorrer do tempo, vem se somar às mudanças no significado das lexias, assim, contribuindo para o nascimento de novos itens lexicais.

Muitas dessas unidades lexicais (em língua portuguesa) vieram de um processo de derivação – prefixal e/ou sufixal –, de um retorno às origens – por exemplo, grega ou latina – ou ainda por empréstimos de outras línguas. Essa mesma formação também ocorre em outras línguas, assim, colocá-las em paralelo contribui para entendermos melhor a língua materna do consulente brasileiro, bem como aquelas estrangeiras em análise.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Neste breve capítulo, pretendeu-se levar o leitor a uma constatação e a uma reflexão acerca das semelhanças e diferenças, sobretudo, morfológicas entre cinco línguas, convidando-o a pensar sobre sua prática e seus interesses linguísticos. Discutiui-se, inicialmente, alguns pontos de encontro entre os sistemas linguísticos. Em seguida, foram ressaltadas breves questões conceituais referentes ao léxico, ao dicionário, à morfologia e à gramaticalização. Por fim, a título de exemplificação, foram propostas algumas unidades lexicográficas, colocando-as em paralelo a fim de tecer uma rápida análise sobre a importância de serem comparadas para a ampliação vocabular dos interessados nessas línguas.

Ressalta-se ainda que o dicionário não deve ser visto como uma elementar descrição (lingüística), nem somente um convite para explorá-lo aleatoriamente. Na verdade, o dicionário precisa ser considerado como um fenômeno verbal complexo, um instrumento de registro de movimentos sócio-histórico-culturais via itens lexicais repletos de significados e conceitos.

Espera-se que este capítulo possa ter motivado os interessados nas línguas espanhola, francesa, inglesa, italiana e/ou portuguesa (variante brasileira) a observar mais detidamente suas semelhanças, não descuidando de suas diferenças, pois, assim, o léxico dos cinco sistemas linguísticos deste estudo poderá ser ampliado por leigos e profissionais.

## REFERÊNCIAS

- AVOLIO, J. C.; FAURY, M. L. *MICHAELIS: Dicionário Escolar Francês*. 2. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.
- BIDERMAN, M. T. C. *A estrutura mental do léxico*. Estudos de Filologia Linguística. São Paulo: Queiroz/EDUSP, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Léxico e vocabulário fundamental*. *Alfá*, São Paulo, v.40, p.27-46, 1996.
- BORBA, F. S. Organização de dicionários: uma interpretação à lexicografia. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.
- CASARES, J. *Semântica e Lexicografia*. Tradução de Balbina Lorenzo Feijóo-Hoyos. Alfa, São Paulo, n. 28, p. 71-101. 1984.
- COROA, M. L. *Para que serve um dicionário?* São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.11a*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. (versão eletrônica).
- FIORIN, J. L. *Norma e Dicionário*. In: ZAMBONIM, D. J. (org.). Estudos sobre Lexicografia. Ano VII, n.1. Araraquara: UNESP, 1993. p. 93-104.
- HOUAISS, A. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Versão 1.0. Editora Objetiva, 2009.
- MARCHEZAN, R. C.; CORTINA, A. *Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito*. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.
- MICHAELIS. *Dicionário Escolar Espanhol*. 2. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário Escolar Inglês*. 2. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.
- POLITO, A. G. *MICHAELIS: Dicionário Escolar Italiano*. 2. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.
- OXFORD ENGLISH DICTIONARY. *Oxford learner's dictionaries*. Disponível em: <[https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/american\\_english/akimbo](https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/american_english/akimbo)> . Acesso em: 30 mar. 2021.
- PORTO DAPENA, J. Á. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Gredos, 2002.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA DE LA LENGUA. *Sítio Web de la Real Academia Española de la Lengua*. Disponível em: <<https://dle.rae.es/friolero>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

ROBERT. *Le Petit Robert*. Disponível em: <<https://dictionnaire.lerobert.com/definition/depaysement>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SABINO, M. A. Dicionário italiano-português de “falsos cognatos” e “cognatos enganosos”: subsídios teóricos e práticos ao ensino/aprendizagem de línguas, à lexicografia pedagógica e à tradução. São Paulo: Editora Unesp, 2011. ISBN 9788539302123 Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/113689>>.

TRECCANI. *Vocabolario della lingua italiana*. Disponível em: <<https://www.treccani.it/vocabolario/culaccino/>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

VILELA, M. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.

ZAVAGLIA, C. *Sistematização crítica em Lexicografia e Lexicologia*. 92f. Tese (Livre-docência em Lexicologia e Lexicografia) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.



# *CACHAÇA, CERVEJA E CONHAQUE* : FOTOGRAFANDO O LÉXICO DOS SINAIS DAS BEBIDAS EM SÃO LUÍS-MA

Oséias de Queiroz Santos

José de Ribamar Mendes Bezerra

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

São inúmeros os estudos que descrevem a língua como um produto cultural, carregando consigo elementos identitários de um grupo de falantes. Assim sendo, dentre os níveis linguísticos existentes, o campo lexical é o que mais revela as ideias e a forma de pensamento de um povo.

Dessa maneira, considerando as crescentes pesquisas nos campos de estudo do léxico, têm-se a lexicologia e a lexicografia como importantes disciplinas científicas que irão embasar este trabalho. Logo, cabe a esses ramos da linguística, de modo geral, estudar o acervo lexical de uma determinada comunidade de falantes, que representam o conjunto de palavras, vocábulos e expressões pertencentes à dada língua.

Na Libras, no que se refere a trabalhos voltados a esses estudos científicos, observa-se a necessidade de mais pesquisas descritivas com embasamento teórico na área, pois, embora se tenha inúmeros registros de sinais dessa língua em vídeos e apostilas, são compilações elaboradas por não-linguistas, sendo, portanto, não fundamentadas em critérios técnico-científicos desse campo de estudo da linguística, e, portanto, não são suficientes para descrever e analisar o léxico da língua com o rigor científico. Assim, o presente trabalho objetiva responder ao seguinte questionamento: existe um número expressivo de sinais utilizados pelos usuários da Libras que representam o léxico das bebidas?

Deste modo, este trabalho visa a apresentar o glossário resultante da pesquisa sobre a variedade lexical da Língua de sinais brasileira a partir dos estudos da Lexicologia e lexicografia. Dessa forma, tem como objetivo

apresentar um recorte do léxico das bebidas por meio de um glossário com os sinais para *cachaça*, *cerveja* e *conhaque*.

Assim sendo, com base na perspectiva teórico-metodológica das pesquisas na área das ciências do léxico, o trabalho visa a contribuir para o conhecimento e compreensão da realidade sócio-linguístico-cultural dos usuários da língua de sinais em São Luís do Maranhão.

Logo, a pesquisa leva em conta os sinais utilizados pelos usuários da língua de sinais brasileira que, representam o acervo lexical das bebidas, pretendendo ver como essas lexias se configuram e por fim registrá-las para a preservação do rico patrimônio da cultura maranhense.

Quanto a divisão estrutural do trabalho, este está organizado da seguinte forma: o primeiro tópico aborda a fundamentação teórica do trabalho, focando nas disciplinas que subsidiaram o estudo e contribuíram para a metodologia da pesquisa. Os estudos abordam as pesquisas sobre o léxico, focando na lexicologia e lexicografia, com as pesquisas de Biderman (1981) e Barbosa (1995); e posteriormente, os estudos de Quadros e Karnnop (2004) a respeito da Libras. Posteriormente apresenta-se os procedimentos metodológicos da pesquisa e, por fim, o glossário com os sinais catalogados.

## LÉXICO – UMA VISÃO DE MUNDO

Se tratando de um produto cultural, a língua reflete os costumes e valores pertencentes a uma sociedade, pois, ao passo em que as relações sociais são desenvolvidas, os falantes cristalizam suas experiências através do léxico. Desde os tempos mais antigos até os dias atuais, observa-se uma relação mútua entre língua e sociedade. Logo, se de um lado há a necessidade de uma língua para que haja interação e comunicação entre povos, do outro, há a necessidade de um povo para que esta língua exista. Consequentemente, nessa relação bilateral, “os costumes de uma nação têm repercussão na língua e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a Nação” (SAUSSURE, 2012, p. 53).

Essa relação indissociável entre língua, cultura e sociedade é bastante estudada e vista em diferentes enfoques por estudiosos tanto da linguagem

quanto das ciências sociais e antropológicas que, por sua vez, se complementam e sustentam a ideia dessa forte conexão inseparável.

Assim sendo, entendemos a língua como um organismo vivo, heterogêneo e um produto social que deve ser estudado a partir das significações em que os falantes atribuem e na forma que estruturam o sistema linguístico. Para a melhor compreensão dos estudos linguísticos, faz-se necessário compreender as disciplinas Lexicologia e Lexicografia que, fazem parte das ciências do léxico, e subsidiaram o trabalho quanto a delimitação desta pesquisa, a fim de contribuir tanto para a sistematização e compreensão dos campos de estudo do léxico, quanto dos procedimentos metodológicos necessários para a elaboração do glossário resultante deste trabalho.

## AS CIÊNCIAS DO LÉXICO – A LEXICOLOGIA E A LEXICOGRAFIA EM FOCO

A lexicologia, sendo a primeira ciência que compõe as *ciências do léxico*, pode ser entendida como ramo da linguística que é responsável pelo estudo científico e sistemático do léxico. Biderman (2001, p.16) afirma que são de domínio dos estudos lexicais a análise da “palavra”, da “categorização lexical” e a “estruturação do léxico”.

Segundo Coseriu (1979, p. 23), a lexicologia é:

[...] Ramo da linguística que estuda a estrutura do vocabulário da língua, sua composição, variedade, origem, mudanças históricas e adaptação às condições sociais da comunidade respectiva. Na lexicologia clássica se parte da palavra, comunidade natural das línguas naturais, modernamente esta disciplina estuda a estrutura interna dos vocábulos; por exemplo: a análise componencial, suas regras de subcategorização e de inserção no marco oracional e suas modalidades morfológicas a partir de entidades subjacentes como os lexemas.

Assim, pode-se compreender que a lexicologia estuda o léxico de uma determinada língua sob diferentes perspectivas, levando em conta o contexto de uso em que é empreendida à unidade lexical e seus elementos culturais intrínsecos. Na concepção de Biderman (1981), esse ramo da

linguística está ligado a semântica por estudar o léxico sob a dimensão significativa em que é atribuída por seus falantes, presentes em todos os níveis linguísticos.

Xavier e Mateus, (1992, p. 227) apontam que seu campo de atuação envolve o:

Estudo teórico do vocabulário nos seus múltiplos aspectos como frequência, distribuição, conteúdo, autonomia ou dependência de uma gramática. De modo geral, a lexicologia incorpora no seu domínio todos os processos de derivação. Na lexicologia são utilizadas várias metodologias que representam diferentes tendências como a lexicologia estatística, a lexicologia estrutural e descritiva, a histórica, a social.

Portanto, no universo lexical presente em uma língua natural, há o compartilhamento de unidades lexicais que são acessíveis a todos os usuários da língua. Essas unidades significativas são objetos de estudo da Lexicologia que, foram estudadas pelo linguista francês Bernard Pottier (1973, p. 26), denominadas “lexias” – unidades lexicais memorizáveis. Assim, os estudiosos desconsideram o termo “palavra”, por apresentar ambiguidades quanto ao seu uso e por não ter os requisitos do rigor científico necessário (BIDERMAN, 1984b, p. 144).

A segunda ciência que trabalha com as unidades lexicais é a lexicografia, que investiga às “técnicas do labor dicionarístico” (ISQUERDO; KRIEGER, 2004, p. 12). Assim, a lexicografia se destina a elaboração de obras lexicográficas, análise de dicionários já existentes, dos estudos teóricos e metodológicos para sua estruturação e o debate sobre os principais problemas relacionados a sua produção. Sendo assim, tem por finalidade a estruturação e descrição das palavras; e a elaboração de informações sobre as palavras.

Logo, de modo geral, seu campo de atuação objetiva descrever e compilar o léxico tendo por base o discurso de uma comunidade linguística. Como ciência, investiga também as unidades lexicais constituintes do sistema, assim como a lexicologia, porém, com foco na sistematização e ordenamento do acervo lexical em obras lexicográficas.

Nessa perspectiva, existem formas de classificação dos repertórios lexicográficos. Para Barbosa (1995, p. 2), quanto a categoria, temos os

dicionários, vocabulários e os glossário, que são utilizados para descrever o léxico, porém, cada um com suas particularidades. Portanto, para este trabalho, o glossário é a obra lexicográfica que mais se enquadra, pois, leva em consideração as lexias pertencentes a único contexto de uso, baseados no nível da fala/sinalização, e é representativo do contexto social.

## OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A língua brasileira de sinais – doravante Libras – é um sistema linguístico natural e complexo que possibilita a interação e a comunicação entre seus usuários. Logo, atualmente, são crescentes as pesquisas que a descrevem como sendo uma língua, pois, dentro de uma concepção histórica, surgiu a partir de uma necessidade comunicativa, carregando consigo elementos identitários de um povo. Brito (1998, p. 19) faz a seguinte afirmação sobre se considerar línguas de sinais como naturais:

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.

Há muito tempo se discute o estatuto das Línguas de Sinais – línguas utilizadas, principalmente, por surdos ao redor do mundo. Na atualidade, consolidou-se a estes sistemas o título de línguas, inclusive aqui no Brasil. Grandes pesquisadores da área, como Ferreira-Brito (1982, 1995) e Quadros & Karnopp (2004) se propuseram a analisar a Libras com um enfoque linguístico; estas últimas se fundamentaram nas pesquisas da teoria gerativista do Chomsky. Porém, sabe-se que as Línguas de Sinais só passaram a ser reconhecidas dessa maneira em 1960, com os estudos do americano William Stokoe que analisou a composição da *American Sign Language* – ASL<sup>1</sup> e, ao perceber que esta era formada por meio da

---

<sup>1</sup> Em tradução livre: Língua americana de sinais.

combinação de unidades menores isoladamente sem significado, publicou o resultado de sua pesquisa, descrevendo a estrutura desta língua visual espacial. Posteriormente, a análise feita por Stokoe serviu para legitimar o *status* linguístico de todas as Língua de Sinais, incluindo a Libras. Independentemente da modalidade linguística (espaço-visual ou oral-auditiva), as línguas apresentam como aspectos estruturais: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática.

Quanto a composição de unidades menores que, juntas, formam o sinal, Stokoe percebeu a existência de parâmetros internos ao sistema linguístico, definidos como parâmetros principais, que são as menores unidades com significado, tais como: *configuração de mão (CM)*, sendo a forma como a mão se apresenta no momento de realização do sinal; a *locação (L)*, que representa o local onde o sinal é articulado; o *movimento (M)*, que representa uma vasta rede de formas e direções, desde movimentos internos das mãos, do pulso, e até os movimentos direcionais no espaço. Posteriormente aos estudos de Stokoe, foram identificados mais dois parâmetros, descritos por Quadros e Karnopp (2004), que são: a *orientação das mãos (OR)*, que é forma como a palma da mão é apresentada no momento de realização do sinal; e as *expressões não-manuais (ENM)* – expressões faciais e corporais. Assim, as possibilidades de formação de um sinal são derivadas da combinação desses parâmetros, que, caso modificados, alteram o significado do signo linguístico.

Logo, o termo *sinal* é uma unidade lexical sinalizada que, nas línguas orais equivale a *palavra*. Assim, Faulstich (2014) apresenta, com base no glossário sistêmico de léxico terminológico, o conceito de sinal: “Sinal. 1. Sistema de relações que constitui de modo organizado as línguas de sinais. 2. Propriedades linguísticas das línguas dos surdos. Nota: a forma plural – sinais- é a que aparece na composição língua de sinais. Termo. Palavra simples, palavra composta”. Segue abaixo o exemplo do sinal de *cachaça*, exemplificando os parâmetros fonológicos apresentados.

Figura 1: Parâmetros Fonológicos



Fonte: O autor

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho configura-se como uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva, objetivando fazer um recorte lexical a partir da pesquisa com indivíduos do município de São Luís. Tendo em vista que esta pesquisa se configura de carácter lexicológica, adotamos a metodologia fundamentada na perspectiva de campo da sociolinguística (TARALLO, 1995), aplicada as pesquisas das ciências do léxico.

O município escolhido, São Luís, é a capital do estado do Maranhão. Possuindo uma população bastante miscigenada, este, por sua vez, foi escolhido como *locus* desta pesquisa por ser um município bastante populoso o que é resultado de uma construção histórica da mistura de povos, sendo este trabalho uma forma de descrever a diversidade linguística existente, além de ressaltar a cultura maranhense por meio de uma obra lexicográfica.

Assim sendo, o trabalho se propõe a elaborar um glossário a partir das lexias utilizadas pelos usuários da Libras que corresponde aos sinais do campo semântico bebidas, com um recorte para *cachaça*, *cerveja* e *conhaque*, por ser uma área pouco estudada por linguistas no Maranhão. Logo, de modo geral, utilizou-se os seguintes parâmetros metodológicos, a saber: pesquisa bibliográfica; seleção de materiais para análise; análise da

teoria das ciências do léxico; elaboração dos instrumentos de pesquisa; pesquisa de campo; levantamento e preenchimento dos dados em fichas; registro dos dados e organização do glossário com o corpus obtido; e redação da pesquisa.

O *corpus* deste trabalho foi constituído por textos sinalizados, por meio de entrevistas feitas no local de maior comodidade dos informantes, como: bares, restaurantes, na própria casa de alguns informantes e na Associação de Surdos do Maranhão - ASMA. Foram feitas ao todo 10 entrevistas, sendo oito entrevistas com informantes homens e duas entrevistas com informantes mulheres que, em conversa livre, e com a ajuda de réalias, foram mediadas por um questionário estruturado, de forma que estes apresentassem os sinais para as denominações investigadas da maneira mais espontânea possível. Quanto ao *corpus* de referência adotado, utilizaram-se obras lexicográficas que deram suporte na recolha dos sinais já registrados, coletados nos respectivos dicionários: “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos”, de CAPOVILLA (2017); e o “Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez”, de HONORA e FRIZANCO (2009).

Os informantes participantes desta pesquisa foram escolhidos com base em critérios rigorosos de seleção, e que são representativos do município estudado, que são: indivíduos surdos; usuários da língua brasileira de sinais; homens e mulheres; maiores de 18 anos; fazer ingestão de bebidas alcoólicas; localidade - morar em São Luís. Assim, organizou-se os campos conceituais concomitantemente a recolha do *corpus*, com um total de 15 sinais catalogados.

Quanto a estruturação do glossário, no tocante a macroestrutura, adotou-se na elaboração o procedimento de pesquisa semasiológico, estruturado a partir de redes semânticas, distribuídas em ordem alfabética por campos conceituais. E já microestrutura da obra, utilizou-se o modelo proposto por Prometi (2013), voltado à Libras, com base no modelo elaborado por Faulstich (1990), porém, adaptado às necessidades da pesquisa:



**VERBETE** = ENTRADA + REFERÊNCIAS GRAMATICAIIS + INDICAÇÃO DE DICIONARIZAÇÃO ± DEFINIÇÃO ± CONTEXTO DE USO + ILUSTRAÇÕES + SINAL + DESCRIÇÃO FONOLÓGICA.

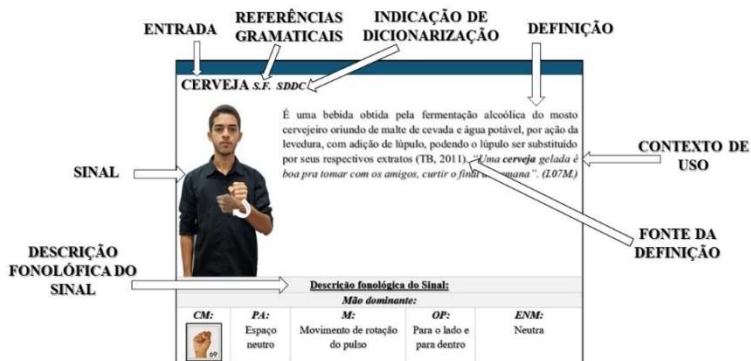
Quanto a estrutura do verbete, utilizou-se as seguintes siglas: *S.M.* = Substantivo masculino; *S.F.* = Substantivo feminino; *SDDC* – sinal dicionarizado em Capovilla (2017); *SDHF* – sinal dicionarizado em Honora e Frizanco (2009); *SND* – sinal não dicionarizado; *ABIR, 2019* – Catálogo da Associação Brasileira das Indústrias de Refrigerantes e de Bebidas Não Alcoólicas; *MAPA, 2019* – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; *TB 2011* – Tecnologia de bebidas de Lima; *I.O.I.M.* – Informante, número do informante, sexo; *CM* – Configuração de mão; *PA* – Ponto de articulação; *M* – Movimento; *OP* – Orientação da palma; e *ENM* – Expressões não manuais.

A figura abaixo apresenta a estrutura do verbete<sup>2</sup> e sua organização:

*Figura 1* – Estrutura do verbete

---

<sup>2</sup> Para melhor compreensão dos itens lexicais apresentados, utilizou-se a imagem das configurações de mãos dos sinais evidenciados, tendo como referência a tabela de configurações de mãos do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES (2014), que conta com setenta e nove CM. Disponível em: <http://charles-libras.blogspot.com/2014/10/configuracoes-de-mao.html/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

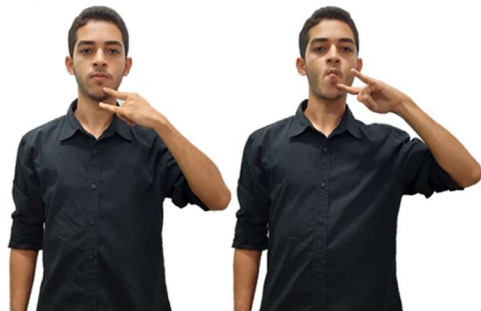


Fonte: O autor

## GLOSSÁRIO DO LÉXICO DAS BEBIDAS

### Cachaça


**CACHAÇA S.F. SDDC**



É uma bebida com denominação típica e exclusiva da aguardente de cana produzida no Brasil, com graduação alcoólica de trinta e oito a quarenta e oito por cento em volume, a vinte graus Celsius, obtida pela destilação do mosto fermentado do caldo de cana-de-açúcar (MAPA, 2019). *“Não se pode tomar muito rápido a cachaça, senão fica bêbado mais rápido.”* (L03M)

Descrição fonológica do Sinal:

Mão dominante:

<b>CM:</b>  61	<b>PA:</b> Queixo	<b>M:</b> Semicircular	<b>OP:</b> Para baixo e para frente	<b>ENM:</b> Bochechas contraídas
--	----------------------	---------------------------	--	-------------------------------------

## Marcas

### PITÚ S.F. SND





#### Descrição fonológica do Sinal:

<i>Mão dominante:</i>					<i>Mão não dominante:</i>				
<i>CM:</i>	<i>PA:</i>	<i>M:</i>	<i>OP:</i>	<i>ENM:</i>	<i>CM:</i>	<i>PA:</i>	<i>M:</i>	<i>OP:</i>	<i>ENM:</i>
 45	Espaço neutro	-	Para o lado	Neutra	 46	Ponta dos dedos	Semicircular	Para baixo	Neutra

### 51 S.F. SND



#### Descrição fonológica do Sinal:

<i>Mão dominante:</i>				
<i>CM:</i>	<i>PA:</i>	<i>M:</i>	<i>OP:</i>	<i>ENM:</i>
 32  68	Espaço Neutro	-	Para o lado e para dentro.	Neutra

## YPIÓCA S.F. SND



### Descrição fonológica do Sinal:

#### *Ambas as mãos:*

**CM:**



**PA:**

Espaço neutro

**M:**

Bidirecional  
inclinado

**OP:**

Para  
baixo

**ENM:**

Neutra

## Cerveja

### CERVEJA S.F. SDDC



É uma bebida obtida pela fermentação alcoólica do mosto cervejeiro oriundo de malte de cevada e água potável, por ação da levedura, com adição de lúpulo, podendo o lúpulo ser substituído por seus respectivos extratos (TB, 2011). *“Uma cerveja gelada é boa pra tomar com os amigos, curtir o final de semana”.* (I.07M)

### Descrição fonológica do Sinal:

#### *Mão dominante:*

**CM:**



**PA:**

Espaço  
neutro

**M:**

Movimento de rotação  
do pulso

**OP:**

Para o lado e  
para dentro

**ENM:**

Neutra


## Marcas

### ANTÁRTICA S.F. SND



#### Descrição fonológica do Sinal:

*Mão dominante:*


<b>CM:</b>	<b>PA:</b>	<b>M:</b>	<b>OP:</b>	<b>ENM:</b>
	Espaço neutro	Rotação do pulso	Para frente	Neutra

### BRAHMA S.F. SND



#### Descrição fonológica do Sinal:

*Mão dominante:*


<b>CM:</b>	<b>PA:</b>	<b>M:</b>	<b>OP:</b>	<b>ENM:</b>
	Espaço neutro	Bidirecional, retilíneo inclinado.	Para frente	Neutra

## HEINEKEN S.F. SND



### Descrição fonológica do Sinal:

#### *Mão dominante:*


<b>CM:</b> 	<b>PA:</b> Espaço neutro	<b>M:</b> Semicircular, girando o pulso.	<b>OP:</b> Para o lado	<b>ENM:</b> Neutra
---	-----------------------------	---	---------------------------	-----------------------

## SKOL S.F. SND



### Descrição fonológica do Sinal:

#### *Mão dominante:*


<b>CM:</b> 	<b>PA:</b> Frente do pescoço	<b>M:</b> Circular	<b>OP:</b> Para dentro	<b>ENM:</b> Neutra
---	---------------------------------	-----------------------	---------------------------	-----------------------

## ITAIPAVA S.F. SND



### Descrição fonológica do Sinal:

#### *Mão dominante:*

<b>CM:</b>	<b>PA:</b>	<b>M:</b>	<b>OP:</b>	<b>ENM:</b>
 65	Espaço neutro	Retilíneo, bidirecional inclinado	Para frente	Neutra



## MAGNÍFICA S.F. SND



### Descrição fonológica do Sinal:

#### *Mão dominante:*

#### *Mão não dominante:*

<b>CM:</b>	<b>PA:</b>	<b>M:</b>	<b>OP:</b>	<b>ENM:</b>	<b>CM:</b>	<b>PA:</b>	<b>M:</b>	<b>OP:</b>	<b>ENM:</b>
 67	Espaço neutro	Retilíneo, Bidirecional.	Para o lado	Neutra	 02	Espaço neutro	-	Para baixo	Neutra

## SCHIN S.F. SND



### Descrição fonológica do Sinal:

#### *Mão dominante:*

**CM:**



**PA:**  
Têmpora

**M:**  
Semicircular

**OP:**  
Para frente

**ENM:**  
Neutra

## SKOL S.F. SND



### Descrição fonológica do Sinal:

#### *Mão dominante:*

**CM:**



**PA:**  
Frente do pescoço

**M:**  
Circular

**OP:**  
Para dentro

**ENM:**  
Neutra



# Conhaque


## CONHAQUE S.M. SND




É uma bebida decorrente da destilação de vinho, geralmente contendo cerca de 40–60% de graduação alcoólica por volume. (TB, 2011). “Essa bebida o **conhaque** tem um cheiro muito forte”. (I02F.)

### Descrição fonológica do Sinal:

#### Mão dominante:

CM:	PA:	M:	OP:	ENM:
	Antebraço	Retilíneo, unidirecional	Para baixo	Neutra

#### Mão não dominante:


CM:	PA:	M:	OP:	ENM:
	Espaço neutro	-	Para baixo	Neutra

## DOMUS S.M. SND




### Descrição fonológica do Sinal:

#### Mão dominante:

CM:	PA:	M:	OP:	ENM:
	Espaço neutro	Retilíneo, bidirecional	Para baixo	Neutra

#### Mão não dominante:

CM:	PA:	M:	OP:	ENM:
	Espaço neutro	-	Para baixo	Neutra

SÃO JOÃO DA BARRA S.M. SND									
									
Descrição fonológica do Sinal:									
Mão dominante:					Mão não dominante:				
CM:	PA:	M:	OP:	ENM:	CM:	PA:	M:	OP:	ENM:
 02	Antebraço	Retilíneo, bidirecional	Para baixo	Neutra	 09	Espaço neutro	-	Para baixo	Neutra

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, a partir das concepções acerca dos estudos lexicais e, entendendo a língua como um sistema heterogêneo e em constante evolução, este trabalho objetivou contribuir para o conhecimento e a compreensão da realidade linguístico-cultural dos usuários da língua brasileira de sinais em São Luís do Maranhão. Logo, teve como objetivo principal apresentar os resultados do estudo linguístico em questão através de um glossário semântico lexical do léxico das bebidas, a partir da catalogação das lexias utilizadas pelos usuários da Libras.

Sendo assim, observa-se que dos quinze sinais coletados, apenas dois encontram-se dicionarizados, que são os sinais de *cachaça* e *cerveja*, o que representa 18% dos sinais. Logo, a pesquisa comprova que existe um número expressivo de sinais que ainda faltam ser estudados e catalogados. Portanto, a maior parte dos sinais encontrados (13 sinais) não são registrados, correspondendo a 82% dos sinais pesquisados. Daí, a importância deste trabalho de investigar e registrar esse universo linguístico que faz parte do cotidiano dos usuários da Libras.

Por fim, com este estudo preliminar que objetivou apenas fazer um recorte de uma pequena parcela do universo lexical da língua brasileira de sinais, espera-se que esta pesquisa científica motive a realização de novos

trabalhos que envolvam a Libras, pois, assim como as línguas orais auditivas, é também uma língua natural e possui os mesmos constituintes linguísticos. Portanto a pesquisa certamente contribuirá para os registros e estudos científicos dos campos lexicais da Libras no Maranhão, ressaltando a preservação desse rico patrimônio da população local.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. A. *Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas*. Revista Brasileira de Linguística, São Paulo, v. 8, 1995.
- BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. In:\_\_\_\_\_. QUEIROZ, T. A. (Ed.). *Estudos de filologia e linguística*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Glossário*. Alfa: Revista de Linguística. São Paulo: UNESP, n. 28 (supl.), 1984b.
- \_\_\_\_\_. As Ciências do Léxico. In:\_\_\_\_\_. Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande. Ed. UFMS, 2001.
- BRITO, L. F. et. al. *Língua Brasileira de Sinais-Libras*. In:\_\_\_\_\_. (Org.) BRASIL, Secretaria de Educação especial. Brasília: SEESP, 1998.
- CAPOVILLA, F. C. et al. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos*. São Paulo: Edusp, 2017.
- COSERIU, E. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença USP, 1979.
- FAULSTICH, E. Metodologia para projeto terminográfico. Brasília, 1990.
- HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. *Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultura, 2009.
- ISQUERDO, A.N.; KRIEGER, M. G. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.
- POTTIER, B. *Estruturas linguísticas do português*. Trad. Albert Audubert e Cidmar Pais. São Paulo: Difusão Europeia do Livro; 1973.

PROMETI, R. D. *Glossário bilíngue da língua de sinais brasileira: Criação de sinais dos termos da música*. Brasília, 2013. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1995.

XAVIER, M. F. e Mateus, M. H. (orgs.) 1992. *Dicionário de Termos Linguísticos, Volume II*. Lisboa: Edições Cosmos.

**RAIO, RELÂMPAGO E TROVÃO: VARIAÇÃO  
SEMÂNTICO-LEXICAL ENTRE SALVADOR E CURITIBA  
NOS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL  
(ALIB)**

Genivaldo da Conceição Oliveira

INTRODUÇÃO

O léxico de uma língua é entendido, de forma geral, como o conjunto de todas as palavras que dela fazem parte. Correia e Almeida (2012) consideram que a quantificação do léxico se estabelece com um sem-número de problemas e de questões de difícil resposta. Estas autoras usam palavra e unidade lexical como expressões sinônimas, embora comentem que não o são em sentido estrito. Para elas, a palavra típica corresponde, no discurso escrito, a uma sequência de caracteres delimitados por espaços em branco, ou seja, a palavra gráfica. Contudo, as palavras de uma língua assumem outras formas uma vez que há unidades lexicais de dimensão maior que a palavra gráfica, isto é, os compostos sintáticos, como *casa de saúde* ou *sala de jantar*. Correia e Almeida (2012) exemplificam este ponto com locuções que, segundo elas, podem ser preposicionais como *por cima de*, conjuncionais como *visto que*, pronominais *eu mesmo(a)* e adverbiais *de cor*. O léxico de uma língua também se constitui de unidades de dimensão menor que a palavra gráfica, as chamadas unidades infralexicais. Estas unidades podem ser de significado lexical, as raízes, e podem também ser unidades infralexicais de significado gramatical ou instrucional, os afixos. As primeiras não são unidades autônomas e não apresentam padrão flexional e podem ocorrer apenas como elementos de construção de outras palavras como *psic-* e *metr-*. Os afixos – sufixos e prefixos para o português – têm apenas significado gramatical e podem se associar a unidades de significado lexical para construir novas palavras. Henriques (2011) ratifica o

conceito trazido por Correia e Almeida ao afirmar que o léxico é o conjunto das palavras de uma língua, as quais também podemos chamar de lexias. As lexias são unidades de características complexas cuja estruturação enunciativa é interdependente, isto é, sua textualização no tempo e no espaço segue certas combinações. O léxico de cada língua é um acervo rico e dinâmico, que inclui a totalidade das palavras como as preposições, conjunções e interjeições, bem como os neologismos, regionalismos, envolvendo terminologias e gírias, além de expressões idiomáticas e palavrões. Por conta disso, Henriques afirma que nem mesmo o melhor dos lexicólogos conseguiria enumerá-lo. A Lexicologia é, portanto, uma disciplina que estuda o léxico e a sua organização se dá a partir de pontos de vista diversos.

Neste trabalho, analisamos o léxico fornecido pelos informantes referente às questões 8, 9 e 10 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) no que tange duas capitais brasileiras, Salvador e Curitiba. Escolhemos este recorte entre dois estados, Bahia e Paraná, respectivamente, que não apresentam contiguidade geográfica e possuem modos diferentes de povoamento para investigar se o léxico referente aos fenômenos atmosféricos *raio*, *relâmpago* e *trovão* apresenta mais homogeneidade ou heterogeneidade.

## O LÉXICO E SUA EXPRESSÃO CULTURAL

Estudar uma língua é estudar também sua cultura. O sistema linguístico, principalmente no seu nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais de uma sociedade. Isquierdo (2001) considera que no exame de um léxico regional analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer. Essa perspectiva de análise favorece uma compreensão melhor do próprio homem e da sua maneira de ver e de representar o mundo.

A dificuldade de analisar o léxico de uma língua ocorre porque o léxico é um sistema aberto, diferente dos demais domínios linguísticos como a sintaxe, morfologia e fonologia, e por ser um sistema aberto em expansão não pode ser apreendido, nem descrito em sua totalidade.

Contudo, todo falante possui uma consciência intuitiva de uma unidade léxica, seja qual for sua língua materna embora a noção de palavra varie de acordo com o nível de consciência deste falante. Biderman (2001, p. 100) salienta que “o falante comum ficará muito surpreso ao saber que os linguistas não sabem definir a *palavra*, nem tampouco delimitá-la”.

Os termos *palavra* e *vocábulo* trazem equívocos e inexatidões. Por conta disto, linguistas criaram o termo lexema para designar a unidade léxica abstrata em língua, embora alguns autores façam distinções pessoais. Um exemplo que trazemos é o lexema *falar* que pode aparecer no discurso como *falei*, *falavam*, *falando* etc. Estas formas que aparecem no discurso são chamadas de lexias. Biderman (2001) contrasta o termo léxico a vocabulário. Ela define léxico como o acervo dos lexemas de uma língua ao passo que vocabulário é o conjunto das lexias registradas, por exemplo, em uma obra literária. O léxico do português exibe duas classes de lexemas. A primeira é chamada de formas livres e a segunda é chamada de formas dependentes. As formas livres no português são os substantivos, os adjetivos, os verbos. As formas dependentes são vocábulos-morfema como as preposições, os pronomes pessoais, os artigos, as conjunções, entre outras. Podemos, também, classificar as lexias em dois grupos: lexia complexa e lexia simples. Por conta da inconsistência de código escrito da língua portuguesa, Biderman (2001) diz que se vê obrigada a chamar de lexias complexas vocábulos como *bom dia*, *capa de chuva*, *dor de cabeça*, *mercado negro*, embora estas lexias sejam colocadas como entradas nos dicionários. Neste caso, o termo lexia simples fica reservado para as unidades que são grafadas como um único segmento.

A oscilação lexical é uma característica fundamental de todas as línguas já que a precisão do uso de uma palavra é apenas uma aproximação. A realização da palavra permite variantes fonéticas, semânticas e, às vezes, gráficas. No nível semântico, a variação é um fato ligado à região, ao tempo e até aos usuários. Todos os falantes testam frequentemente sua competência lexical em relação à da comunidade como um todo, referindo-se à língua ou como uma fração, referindo-se ao discurso. Carvalho (2001, p. 65-66) observa que, às vezes, “estes falantes testemunham uma competência lexical insuficiente: as criações lexicais funcionam para superar essa

deficiência”. Dessa forma, o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de determinado grupo.

### *Dialetologia e Sociolinguística – um olhar regional e social sobre o léxico*

A Dialetologia identifica, situa e descreve os usos diferentes em que a língua varia de acordo com sua disposição espacial, histórica e sociocultural. Respondendo a um pensamento mais amplo, Cardoso (2010, p. 27) afirma que:

O interesse pelo estudo da diversidade de usos da língua e a evidência de certa preocupação universal com as diferenças dialetais perpassam a história dos povos em todos os momentos, ora como simples constatação, ora como instrumento político, ora como mecanismo de descrição das línguas.

A variedade linguística depende de variedades geográficas ou diatópicas, bem como de variedades socioculturais ou diastráticas. As variedades diatópicas acontecem em um plano horizontal da língua e se originam dos dialetos ou falares locais, que se mostram por meio de uma linguagem aparentemente comum do ponto de vista geográfico. Estas variedades se distinguem em linguagem urbana e a linguagem rural. A linguagem urbana é influenciada por fatores culturais como a escola, meios de comunicação de massa e literatura e está mais próxima da linguagem comum. A linguagem rural é mais isolada e conservadora e vem desaparecendo com a chegada da civilização. Entretanto, a Dialetologia e a Geografia Linguística tem se empenhado em catalogar e analisar as particularidades linguísticas de comunidades rurais. As variedades socioculturais ou diastráticas surgem em um plano vertical dentro de uma comunidade urbana ou rural e podem estar atreladas a fatores relacionados ao falante – ou ao grupo a que pertence- ou à situação ou a ambos ao mesmo tempo.

Idade, sexo, raça (ou cultura), profissão, posição social, grau de escolaridade são alguns dos fatores que desencadeiam variedade linguística. Para Preti (2003), as variantes decorrentes de faixas etárias, considerando o



locutor adulto, restringem-se mais ao vocabulário. Para ele, a chamada linguagem jovem se refere a um vocabulário gírio, cujos limites são meio vagos. Este autor diz que a oposição entre a linguagem do homem e a linguagem da mulher pode indicar diferenças evidentes, sobretudo no léxico por conta de tabus morais. Contudo ele aponta que essa oposição vem perdendo sua significação, especialmente nas cidades grandes, porque os meios de comunicação de massa, o teatro, a transformação dos costumes e padrões morais têm exercido um papel nivelador expressivo. Outro fator é a profissão do indivíduo que funciona no campo da linguagem técnica em que os falantes usam um vocabulário condizente com sua atividade. Além disso, a posição social requer que o falante tenha um cuidado especial com a linguagem que usa visando ter destaque dentro do grupo em que atua. Preti (2003) afirma que a influência de todos esses fatores de diversidade linguística geralmente se acentuam mais no léxico, porém é expressiva na fonologia, mas diminuta na morfossintaxe.

Com base em Cardoso (2010), observamos que há duas características importantes na origem da Dialetoлогия independentemente do princípio metodológico usado. A primeira característica é o reconhecimento das diferenças ou das semelhanças que a língua transmite. Outra característica é o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades prefixados. A Dialetoлогия não pode desconsiderar fatores extralinguísticos, próprios do falante, da mesma maneira que não pode desconsiderar as implicações que estes fatores acarretam nos atos da fala. De maneira que idade, gênero, escolaridade e características socioculturais tornam-se elementos de pesquisa que convivem com a busca de identificação de áreas dialetais. Neste ponto, há uma confluência de propósitos entre a Dialetoлогия e a Sociolinguística, uma vez que ambas as disciplinas estudam a variação linguística. Portanto, os enfoques diatópico e sociolinguístico estão presentes tanto na Dialetoлогия quanto na Sociolinguística. Todavia, o que as distingue é a forma de tratar os fenômenos e a perspectiva que cada uma imprime à abordagem dos fatos linguísticos.

## A GEOGRAFIA LINGUÍSTICA E O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALIB) – MAPEAMENTO DO PORTUGUÊS DO BRASIL

As diferenças dialetais estão entre as observações mais comuns que os seres humanos fazem no dia a dia. Estas observações sobre a diversidade dialetal são tão comuns que é surpreendente que o estudo sistemático de dialetos só tenha começado na segunda metade do século XIX. Chambers e Trudgill (1994) descrevem as representações de áreas dialetais até a metade do século XIX como intuitivas e fortuitas. As primeiras tentativas de sistematizar a análise sobre diferenças dialetais surgiram como uma reação aos avanços da Filologia e outros estudos sobre as línguas. Com o desenvolvimento da Geografia Linguística (Geolinguística) pôde se criar uma base empírica sobre a qual se possam extrair conclusões a respeito da variedade linguística que ocorre em um lugar determinado. A Geolinguística é uma metodologia, ou seja, um conjunto de métodos para compilar de maneira sistemática as demonstrações das diferenças dialetais.

O desejo de mapear as diferenças dialetais no Brasil tem permeado os estudos linguísticos por muitas décadas. Em 20 de março de 1952, o decreto 30.643 determinava que um dos objetivos da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa era elaborar um atlas linguístico do Brasil<sup>1</sup>. A ideia de um atlas linguístico de abrangência nacional seria fornecer dados suficientes para possibilitar a delimitação de áreas dialetais a partir de amostras de fala coletadas e analisadas de maneira sistemática. Devido a uma série de dificuldades surgidas na época, o decreto não pôde ser cumprido e sua meta de elaborar o atlas não foi atingida. Por outro lado, trouxe uma consciência e estímulo para a sua criação.

Em 1996, retoma-se a ideia de construção de um atlas nacional com o surgimento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, durante o *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), quando se constituiu um comitê nacional para elaboração do atlas. Este

---

<sup>1</sup> Disponível em [<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html>]. Acesso: em 07/05/2021.

comitê, presidido pela Professora Doutora Suzana Cardoso da UFBA, conta com a participação de autores de atlas já publicados e em andamento. O ALiB documenta dados linguísticos no Brasil de Norte ao Sul, do Leste ao Oeste. O Atlas Linguístico do Brasil descreve a realidade linguística do Português Brasileiro enfatizando a identificação das diferenças diatópicas, que podem ser fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas dentro da perspectiva da Geografia Linguística.

A compreensão da realidade sociolinguística do Brasil atual, assim como de sua constituição histórica, requer, um vasto campo de pesquisa a ser desenvolvido, apesar do que já se tem feito até o presente. O contato dos colonizadores portugueses, no território brasileiro, com milhões de aloglotas, falantes de mais de mil línguas indígenas autóctones e aproximadamente de duzentas línguas trazidas por cerca de quatro milhões de africanos transportados para o Brasil como escravos afigura-se no principal parâmetro histórico para a contextualização das mudanças linguísticas que afetaram o português do Brasil. Lucchesi (2009, p. 42) afirma que a realidade linguística do Brasil enfrenta “um grande abismo que separa uma minoria, que desfruta de bens e serviços do universo da cidadania de uma grande maioria que tem pouco ou nenhum acesso aos bens de consumo, aos serviços e direitos sociais básicos”. Portanto, o português trazido para o Brasil pelos portugueses entre os séculos XVI e XVIII não se apresenta homogêneo. Podemos verificar, sobretudo no campo do léxico, características regionais bastante distanciadas entre si devido, principalmente, à grande extensão geográfica do território brasileiro. Acrescentamos a isto o afastamento em que se encontram algumas regiões e, em alguns casos, à influência de povos procedentes de outros pontos da Europa, além da influência exercida pela intensificação do processo migratório verificado no Brasil. Outro ponto a se considerar é a influência da norma, que Oliveira (2001) traduz como o costume, a tradição continuada que se verifica nos hábitos linguísticos de uma comunidade. Esses matizes, observados principalmente no nível lexical, em muito têm contribuído para caracterizar, no plano linguístico, as várias regiões brasileiras.

Desse modo, observamos que na variante brasileira do português transplantado para o Brasil, o modo de vida e a integração do homem branco com o meio ambiente propiciaram o surgimento de transformações e acréscimos lexicais à língua. Novos vocábulos e expressões resultaram deste processo, com a integração do português em terras brasileiras e de seu convívio com outras línguas como a do índio, a do negro e as dos povos hispano-americanos. A língua portuguesa no Brasil, no curso da sua história, vem passando por muitas modificações, realidade para a qual, nos meados do século XX, já chamava a atenção de Nascentes (1953) ao registrar que:

A língua portuguesa no Brasil sofreu grandes alterações porque teve de ser aprendida por homens de duas raças que falavam línguas de estrutura inteiramente diversa do tipo flexional. O índio foi o primeiro que aprendeu o português; é natural, pois foi o povo autóctone. Só mais tarde aparece o outro fator etnográfico, o negro. [...] A escravidão vermelha precedeu à negra e daquela já se fala em 1531, quando Martim Afonso concedeu a Pedro de Góis permissão de levar para Europa dezessete escravos índios; mas desde cedo na capitania de S. Vicente são escravos negros que trabalham na agricultura da cana. (NASCENTES, 1953, p. 9-10)

## BAHIA E PARANÁ - SALVADOR E CURITIBA

A Bahia se localiza no sul da região nordeste do Brasil, limitando-se ao leste pelo oceano Atlântico, ao norte com Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Piauí, ao sul com os estados de Minas Gerais e Espírito Santo e oeste com Goiás e Tocantins.<sup>2</sup>

Segundo Reis (2009, p. 19), a província da Bahia era uma das mais prósperas regiões canavieiras das Américas no século XIX. Os engenhos de açúcar, puxados por mão-de-obra escrava, estavam situados especialmente no Recôncavo, região fértil e úmida que envolve a Baía de Todos os Santos. Reis afirma que Salvador, a capital da Bahia, que naquele então era mais conhecida como Cidade da Bahia, ocupa um dos extremos desse conjunto

---

<sup>2</sup> Disponível em: [<https://www.sogeografia.com.br/Conteudos/Estados/Bahia/>] Acesso em: 17/03/2021.

geográfico que impressionou muitos visitantes estrangeiros por sua beleza. Reis (2009, p. 19) acrescenta que, em 1805, Sir Robert Wilson, comandante da esquadra britânica no Atlântico Sul, conhecedor de muitos mares e terras, escreveu que “a vista desta Baía [...] é talvez a mais magnífica no mundo” (aspas de Reis, 2009).

O Paraná se localiza no Sul do Brasil, limitando-se ao norte com o estado de São Paulo, a leste com o oceano Atlântico, ao sul com o estado de Santa Catarina e a oeste com o estado do Mato Grosso e com as repúblicas do Paraguai e Argentina.<sup>3</sup>

Aguilera (2002), fundamentada em Cardoso e Westphalen (1986), afirma que a história do Paraná compreende a composição de três comunidades regionais:

O Paraná Tradicional, que se esboçou no século XVII, com a procura do ouro, e se estruturou no século XVII sobre o latifúndio campeiro dos Campos Gerais, com base na criação e comércio do gado e, mais tarde, nas atividades extrativistas e no comércio exportador da erva-mate e da madeira, e as do Paraná Moderno, já no século XX, sendo as do Norte, com a agricultura tropical do café e que, a princípio, pelas origens e interesses históricos, ficou mais diretamente ligada a São Paulo, e a do Sudoeste e Oeste, dos criadores de suínos e plantadores de cereais que, pelas origens e interesses históricos, ficou a princípio mais intimamente ligada ao Rio Grande do Sul. (AGUILERA, 2002, p. 19)

Curitiba é a capital do Paraná. Sua fundação oficial data de 29 de março de 1693, quando foi criada a Câmara. No século XVII, sua principal atividade econômica era a mineração, aliada à agricultura de subsistência.<sup>4</sup>

## METODOLOGIA

Este trabalho fundamenta-se na metodologia e no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) no que tange à área semântica fenômenos atmosféricos do Questionário Semântico-lexical (QSL). Neste estudo,

---

<sup>3</sup> Atlas Linguístico do Paraná. Vol. I. p. 21.

<sup>4</sup> Disponível em: [<https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/perfil-da-cidade-de-curitiba/174>] Acesso em: 12/03/2021.

priorizamos a variação diatópica, mas, seguindo os passos da Geolinguística Pluridimensional, também consideramos aspectos relativos às variações diastrática, diageracional e diassexual.

#### *4Corpus*

O *corpus* está constituído pelas respostas para as questões 8, 9 e 10 do Questionário Semântico Lexical do Atlas Linguístico do Brasil aplicado em Salvador e em Curitiba. A cidade de Salvador é representada no ALiB pelo número 093 e Curitiba pelo número 220.

#### *Informantes*

Nas capitais dos estados foram entrevistados oito informantes, em duas faixas-etárias (18-30 anos e 50-65 anos), quatro dos quais têm nível universitário, em representação equitativa, do sexo masculino e feminino. Como é de praxe na pesquisa geolinguística, os informantes são naturais da localidade sob investigação, onde o inquérito foi realizado e filhos de pais também da mesma localidade ou mesma área linguística.

#### *Questionário*

O *corpus* deste estudo se fundamenta nos dados originados da aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL) integrante dos *Questionários 2001* (COMITÊ Nacional, 2001), constituído de 207 questões divididas em quinze áreas semânticas das quais selecionamos a área semântica fenômenos atmosféricos.

No quadro 1, disposto em quatro colunas, apresentamos as questões utilizadas para esse estudo, com a seguinte distribuição: a primeira coluna mostra o número da questão; a segunda exhibe o item semântico-lexical que se busca; a terceira coluna indica a maneira como foi formulada a pergunta; a quarta indica a área semântica a que se refere cada pergunta.

Quadro 1- Extrato do QSL utilizado

QSL Nº	Item Semântico - Lexical	Formulação da Pergunta	Área Semântica
08	RELÂMPAGO	... um clarão que surge no céu em dias de chuva?	FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS
09	RAIO	... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?	
10	TROVÃO	... o barulho forte que se escuta logo depois de um ____ (cf. item 09)?	

## ANÁLISE DE DADOS

No Quadro 2, trazemos os dados referentes a fenômenos atmosféricos registrados em Salvador e Curitiba, referentes às três questões do QSL. O Quadro 2 está constituído de cinco colunas, assim distribuídas: a primeira mostra a questão do QSL utilizada; a segunda traz as variantes coincidentes em Salvador e Curitiba; a terceira e a quarta mostram as variantes ocorridas em cada cidade; a quinta apresenta o total de respostas fornecidas pelos informantes. A linha reta em horizontal dentro do quadro sinaliza que não houve resposta para a questão.

Quadro 2 - Denominações para fenômenos atmosféricos em Salvador e em Curitiba

QUESTÃO	SALVADOR (093)- CURITIBA (220)	SALVADOR (093)	CURITIBA (220)	TOTAL
08	Relâmpago (093-6/220-7)	_____	Fuzil (1)	16

	Raio (093-1/220-1)			
09	Raio (093-7/220-8)	_____	_____	15
10	Trovão (093-6/220-8)	_____	_____	14

Para *um clarão que surge no céu em dias de chuva* houve 16 ocorrências e os informantes forneceram sem variação diatópica os itens *relâmpago* e *raio*. *Relâmpago* foi dito por seis informantes em Salvador e sete informantes em Curitiba. *Relâmpago* representa 81,3% das ocorrências para a questão oito. *Raio* apresenta produtividade muito baixa para esta questão. Recebeu dois registros: um no ponto 093 pelo informante 7 e um no ponto 220 pelo informante 3. *Raio* representa 12,5% das ocorrências. O informante 220/4 também apresentou o substantivo *fuzil* e o verbo *fuzilando* para indicar *um clarão que surge no céu em dias de chuva*. *Fuzil* representa 6,2%. Com relação a *uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo* houve 15 ocorrências da lexia *raio* das quais sete foram no ponto 093 e oito no ponto 220. *Raio* representa 100% das ocorrências. Entretanto, o informante 093/5 salienta que para ele não há diferença entre *raio* e *relâmpago*. Porém, o item *relâmpago* não foi registrado na tabela. Um informante não respondeu no ponto 093.

A questão 10 apura denominações para *barulho forte que se escuta logo depois de um raio*. Houve 14 ocorrências de *trovão*, fornecido por seis informantes de Salvador e por todos os oito informantes de Curitiba. *Trovão* representa 100% das ocorrências. Dois informantes no ponto 093 não responderam. Para a questão 10, as capitais não apresentaram variação.

### *Dados lexicográficos*

*Relâmpago* encontra-se dicionarizado na mesma acepção com que ocorre como resposta à questão. Para Aurélio (1986), trata-se de uma luz intensa e rápida produzida pela descarga elétrica entre duas nuvens, e que,



geralmente, precede o ruído do trovão. Houaiss (2001) registra que é um clarão rápido causado por descarga elétrica entre nuvens. Para Luft (2006), *relâmpago* é também um clarão proveniente de descarga elétrica atmosférica. *Raio* está registrado em Aurélio como uma descarga elétrica entre uma nuvem e o solo, acompanhada de relâmpago e trovão. Houaiss traz uma acepção semelhante e diz que *raio* é uma descarga elétrica na atmosfera, acompanhada de relâmpago e trovão. Para Luft é uma descarga elétrica entre uma nuvem e o solo. Ao compararmos as descrições de *raio* nestes três dicionários com a descrição expressa no QSL do ALiB 2001, vemos que estas descrições se entrelaçam, embora o QSL não faça referência ao termo “descarga elétrica”. O Questionário do Atlas Linguístico do Brasil descreve, na formulação da pergunta, como uma luz forte e rápida que sai das nuvens que pode queimar uma árvore ou matar pessoas e animais. Isto leva à reflexão de que esta luz nada mais é do que uma descarga elétrica uma vez que a luz em si não queimaria nem mataria pessoas. Entendemos, então, que as acepções levantadas nos dicionários para relâmpago e raio estão estreitamente relacionadas aos conceitos com que ocorrem no *corpus* base do trabalho. *Fuzil*, variante fornecida por um informante em Curitiba, é vista como sinônimo de relâmpago para Aurélio. Para Houaiss, *fuzil* é um clarão repentino, relâmpago. A fala do informante 220/4 traz também o verbo *fuzilar*, como observamos na transcrição do diálogo a seguir:

INQ.- *Como que chama aquele clarão que aparece assim no céu em dias de chuva?*

INF.- *É relâmpo.*

INQ.- *Hahã.*

INF.- *Fuzil também, né.*

INQ.- *Também.*

INF.- *Fuzilando. (220/4).*

De acordo com Aurélio, *fuzilar* significa despedir de si, soltar, a modo de raios ou centelhas. Houaiss afirma que *fuzilar* significa descarregar matéria elétrica na atmosfera, relampejar, lançar de si ou emitir intensos reflexos de luz.

A variante *trovão* está definida de forma semelhante pelos lexicógrafos arrolados para esse estudo. Aurélio e Houaiss trazem esta lexia

como um estrondo ou um forte ruído causado por descarga de eletricidade atmosférica e coloca *trovoada* como sinônimo de *trovão*. Luft traz exatamente a mesma definição, sem acrescentar que *trovão* é sinônimo de *trovoada*. Esta é exatamente a acepção que se busca na questão. É possível afirmar isto porque a questão indaga sobre um forte barulho que se escuta logo depois de um *raio*. Entendendo *raio* como uma descarga elétrica na atmosfera, entendemos que o *trovão* é de fato este barulho que procuramos. Ao analisarmos o vocábulo *trovoada* como entrada nestes três dicionários, vemos que só Aurélio reitera sua posição quanto à sinonímia entre *trovão* e *trovoada*, mas define *trovoada* como uma sucessão de descargas elétricas e trovões, acompanhada, geralmente, de chuva. Houaiss ratifica a acepção dada por Aurélio e complementa que *trovoada* é uma série de trovões. Luft partilha da mesma ideia e diz que se trata de mau tempo com trovões frequentes. Portanto, o uso de *trovoada* para se referir ao barulho que se escuta depois de um *raio* é de caráter aproximado já que *trovoada* implica vários *trovões*.

Essa breve análise lexicográfica apresenta sintonia de ideias entre a acepção do item lexical que busca o pesquisador do ALiB com as respostas dos informantes em Salvador e Curitiba no que tange às questões 8 a 10 do Questionário Semântico-Lexical.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos que no plano da análise diatópica, a distribuição das variantes tem um caráter homogêneo considerando esse recorte dos dados do Atlas Linguístico do Brasil, questões 8 a 10 do QSL, registrado em Salvador e Curitiba. Na consideração dos dados sociais, também, destacamos que não houve variação uma vez que as variantes se apresentaram de uso geral entre os informantes arrolados para este estudo. Portanto, não encontramos, nesse recorte, variação diastrática, diageracional nem diassexual. O único item lexical que apresentou variação foi *fuzil*. Contudo, não podemos dizer categoricamente que se trata de uma variante diatópica ou social uma vez que foi fornecida apenas por um informante.

Dessa forma, constatamos a não ocorrência de variação linguística no recorte selecionado para esse estudo, o que pode sugerir que, apesar da dimensão continental do Brasil e de essas duas cidades – Salvador e Curitiba – não apresentarem contiguidade geográfica e exibirem tipos distintos de povoamento, é possível se pensar que há, mesmo que de forma sutil, certa uniformidade no falar brasileiro.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Tupinismos lexicais no português brasileiro*: trilhas e traços no Paraná. Sonderdruck aus Ex oriente lux – Festschrift für Eberhard Gartner zu seinem 60. Geburtstag. Herausgegeben von Sybille GroBe und Axel Schonberger in Verbindung mit Cornelia Doll und Christine Hundt. València: Frankfurt am Main, 2002.

BIDERMAN, Maria Tereza C. *Teoria Linguística – Leitura e Crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística – Tradição e Modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. Neologismos na Imprensa Escrita. IN: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDA, Aparecida Negri. (Org.) *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2ª edição. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 65-66.

CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter. *La Dialectología*. Traducción Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis M<sup>a</sup> de Barcellos. *Neologia em Português*. São Paulo: Parábola, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Léxico e Semântica – estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do Seringueiro: campo léxico da seringa. IN: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDA, Aparecida Negri. (Org.) *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2ª edição. Campo Grande: UFMS, 2001.

LUCCHESI, Dante. História do Contato entre Línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 42.

LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Ática, 2006.

NASCENTES, Antenor. *O Linguajar Carioca*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. Regionalismos Brasileiros: a questão da distribuição geográfica. IN: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.) *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2ª edição. Campo Grande: UFMS, 2001.

PRETI, Dino. *Sociolinguística – os níveis da fala*. São Paulo: Edusp, 2003.

QSL. Questionário Semântico-Lexical. Comitê Nacional do Projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil. Questionários 2001. Londrina: UEL, 2001.

REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil – A História do Levante dos Malês em 1835*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

# HIDROTOPÔNIMO ITAPECURU MIRIM: *O “MITO DO CAMINHO DE PEDRAS MIÚDAS”*

Tiago de Oliveira Ferreira

## INTRODUÇÃO

O rio Itapecuru, que perpassa vários municípios do Maranhão, carrega uma grande riqueza linguístico-cultural, visto que é uma das mais antigas áreas de ocupação humana do estado. A bacia hidrográfica do Itapecuru abrange, aproximadamente, 54.970km<sup>2</sup> - área maior do que alguns estados do Brasil, a saber: Rio de Janeiro, Sergipe, Alagoas, Rio Grande do Norte. O curso desse rio, segundo medidas mais recentes, é de aproximadamente 1.090 km de comprimento, o maior em extensão do Maranhão, ele nasce na região Sul do Maranhão, no município de Mirador, dentro do parque estadual de mesmo nome, cuja área aproximada é de 500 mil hectares; o seu mais longínquo afluente brota entre as serras da Cruieira, Itapecuru e Alpercatas, numa altitude superior a 500m. O curso da água segue o sentido sul - norte, por isso sua foz está localizada na região Norte, no município de Rosário, onde as águas são lançadas na Baía do Arraial ou São José, a Sudeste da Ilha de São Luís, por dois braços denominados Tucha e Mojó.

Para fundamentar teoricamente essa investigação científica, foram usadas pesquisas de grande representatividade na área da lexicologia, restringindo-se à onomástica, tendo como foco a analogia dos léxicos onomástica e da semântica pragmática como também nos demais subsistemas da língua, corroborado, necessariamente, na observação da etimologia cultural e sua relação com as interfaces de outras áreas de conhecimento. Portanto, sobre a importância do estudo lexical, Isquierdo e Krieger declaram que:

Na história das diferentes civilizações, a palavra sempre foi mensageira de valores pessoais e sociais que traduzem a visão de mundo do homem

enquanto ser social; valendo-se dela o homem nomeia e caracteriza o mundo que o rodeia, exerce seu poder sobre o universo natural antropocultural, registra e perpetua a cultura. Assim, o léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades, definindo fatos no decurso da história, recortando realidades do mundo, razão por que estudar o léxico implica também resgatar a cultura. (ISQUERDO; KRIEGER, 2004, p. 11)

A partir dessa reflexão linguística feitas pelas linguistas Isquerdo e Krieger, chega-se à conclusão de que todas as espécies existentes, o homem é o único que tem a inteligência de usar a língua, de nomear um referente. É a partir de necessidades primárias que o ser humano exerce, pelo uso da língua, essa atividade. Para compreender a evolução semântica deste hidrotopônimo e a criação do *Mito do Caminho de Pedras Miúdas* – objeto desta análise, é necessário remontar aos primórdios da colonização do Maranhão. Quanto à concepção de topônimos, a linguista Dick (1990, p. 36). “[...] propõe o resgate da atitude do homem diante do meio, através do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares”. Assim, estudar as palavras, neste caso, o hidrotopônimo Itapecuru Mirim, é promover um resgate histórico, social e cultural das comunidades ligadas a esse rio.

O signo toponímico no mundo onomástico refere-se a um termo multifacetado que consiste no substantivo próprio em função referencial de um espaço geográfico e/ou humano. Logo, pesquisá-lo é compreendê-lo em suas diversas potencialidades, identificando e resgatando as motivações que o tornaram com que o usuário o tomasse como referência, dentro de um nicho de possibilidades etimológicas para designar um determinado espaço. Sobre essa questão, Dick (1990) já delimitava a toponímia em duas extensões, a primeira refere-se ao espaço geográfico e a segunda ao espaço temporal. Nesse caso, o espaço geográfico refere-se ao modo que o homem ocupa o ambiente físico e o nomeia relacionando-o com as interações do ambiente natural da flora, fauna, acidentes geográficos, manifestações culturais. Quanto ao espaço temporal, são as mudanças ocorridas no som e na grafia ao longo dos anos de usos dessa lexia.

Assim, nota-se que as indicações lexicais que estão atreladas a termos toponímicos referentes a um espaço geográfico revelam muito sobre sua

história, geografia, cultura e sobre a formação da comunidade, além de esclarecer vários aspectos relativos à língua falada nessa localidade.

## METODOLOGIA

A referente pesquisa de procedimento teórico-analítico e qualitativa, é pautada em estudos do campo da onomástica (toponímia) e lexicologia, enfatizando a formação da estrutura dos itens lexicais, bem como os seus sentidos empregados no dado contexto situacional comunicativo, enfocando o uso da língua para nomeação do ambiente físico, sem desconsiderar, principalmente, os fatores antropológicos e sócio-culturais. Para tanto, realizou-se o levantamento dos topônimos citados no corpo do texto, para posteriormente ser feito o tratamento dos dados, conforme orientação da fundamentação teórica, com a finalidade de constatar as hipóteses levantadas durante o processo da investigação e alcançar o objetivo geral, que é explicar a criação do “*Mito do Caminho de Pedras Miúdas*”. Sendo assim, todo o material coletado nessa investigação, após análise e discussão dos resultados, poderá ser publicado e disponibilizado para consulta daqueles interessados pela temática e servir de apoio ao estudo do campo sociolinguístico, onomástica e toponímia.

Ademais, vale lembrar que os primeiros questionamentos sobre a etimologia e a semântica da palavra Itapecuru (rio) e por conseguinte Itapecuru Mirim (cidade) surgiram ainda nos idos da década de 90 do século XX, isso pelo fato do autor deste estudo ser um ribeirinho do rio Itapecuru, mais precisamente da comunidade Areias, Santa Rita MA. No entanto, foi a partir de 2006 já cursando Letras na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, CAMPUS de Itapecuru Mirim, que algumas disciplinas trouxeram reflexões mais contundentes. Porém, foi a partir de 2015, com o aceite na Academia de Ciências, Letras e Artes de Itapecuru Mirim – AICLA e posteriormente as pesquisas bibliográficas para a publicação da obra: *Caminhos do Itapecuru uma viagem, pelo Jardim do Maranhão*, que o autor se deparou com parte dos textos, que vem na indicação a seguir e dão a fundamentação teórica. E mais recentemente com a aprovação no mestrado em Letras da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, que surgiu a

oportunidade e os conhecimentos teóricos necessários para sistematizar este texto.

Outrossim, dado o contexto da pesquisa e as regras estabelecidas para a publicação ressalta-se que o acervo que segue a baixo é apenas um recorte, de todo o compêndio que é necessário para fazer a investigação da etimologia e as variações da palavra em tela.

#### ACERVO BASE DO TRABALHO

<b>Autor</b>	<b>Título</b>
Cláudio D'Abbeville	<i>História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão.</i>
Bernardo José da Gama	<i>Informação sobre a Capitania do Maranhão</i>
Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão	<i>Poranduba Maranhense ou Relação Histórica da Província do Maranhão.</i>
César Augusto Marques	<i>Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão</i>
José Carlos de Azeredo	<i>Fundamentos da Gramática do Português Brasileiro</i>
Raimundo José de Sousa Gayoso	<i>Compêndio Histórico – Político dos Princípios da Lavoura do Maranhão</i>
Raimundo Medeiros	<i>Rio Itapecuru: águas que correm entre pedras</i>
Teodoro Sampaio	<i>O tupi na geografia nacional</i>
Maria Vicentina e Paula do Amaral Dick	<i>A Motivação Toponímica e a realidade brasileira</i>

#### OS PRIMEIROS REGISTROS E O USO TOPONÍMICO

O prefixo tupi-guarani “*ITA*” é um dos mais disseminados ou frequentes no território nacional e equivale genericamente a “*PEDRA*”. Quanto à frequência do uso de uma lexia, a lexicóloga Biderman (1998, p. 162) afirma que “a língua poderá ser vista como um sistema probabilístico de combinações e de usos mais ou menos frequentes, salientando-se que a frequência será tomada como uma característica típica da palavra”. Dessa forma, há uma frequência de uso desse prefixo, por exemplo - os topônimos Itaú (pedra preta em Minas Gerais), Itamaraty (pedra rosa no Distrito



Federal), Itacoatiara (pedra pintada no Amazonas), Itaituba (muitas pedras no Pará) - todos referentes a cidades, mas há, também, na Bahia, um rio cujo nome é Itapicuru, assim como outro com a mesma grafia no sul do Maranhão, muito famoso pela sua cachoeira e o seu potencial turístico, atrelado à cidade de Carolina.

O primeiro registro que se tem da palavra Itapecuru como referência ao rio que nasce no sul do Maranhão (município de Mirador – num complexo formado pelas serras da Croeira e Itapecuru) e deságua na região norte (município de Rosário na Baía do Arraial) foi colhido, como descrito, a seguir, pelo padre francês Cláudio d’Abbeville, em seus relatos sobre a *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças*, datado de 1612. (D’Abbeville, 2002, p. 182). “O segundo, que está no centro, chama-se Tabucuru, tendo na sua foz meia légua e de curso 400 a 500 léguas”. Neste caso, o que interessava, aos franceses, era o conhecimento geográfico da região, ou seja, até onde eles poderiam chegar subindo os rios.

A descrição do rio feita pelo sacerdote francês foi baseada nas informações colhidas pelo Cacique Maioral da Ilha de Upaon-Açu (atual Ilha de São Luís), Japiaçu que corrobora com a origem etimológica da palavra, mas como visto, a grafia registrada por D’Abbeville foi “Tabucuru”. Sobre esta descrição da palavra sem o “*I*” inicial ao prefixo “*Ita*”, Sampaio (1987, p. 77) assevera que: “Também o I é introduzido em alguns vocábulos tupis por influência lusitana [...]”. Desse modo, ocorre a primeira variação na grafia e na fonética dessa lexia.

Além disso, é interessante compreender a relação semântica da palavra Itapecuru com o termo pedra. Atualmente, sabe-se que esta referência está ligada à foz do rio e à sua cachoeira ou corredeira de pedras, que dificultava a passagem de embarcações com a maré baixa, situação que só fora resolvida com a derrocada das maiores no século XVIII, pela Lei Provincial nº 27 de 15 de maio de 1835. Sobre este fato, Santana (2014, p. 421) diz “Em 12 de agosto de 1840, no governo de Manoel Jansen Ferreira, foram iniciados os trabalhos para dinamitar as pedras da Vera Cruz, com o registro da retirada de 627 pedras, sob a orientação do engenheiro João

Victor”. Esse registro histórico dá a inferência necessária para a compreensão do que seria o caminho de pedras para os nativos.

É necessário enfatizar o fato de as margens desse rio terem sido povoadas pelos nativos da etnia Jê, isso a partir do município de Timbiras, mas que a história não registrou a terminologia que estes davam ao curso d’água.

Com o passar dos anos, o uso deste termo toponímico tornou-se cada vez mais frequente, principalmente, após a expulsão dos franceses do Maranhão e a fundação da Fortaleza de Vera Cruz, em 1620, por Bento Maciel Parente, nas proximidades da foz do dito rio Itapecuru. A fortificação serviu de proteção para a fixação do primeiro sesmeiro das margens do rio, Antônio Muniz Barreiros, em 1622, este sob a proteção dela fundou o Engenho do Itapecuru Grande, fato que atraiu seus filhos e outro sesmeiro Antônio Teixeira de Melo a constituiu em um complexo com cinco engenhos, que cultivavam a cana-de-açúcar e produziam o subproduto, açúcar. No livro *Escorço da História do Açúcar no Maranhão, no Tempo das Eleições a Cacete*, Mello (2016, p. 15) diz que a honra do empreendimento coube a Antônio Muniz Barreiros, que construiu dois, na Ribeira do Itapecuru, à sombra da Fortaleza de Vera Cruz.

O fluxo populacional desta região criou o Arraial do Itapecuru Grande, sob a proteção de Nossa Senhora do Rosário, que, em 1717, foi elevada à categoria de Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Itapecuru Grande, perdurando até 1832. Com o aumento da população e a influência dos atos religiosos ligados à figura de Nossa Senhora do Rosário, a região foi elevada a uma nova categoria administrativa, desta vez, em 1833, apenas com o nome de Vila do Rosário. Já no lumiar do século XX, a localidade recebeu, em 1918, o título de cidade de Rosário. Sobre este valor simbólico que as palavras adquirem, importa saber que a língua possibilita inovações, pois é um sistema aberto, flexível, vivo que acompanha as mudanças históricas e sociais. Sobre essa noção, Sapir (1969, p. 44) foi muito feliz com as palavras quando mencionou que “[...] Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais, estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte”.

O vocábulo que fora catalogado a priori como *Tabucuru* já havia sofrido várias modificações na sua morfologia e grafia, sendo registrado em citações de jornais e revistas antigas como: Tapucuru, Itapucuru, Itapicurú. Nesse caso, cita-se que as principais mudanças estão atreladas à substituição do fonema /B/ pelo /P/ e o acréscimo do acento gráfico na vogal final “*Ū*”. Nesse caso, a última alteração ocorreu no acordo ortográfico de 1971, ao retirar o acento gráfico das oxítonas de origem tupi-guarani terminada nas vogais “*I*” ou “*U*” seguidas de consoante. Sobre essas variações ao longo do tempo deste topônimo, Marques pontua que:

O rio Itapecurú, descreveu-o assim em sua viagem o Governador Joaquim de Mello e Povoas em 17 de junho de 1767, está hoje inteiramente cheio de lavradores por serem as terras próprias para algodão, que é o melhor ramo de comércio d’esta Capitania. É uma Ribeira agradável e no seu princípio tem uns Perizes com muitas fazendas de gados”. Remontando-nos as eras mais remotas sabemos, que tendo sido mandado a Lisboa Manoel do Vide Souto-Maior pelo Governador Ruz Vaz de Siqueira (1662-1667) em uma representação dirigida ao Conselho Ultramarino afirmou aquele, que e o “Tapicurú, jardim que era do Maranhão, assim por ser rio, que mais se avizinha à cidade, como por mais possuir boa caça, árvores e pescado. (MARQUES, 2008, p. 343)

Esses documentos históricos são evidências das variações de registro gráfico da palavra *Itapecuru* - objeto dessa investigação. Assim, percebe-se que as variações atribuídas ao espaço geográfico e ao espaço temporal em que o homem ribeirinho do Itapecuru o tinha como referente.

## O TOPÔNIMO ITAPECURU MIRIM E A SUA VARIAÇÃO TOPONÍMICA: *FREGUESIA, VILA E CIDADE*

O hidrotópônimo Itapecuru Mirim atualmente possui a seguinte morfologia: é formado pela composição de dois lexemas de origem tupi-guarani, a oxítone polissilábica *ITAPECURU* mais o sufixo dissílabo tônico *MIRIM*. Sua origem, remonta ao século XVIII, aproximadamente cento e cinquenta quilômetros (150km) rio acima, homônimo ao grafema do século XVII, a povoação Itapecuru Grande (Rosário atualmente). Sobre isso, Marques relata:

Em 25 de agosto de 1768, El – Rei D. José fez saber ao governador do Maranhão que os moradores da Ribeira do Itapecuru lhe pediram, em 12 de setembro de 1767, próximo passado, alvará de confirmação da Vila, que ali fundou, por ordem régia, o desembargador Manuel Sarmento, e das datas de terras e privilégios concedidos na mesma ocasião e, por isso, ordenava que ouvindo o parecer do Procurador da Fazenda e Ouvidor por escrito lhe enviasse a ordem que houve para tal criação. (MARQUES, 2008, p. 413)

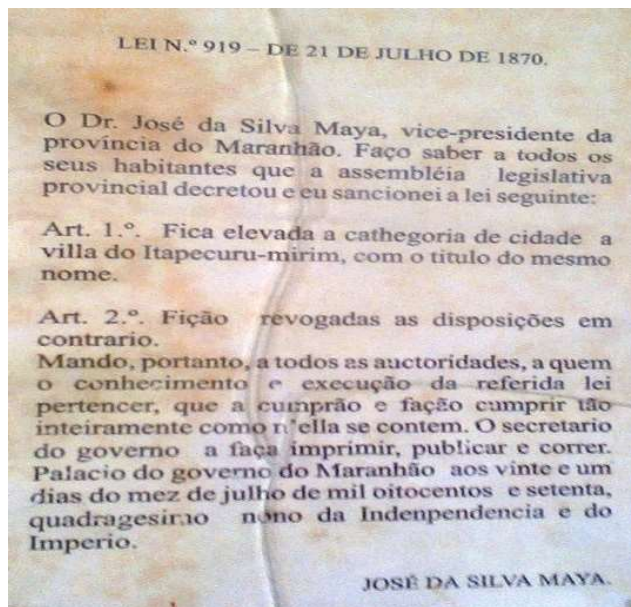
Essa referência é uma petição oficial organizada por um grupo de moradores, solicitando a fundação de uma vila (no Maranhão as categorias administrativas geralmente seguiam a seguinte ordem: Freguesia, Vila e Cidade), que era uma unidade territorial com autonomia política-administrativa (sendo respectivamente os vereadores e presidente da câmara chefes do poder legislativo e executivo, que difere da Freguesia unidade regida por um sacerdote, geralmente um Padre), porém a solicitação dos moradores citada por Marques não fora atendida e, ao chegar no século XIX, a localidade já havia se expandido no aspecto populacional, financeiro e na influência política. Por isso, foi elevada à categoria de Freguesia de Nossa Senhora das Dores do Itapecuru Mirim, em 1801 (neste período a Ribeira do Itapecuru possuía as seguintes Freguesias: Nossa Senhora do Rosário do Itapecuru Grande, Nossa Senhora das Dores do Itapecuru Mirim e São José das Aldeias Altas de Caxias) Logo, a influência religiosa era também marcada pelo sufixo “grande” e “mirim”. Neste contexto, histórico e linguístico observa-se que a permanência de Itapecuru Mirim se deu pelo fato do seu homônimo toponímico (Rosário), já ter se aglutinado no léxico estadual, principalmente em documentos oficiais (Almanaques Administrativos, vendas de passagens do vapores, apenas como Rosário), desta forma não havia mais a necessidade distinção gráfica.

Vale ressaltar, que em Rosário há época a Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Itapecuru Grande possuía o culto a santa católica de mesmo nome, assim como a sua igreja matriz (sede da freguesia). Contudo, curiosamente neste mesmo interim a Freguesia de Nossa Senhora das Dores do Itapecuru Mirim tinha como sede a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (que desabou em 1924 durante uma enchente do rio Itapecuru), mas como culto ou festa religiosa mais pujante a devoção a Nossa Senhora das Dores. Por isso, fora construída a nova Igreja Matriz já com a devoção a

Nossa Senhora das Dores nos tempos da primeira república, momento histórico que a Igreja Católica perdeu poder administrativo no novo cenário nacional, desta forma como Rosário já havia se aglutinado anteriormente a estes fatos, Itapecuru Mirim perdera apenas a denominação religiosa e manteve a sua origem etimológica.

Logicamente, que outros fatores corroboram aos argumentos, que já foram elencados pois ao se observar a linha cronológica o topônimo fora elevado à Vila do Itapecuru Mirim, em 1818, e à cidade de Itapecuru Mirim, em 1870, como se ver nota no documento a seguir:

*Imagem 1 – Cópia da Lei de Elevação de Itapecuru Mirim à categoria de Cidade*



Fotografia: Tiago de Oliveira Ferreira (reprodução MARQUES, 2008, p. 635) julho de 2013.

Nesse caso, já é possível observar, também, a substituição da vogal “I”, após o fonema /P/ pelo /E/, que configura como mais um aportuguesamento da palavra. Entretanto, para ratificar a analogia do curso d’água que já fora mencionada, o escritor Cesar Marques, em seu *Dicionário Histórico e Geográfico da Província do Maranhão*, assevera que

[...] **Etimologia:** sobre a etimologia desta palavra são desconhecidas as opiniões. Frei Francisco dos Prazeres Maranhão. Na sua Coleção de Etimologia Brasileiras, diz que Itapicuru ou Itapucuru vem de Ita -pedra, pucuru púcaro e portanto quer dizer púcaro de pedra [...]

[...] Opina o Sr. Inácio José da Mata, que se deriva Ita (pedra), pucu (larga, longa) e ru (arma laços, armas ciladas) [...]

[...] Pensam outros que esta denominação se compõe de ita (pedra), pe (caminho, vila), cura, curuten, (muita, influência), isto é, caminho de muita pedra ou inchaço de pedras. Tendo neste rio duas cachoeiras extensas, é fácil descobrir de onde derivam estes nomes. (MARQUES, 2008, p. 667)

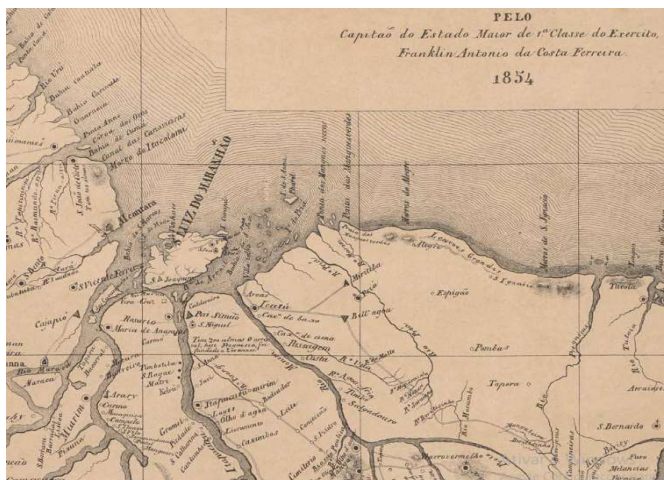
Assim, percebe-se, no registro de Marques, que há divergências quanto ao valor semântico da palavra Itapecuru, inconsistências que com o tempo foram superadas, tendo, assim, ficado no signo linguístico, basicamente a referência ao rio e à descrição de que o mesmo seria o caminho de pedras. Porém, historiadores, professores e moradores da cidade de Itapecuru Mirim perpetuam em eventos cívicos, escolas e conversas coloquiais há anos a existência de um suposto *Caminho de pedras miúdas*, utilizado pelos indígenas nesta localidade, ou seja, um caminho em terra referente ao solo e não ao rio que deu origem ao atual nome da cidade. Provavelmente nas escolas tradicionais da cidade do início do século XX os educadores faziam, apenas a tradução literal do topônimo encontradas nas obras da época, principalmente *O Dicionário Histórico e Geográfico da Província do Maranhão* Cesar Marques, e sem considerar o aspecto histórico do povoamento da Ribeira do Itapecuru. Sobre esse fenômeno de influência na origem de nomeação, Oliveira e Isquerdo enfatizam,

O léxico representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível de língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade. (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9)

Sob esse viés, entende-se que o hidrotopônimo carrega sentidos que extrapolam o campo semântico, pois, nele, também, há marcas sociais, históricas e culturais que ligam a comunidade ao rio como um elemento pertencente a ela.

O recorte do mapa, a seguir, datado de 1854, da então província do Maranhão de autoria do Capitão do Estado Maior de 1ª Classe do Exército, Franklim Antonio da Costa Ferreira, traz, em detalhes, os topônimos citados nesta investigação científica, mas não faz nenhuma referência ao suposto *Caminho de Pedras Miúdas*.

Imagem 2 – Mapa da Província do Maranhão 1854



Fonte: <https://bdgex.eb.mil.br/mediador/>. Acessado, em 26 de março de 2021.

Outro fator interessante de ser observado na imagem do mapa acima é que Itapecuru Grande já aparece, apenas como Rosário, assim como o rio que ainda foi descrito como Itapucuru e o topônimo em questão, como Itapucuru Mirim. Vale lembrar que, no caso em questão, essa pesquisa refere-se à cidade maranhense, ribeirinha do rio Itapecuru, alocada na região centro norte do estado, aproximadamente cento e dez (110 km) quilômetros da capital.

## CONCLUSÃO

Ao analisar o *hidrotopônimo Itapecuru Mirim*, percebeu-se que a origem da palavra remonta ao rio, mais precisamente a sua foz, pois, se a

colonização do interior do Maranhão deu-se por ele, e no sentido foz-nascente (norte-sul), o nome foi trazido de lá para cá, por empréstimo, herdado dos aborígenes e utilizado analogamente pelos colonizadores portugueses, para toda a região das suas margens. Ademais, quanto ao processo de designar um referente, um ambiente, Sapir (1969, p. 44) provoca a reflexão de que,

[...] tratando-se da língua que se pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano, convém compreender no termo ‘ambiente’ tanto os fatores físicos como os sociais. Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos como a Topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regimes de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais, estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte. (SAPIR, 1969, p. 44)

Assim sendo, conforme o pensamento de Sapir, a língua simbolicamente é constituída de aspectos físicos e sociais. A partir desses aspectos, divulgou-se a hipótese da criação do “*Mito do caminho de pedras miúdas*”, que fora criado a partir da tradução literal da palavra, sem considerar os aspectos históricos, sociais e culturais que ligam o seu uso à localidade, apenas como homônima de outra já existente na bacia hidrográfica do rio Itapecuru.

Entretanto, os fatos elencados confirmam para a quebra do mito, uma vez que a anexação do radical tupi-guarani “Mirim” - a nomenclatura Itapecuru Mirim surgiu apenas para distinguir de *Itapecuru-Grande*, homônima e povoação mais antiga.

## REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. Fundamentos de gramática do português/José Carlos de Azeredo. 3 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2004.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da Palavra. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998.



- D'ABBEVILLE, Cláudio. *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão* / Cláudio D'Abbeville. – São Paulo: Siciliano, 2002.
- DICK, M. V. de P. do A. *A Motivação Toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.
- FERREIRA, Franklin Antônio da Costa. Carta Geral da Província o Maranhão. Publicador Maranhense, 15 de março de 1855. Disponível em: <https://bdgex.eb.mil.br/mediador/>. Acesso em 17 de mar de 2021.
- GAMA, Bernardo José da. Informação sobre a Capitania do Maranhão dada em 1813, ao Chanceler Antônio Rodrigues Velloso / Bernardo José da Gama. 2ª Ed. São Luís: 360º Gráfica e Editora, 2013.
- GAIOSO, Raimundo José de Sousa. Compêndio Histórico – Político dos Princípios da Lavoura do Maranhão. Paris, 1843.
- ISQUERDO, M. A. N.; KRIEGER, M. da G. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Ciências do Léxico 2: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2004. v. 2.
- MARANHÃO, Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres. Poranduba Maranhense ou Relação Histórica da Província do Maranhão / Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão; apresentação Jomar Moraes. São Luís: AML, 2012.
- MARQUES, César Augusto. *Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão*. / César Augusto Marques; notas e apuração textual de Jomar Moraes. – 3ª ed. – São Luís: Edições, AML, 2008.
- MEDEIROS, Raimundo. *Rio Itapecuru: águas que correm entre pedras* / Raimundo Medeiros. – São Luís, 2001.
- MELLO, Luiz de. *Escorço da história do açúcar no Maranhão; No tempo das eleições a cacetes: dois estudos históricos*/Jerônimo de Viveiros. Org. de Luiz de Mello. São Luís: Ponto a Ponto Gráfica e Editora, 2016.
- OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande, MS: UFMS, 2001, p. 09-11.
- SAMPAIO, T. *O tupi na geografia nacional*. 5ª ed., São Paulo: Editora Nacional, 1987.
- SANTANA, Jucey Santos de. *Mariana Luz: vida e obra*. /Jucey Santos de Santana. \_ Itapecuru Mirim: editora, 2014.
- SAPIR, E. *Linguística como Ciência*. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

## SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

**Ariane Vicente Mota** é Mestre em Letras formada pelo programa de pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP). Desenvolve pesquisa na área de Terminologia, elaborando e analisando definições terminológicas para termos das Ciências Naturais. Além disso, atua como professora de Língua Inglesa em uma escola regular.

**Carlene Ferreira Nunes Salvador** é graduada em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará, mestrado e doutorado em Letras - Estudos linguísticos pela Universidade Federal do Pará. Docente do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA. E-mail: carlene.salvador@ufra.edu.br. Orcid: 0000-0001-9403-1227.

**Davi Pereira de Souza** é doutorando em estudos linguísticos no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará. Possui mestrado em Linguística pelo mesmo programa e é graduado em Licenciatura em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa) pela referida universidade. Atualmente é professor substituto da Universidade do Estado do Pará, vinculado ao Departamento de Língua e Literatura, e professor concursado em Língua Portuguesa na Secretaria de Educação do Pará (SEDUC). E-mail: dvps312@gmail.com. Orcid: 0000-0003-2753-5577.

**Daniela Terenzi** é doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atualmente é Pós-doutoranda na Universidade de São Paulo (USP) e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). Possui experiência na área de ensino de línguas, principalmente inglês para fins específicos e elaboração de material didático atuando com Inglês para Manutenção de Aeronaves. Como pesquisadora, tem interesse em Linguística Aplicada e Linguística de Corpus

e é líder do Grupo de Pesquisa em Inglês para Manutenção de Aeronaves (GPIMA).

**Fábio Henrique de Carvalho Bertonha** é Doutorando junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, pela UNESP/São José do Rio Preto; Mestre pela mesma instituição. Sua área de concentração corresponde à Linguística Aplicada, cuja linha de pesquisa é Lexicologia e Lexicografia, pela UNESP-IBILCE. Graduiu-se no curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor (inglês e italiano, em 2010; francês e espanhol, em 2016) também pela mesma universidade. Pesquisa na área de Lexicografia lidando com dicionários especiais. Atua como tradutor autônomo/freelancer e ministra aulas das respectivas línguas de formação.

**Genivaldo da Conceição Oliveira** - Após algumas idas e vindas dos Estados Unidos da América, voltei para o Brasil em 2008 com um diploma de Mestre em Linguística, com especialização em Fonética e Fonologia, obtido na Universidade do Texas em Austin. Em 2009, passei em dois concursos públicos federais. Optei pela Universidade Federal. Em 2010, participei da seleção para o Doutorado em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia. Fui aprovado e comecei as disciplinas em 2011. Conclui meu Doutorado em 2014. Atualmente, sou professor na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

**Joni Márcio Dorneles Fontella** é doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *campus* de Cascavel, e bolsista CAPES. É professor de língua Inglesa e realiza pesquisas sobre o ensino e aprendizagem do léxico especializado.

**José de Ribamar Mendes Bezerra** é Professor Associado II do Departamento de Letras e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), *campus* I, São Luís, com doutorado em Letras (área de

concentração Linguística. Professor pesquisador dos projetos Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) e Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). E-mail: jose.mendes@ufma.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5283557018212797>.

**Liliane de Souza Almeida** é autora do artigo atua na Educação básica desde 2009, lecionando no Ensino Médio. Atualmente, ensina língua portuguesa na rede de Ensino Estadual de Pernambuco, na Escola Integral Olavo Bilac e na Escola Estadual Amaro Lafayette. Desenvolve trabalhos relacionados às áreas de Linguística, Léxico, Letramento e práticas Oraís e Semântica Contextual.

**Lúcia Helena Ferreira Lopes** é doutora em Língua Portuguesa pela PUC-SP e atua como docente de Língua Portuguesa no Ensino Médio e Superior. Desenvolve pesquisa sobre o processo ensino-aprendizagem do léxico nas práticas didático-pedagógicas em Língua Portuguesa, na sua variante brasileira. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0454030048550479>.

**Márcia de Souza Luz Freitas** é Doutora em Letras, área de concentração Filologia e Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP). Participa do Projeto TermNeo (Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo). Atualmente é professora de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Itajubá, na qual atua no Núcleo de Humanidades e Linguagens do Centro de Educação (NHL/CEDUC/UNIFEI). Sua experiência docente abrange Lexicologia e Terminologia, Letramento Acadêmico e Morfossintaxe da Língua Portuguesa.

**Oséias de Queiroz Santos** é Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLEtras) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Graduado em Letras/Libras (Licenciatura) pela Universidade Federal do Maranhão; Atualmente tradutor/intérprete de Libras no Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Maranhão - IFMA. Tem experiência na área de Linguística e Língua Brasileira de Sinais, com ênfase

em Sociolinguística, Lexicologia e Lexicografia, trabalhando principalmente com: catalogação e registro de sinais da Libras. E-mail: oseiasqueiroz5@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0633047761606708>.

**Pâmela Teixeira Ribeiro** é Licenciada em Letras Português/Inglês pelo Centro Universitário de Itajubá - FEPI (2011); Mestra em Letras, área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo - USP (2015); e Doutora em Letras, área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (2020). Suas pesquisas se concentram principalmente nos seguintes temas: terminologia, variação terminológica (português europeu em contraste com português brasileiro no contexto terminológico) lexicologia, lexicografia, equipamentos médicos, Produtos para saúde.

**Rosemary Irene Castáneda Zanette** é professora Associada da UNIOESTE, *campus* de Cascavel. É pós-doutora em Estudos da Tradução baseados em *corpus*. Na Graduação atua na área de Italiano, com disciplinas de língua e prática de ensino e, na Pós-Graduação, ministra disciplinas na área de Ciências do Léxico.

**Tiago de Oliveira Ferreira** é mestrando do PPGL – UFMA, professor concursado do ensino fundamental II de Língua Portuguesa de Itapecuru Mirim e Substituto da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA *campi* Itapecuru Mirim, autor dos livros *Caminhos do Itapecuru uma viagem pelo Jardim do Maranhão* – 2015 e *Areias de Santa Rita* – 2016. Participou com textos sobre povoados nas coletâneas *Púcaro Literário I, II e III* organizada pela Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes –AICLA, Instituição que faz parte deste 2015, tendo como Patrono Bernardo Thiago de Matos, cadeira nº 32.

## SOBRE OS ORGANIZADORES

**Georgiana Márcia Oliveira Santos** – Professora Adjunto II do Departamento de Letras e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), *campus* I, São Luís, com doutorado em Linguística. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Línguas, Memórias, Identidades e Culturas (GELMIC) e pesquisadora dos projetos Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) e Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Tem experiência de pesquisa e publicações; i) na área de Linguística, principalmente, nas subáreas: terminologia, lexicologia, lexicografia, dialetologia, geolinguística e etnolinguística; ii) na área de ensino de línguas materna e estrangeira, especialmente, sobre o ensino de língua portuguesa e de língua espanhola E/LE; iii) na área de educação das relações étnico-raciais; iv) na área do ensino e aprendizagem de jovens e adultos – EJA; v) e avaliação escolar. *E-mail:* georgiana.marcia@ufma.br

**Luís Henrique Serra** – Professor Adjunto CII pela Universidade Federal do Maranhão, é professor permanente do mestrado em Letras da Universidade Federal do Maranhão, *campus* III, Bacabal (PGLB). Tem doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo. É líder do Grupo de Investigações do Ensino de Língua Portuguesa (GIELP/UFMA/CNPq) e professor pesquisador dos projetos Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) e do Brasil (ALiB). Seus interesses de pesquisa são estudos do léxico (com ênfase para a Terminologia), do texto e dos gêneros textuais e ensino de língua materna.

**Theciana Silva Silveira** - Doutora em Linguística, com ênfase em Análise e Processamento Automático de Línguas Naturais (PLN), pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Possui graduação em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas Respectivas Literaturas pela UFMA.

Atualmente, é integrante da equipe de pesquisadores do projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA). É membro do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Terminologia (GETerm), da UFSCAr. Desenvolve pesquisas em Linguística, atuando, principalmente, nas seguintes áreas: Sociolinguística, Lexicologia e Terminologia.





